

# ETEB

**Escola de Teologia Biblos**

PNEUMATOLOGIA  
SOTERIOLOGIA  
EPÍSTOLA AOS HEBREUS

**Módulo III**

**Médio-Avançado**

ETEB – Escola de Teologia Biblos  
Rua: Rodolfo Fraga – nº 29, Pitanga – Serra – ES  
CEP 29.169-807  
Tel.: (27) 99997-0398  
CNPJ. 21.185.447/0001-52



Copyright © 2022, Willian Pereira Garcia.

Copyright © 2022, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

**Compra direta e fale conosco:** <https://espacomilfontes.com>

[comercial@editoramilfontes.com.br](mailto:comercial@editoramilfontes.com.br)

Brasil

### Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (UVV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmar Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.<sup>ª</sup>. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Zaira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del País Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Mitidiero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Brito Pereira (UDF) • Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

WILLIAN PEREIRA GARCIA

Pneumatologia  
Soteriologia  
Epístola aos Hebreus



Editora Milfontes  
Vitória, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

#### **Revisão**

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

#### **Capa**

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

#### **Projeto Gráfico e Editoração**

Lucas Bispo Fiorezi

#### **Impressão e Acabamento**

GM Gráfica e Editora

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G2r6p GARCIA, Willian Pereira  
Pneumatologia Soteriologia Epístola aos Hebreus/Willian Pereira  
Garcia  
Vitória: Editora Milfontes, 2022.  
152 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-5389-012-1

1. Pneumatologia 2. Soteriologia 3. Epístola aos Hebreus I. Garcia, Willian Pereira II. Título.

CDD 260

## Credo do nosso Curso

- Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
- Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (II Tm 3.14-17).
- Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34; At 1.9).
- Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19).
- Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
- No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26; Hb 7.25; 5.9).
- No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12).

- Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14; I Pd 1.15).
- No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
- Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (I Co 12.1-12).
- Na Segunda Vinda pré-milenar de Cristo, em duas fases distintas. Primeira – invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; Segunda – visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (I Ts 4.16-17; I Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).
- Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus em favor da causa de Cristo na terra (II Co 5.10).
- No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
- E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Este credo é liberado pela Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil – CGADB.

## Sumário

Credo do Nosso Curso .....	5
Comentário.....	13
<b>Pneumatologia: a doutrina sobre as obras do Espírito Santo .....</b>	<b>15</b>
Introdução .....	17
Significado dos Termos.....	17
Paraklêtos .....	17
Pneuma Ágios .....	18
Ruach HaKodesh .....	19
Theopneustos.....	19
A natureza do Espírito Santo.....	19
O que é personalidade?.....	20
Diversas ações da personalidade do Espírito Santo .....	21
Conceitos errôneos.....	22
A pessoa e a obra do Espírito Santo.....	22
O Espírito Santo e suas obras.....	23
Conceitos errados sobre o Espírito Santo.....	25
I – as Testemunhas de Jeová .....	25
II – os adventistas do Sétimo Dia.....	26
III – Os Mórmons.....	26
IV – Espírita Kardecista .....	27
Conhecendo o Espírito Santo .....	28
O Novo Testamento .....	28
Espírito Santo na antiguidade.....	29
O Espírito Santo no Primeiro Século .....	30
Os símbolos do Espírito Santo.....	31
O Espírito Santo no Dia-a-Dia do Cristão.....	37
I – Vida de Oração .....	37
II – Busca Pela Plena Comunhão .....	38
III – Entendimento das Escrituras Sagradas .....	39

IV – Realização dos Planos do Eterno Deus.....	39
V – Esperança incondicional do arrebatamento.....	41
Pecados cometidos contra o Espírito Santo.....	43
Significado de pecado.....	44
Significado de blasfêmia.....	44
A razão da ausência do perdão.....	44
Outros pecados cometidos .....	45
Conclusão.....	46
<b>Soteriologia: a doutrina da salvação do homem.....</b>	<b>47</b>
Comentário .....	49
Soteriologia.....	51
Significado do termo salvação.....	51
A base da salvação .....	52
O conceito de Armínio.....	52
O conceito de Atanásio .....	53
O conceito de Justino.....	53
O conceito de Lutero.....	54
O conceito de Calvino .....	54
O amor de Deus gerou a salvação .....	55
O conceito do amor e a moral .....	57
O conceito do amor sacrificial.....	58
O conceito do amor voluntário.....	58
O conceito do amor legal.....	59
A salvação a luz do Antigo Testamento .....	59
A salvação antes do dilúvio .....	60
A salvação após o dilúvio .....	61
A salvação a luz do Novo Testamento .....	66
Os elementos da redenção.....	67
A redenção, um projeto eterno.....	68
Conclusão.....	70

**Epístola aos Hebreus: uma mensagem do Senhor para seu povo**

<b>perseguido pelo mundo.....</b>	<b>73</b>
Epístola aos Hebreus .....	75
Significado de Hebreus.....	75
Data e autoria.....	75
Propósito do escrito.....	76
Conteúdo da Epístola aos Hebreus.....	77
A majestade do Senhor Jesus Cristo .....	78
O Herdeiro de tudo .....	79
O reflexo do Pai.....	79
A superioridade de Jesus quanto aos anjos.....	80
Uma aliança familiar.....	81
O filho de Deus no mundo .....	82
A majestade do filho.....	83
A divindade do filho.....	83
A superioridade da salvação em Cristo Jesus.....	84
O perigo de não atentarmos para a salvação.....	84
Jesus Cristo o homem perfeito .....	86
Jesus Cristo o líder da salvação .....	87
A santificação e seu autor .....	87
No melhor exemplo: Jesus Cristo.....	88
A superioridade de Jesus quanto a Moisés.....	89
Nosso Apóstolo e Sumo Sacerdote.....	89
A fidelidade de Jesus é maior que a de Moisés .....	90
O resultado do passado.....	91
Não entrarão no meu repouso.....	92
A superioridade de Jesus quanto a Josué.....	92
O descanso que Josué não pode dar.....	93
Não houve descanso para Josué.....	94
A superioridade de Jesus quanto ao Sacerdócio .....	95
O Grande Sumo-Sacerdote .....	95
O sacerdócio.....	95

O Sumo-Sacerdote .....	96
Detalhes históricos do Sacerdócio Araónico .....	96
A função do Sumo-Sacerdote – 5.1-4.....	97
Jesus Cristo é nosso Sumo-Sacerdote – 5.5-10.....	97
Os desafios no aprendizado – 5.11-14 .....	98
Os perigos de ensinos inadequados.....	98
A catástrofe da apostasia .....	99
Deus jamais mudará em seus ideais.....	102
Melquisedeque e Jesus Cristo: um sacerdócio único .....	103
Análise sistemática do sacerdócio de Cristo.....	105
O sacerdócio do Senhor Jesus Cristo é eterno .....	106
O sacerdócio de Cristo é supremo .....	108
A superioridade de Jesus quanto a Lei .....	109
Jesus é Sumo-Sacerdote Celestial.....	109
O tabernáculo não edificado pelos homens.....	109
Jesus é a oferta permanente.....	110
Jesus possui um sacerdócio diferenciado.....	110
Um tabernáculo superior .....	111
Análise da Nova Aliança.....	111
A superioridade do sacrifício de Jesus Cristo.....	113
O Candeeiro ou Menorah.....	114
A mesa dos pães da proposição.....	114
Os pães da proposição.....	115
O santuário .....	115
O segundo véu.....	115
O incensário de ouro .....	116
A arca da aliança.....	117
O vaso de ouro.....	117
Os Querubins da Glória.....	118
Os rituais sacrificiais.....	119
Concluído o cap.9 .....	120
A superioridade de Jesus quanto aos sacrifícios .....	121

Deus vingará seus inimigos .....	128
A galeria da fé em hebreus .....	128
Um caminho de fé por um vivo testemunho.....	137
Assuntos finais em Hebreus.....	144
<b>Conclusão .....</b>	<b>149</b>
<b>Referências.....</b>	<b>151</b>



## Comentário

Neste módulo, vamos estudar três matérias de muita importância para nosso relevo espiritual e intelectual teológico: Pneumatologia, Soteriologia e Epístola aos Hebreus. Nada mais viável para um estudante das Escrituras Sagradas, que o conhecimento das doutrinas: Pneumatologia, Soteriologia e os escritos de Aos Hebreus. Dentre esses temas doutrinários, vamos abordar assuntos pertinentes a cada uma delas, e desenvolver gradativamente sua exegese.

Não podemos deixar de aprendermos tudo quanto pudermos sobre esses escritos, pois, são eles que comportam esclarecimentos sobre coisas ligadas diretamente a nossa salvação. Exemplos:

a) Pneumatologia nos dá uma verdadeira noção da importância do Espírito Santo em nossas vidas. Passamos a ver a Sua manifestação, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. É o Espírito Santo que nos coloca diretamente em contato com o Pai e com o Filho. Toda obra realizada pelo ministério do Senhor Jesus Cristo, está intrinsecamente ligado ao Espírito Santo. Com a Igreja não é nada diferente! A Igreja age desde seu nascimento em At 2, sob as diretrizes do Deus Espírito Santo.

b) Soteriologia tende a nos mostrar os critérios na nossa salvação. Nesta doutrina, o estudante verá às dificuldades que o homem enfrenta para não perder o foco daquilo que foi dado gratuitamente, pelo Senhor Jesus Cristo: A nossa

Salvação. A salvação, mesmo sendo um ato exclusivo da graça do Senhor, sendo outorgado ao homem de forma gratuita, um preço foi requerida para que ela fosse conquistada. A humanidade jamais teria como pagar o preço que a Lei Moral de Deus decretou como fiança pela transgressão do pecado. Sabendo disto, o Senhor Jesus Cristo, assumindo a forma de homem, veio e pagou o alto preço. Hoje, podemos todos ser salvos, pelo caminho desta salvação, que é a Pessoa do Senhor Jesus.

c) A Epístola aos Hebreus, apesar de ser uma Carta Anônima, ela foi direcionada aos cristãos judeus convertidos que estavam vivendo sob as perseguições dos judeus conservadores. O autor deste documento teve como propósito, alertar aos cristãos que não deveriam apostatar-se da fé em Cristo, retornando aos rudimentos da lei, pois em Cristo Jesus, há maior honra maior glória do que em tudo o que foi revelado no Antigo Pacto. Os escritos Aos Hebreus, embora tenham sido direcionados de maneira específica a esses cristãos, eles nos servem de advertências hoje, para que mantenhamos firme a nossa confiança no sacrifício oferecido pelo Senhor Jesus Cristo.

Enfim, tudo o que vamos estudar nessas aulas, tenho certeza, que será muito importante para você, aluno ETEB. Tenha todos, um bom aproveitamento e, sempre lembrando, que o seu crescimento intelectual teológico depende única e exclusivamente de sua dedicação na busca pelo aprender. Amem!

**Pneumatologia**  
A doutrina sobre as obras do  
Espírito Santo



## Introdução

Estamos iniciando mais uma matéria de estudo teológico, e vamos nos desempenhar aqui, na busca pelo conhecimento sobre a terceira Pessoa da Trindade: O Espírito Santo. Esta matéria conhecida como: Pneumatologia tem como objetivo estudar as obras que a Bíblia conserva em relação a Pessoa do Espírito Santo. Sabemos que não há como estudar a Pessoa, mas, sim, as obras que o Espírito Santo realizou, desde o começo da criação.

Não são poucas as especulações quanto a esta Pessoa Bendita. Porém, nosso objetivo aqui, não é especular sobre O Theopneustos, mas, sim, buscar entender o porquê de tanto amor por um homem que somente aprendeu ofender (pecar) este Ser, cuja essência é o amor.

## Significado dos Termos

Os termos teológicos mais usados quanto a Pessoa do Espírito Santo, em sua maioria, nem sempre é bem compreendido pelos expositores leigos das Escrituras Sagradas. Sendo assim, desejo dar aqui alguns exemplos:

### Paraklêtos

Esta é uma das formas que o Espírito Santo foi pré-anunciado pelo Senhor Jesus Cristo – Jo 14.16. O termo grego no texto citado é “*Paraklêtos*”. BARCLAY assim define este termo: “*Paraklêtos* é uma das grandes palavras características dos escritos joaninos. No quarto Evangelho é usada como um título para o Espírito Santo em Jo 14.16; 14.26; 15.26; 16.7; e na Primeira Epístola de João é usada para Jesus como o Advogado que pleiteia nossa causa com o Pai (I Jo 2.1). É claro que é uma palavra de especial importância, mas quando olhamos os esforços dos tradutores para reproduzi-la em nosso idioma, fica igualmente claro que também é uma palavra de especial dificuldade”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento*. 1 Ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985, p. 153.

Como o Paraklêtos, o Espírito Santo estará sempre junto daqueles que nEle confia para realizar uma defesa diante do acusador. Nada poderia ser mais viável para o homem, do que ter um Advogado junto ao Pai (I Jo 2.1); e outro Advogado junto ao homem (Jo 14.16). Desta forma, não há razão pela qual o homem ser condenado, levando em consideração que é do interesse do Senhor, que este tenha uma defesa justa, sempre que uma acusação for feita contra sua vida.

### **Pneuma Ágios**

Esta identificação da Terceira Pessoa da Trindade pode ser definida da seguinte forma:

a) *Pneumatikos*: Este termo está relacionado, tanto ao Espírito do Senhor, como ao espírito humano. O *Pneumatikos* se integra aquilo ou aquele que possui a natureza da alma racional. Podendo ser definido também como ao “espírito” ou um ser superior ao ser humano, porém, inferior a Deus, que é o caso dos anjos.<sup>2</sup>

b) *Hagion*: O termo que pode definir verdades com a “santidade”. Porém, encontramos mais variações que podem ser destacadas aqui como: 1) “*hagiosune*”<sup>3</sup> referente à majestade, santidade, pureza moral; 2) “*hagiotos*”<sup>4</sup> que define a santidade, a piedade; 3) “*hagios*”<sup>5</sup> que se refere aquilo que é “um santo”, “algo muito santo”. Desta forma, o termo “*hagion*” está relacionado a coisas que, por causa de alguma conexão com Deus, possuem uma certa distinção e exige reverência, como lugar consagrado a Deus que não pode ser profanado.<sup>6</sup>

---

2 Cf. STRONG, James. *Dicionário STRONG*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. [On-line, cód. 4152].

3 *Ibidem*. [Cód.42].

4 *Ibidem*. [Cód.41].

5 *Ibidem*. [Cód. 40].

6 *Ibidem*. [Cód. 39].

## Ruach HaKodesh

No idioma hebraico, o termo: Espírito Santo é definido como “Ruach HaKodesh. Lembrando que o termo hebraico “Ha” é um artigo, e que em português, aponta para o “O”, que é um artigo masculino. Já o termo “Kodesh” é um substantivo do adjetivo “Kadosh”, e que possui o significado de “Santo”. Um grande exemplo de que o Espírito Santo ou Ruach HaKodesh é um Ser pessoal, está em Sl 51.11-12.

## Theopneustos

Este termo ou palavra foi utilizado pelo apóstolo Paulo em II Tm 3.16. Com esta expressão, Paulo confirma que “toda escritura divinamente inspirada”, quer dizer que “toda escritura que é ditada, ou soprada, ou pronunciada pelo Espírito de Deus” é proveitosa. Todos que professam o Cristianismo creem ou pelo menos deveriam crer que a Bíblia é a Palavra de Deus, pois ela foi Divinamente inspirada.

Sendo assim, podemos compreender que o “Theopneustos” significa: “O Sopro de Deus”. Pedro faz a seguinte declaração em sua segunda epístola: *“Sobretudo, devem entender que nenhuma profecia da Escritura proveio dos próprios profetas, isto é, a profecia nunca foi originada pela vontade humana. Foi o Espírito Santo quem inspirou os profetas para falarem da parte de Deus”* (II Pd 1.20). Razão da inerrância ou infalibilidade profética.

## A natureza do Espírito Santo

O Espírito Santo é um Ser constituído de plena personalidade. Sendo assim, o homem pode se relacionar com Ele, sabendo que não será ignorado e não ficará excluído de qualquer resposta à suas interrogações. Todavia, antes de seguirmos com este comentário, devemos entender o significado de personalidade.

## O que é personalidade?

A personalidade deve ser definida como o caráter ou a qualidade própria de uma pessoa. Sendo assim, a personalidade irá revelar a individualidade de um indivíduo e sua plena habilidade de consciência. A personalidade de uma pessoa pode ser distinguida de acordo com as funções ou pelas influências que ele gera em torno de si.

Em se tratando da Pessoa do Espírito Santo, Ele possui em Si mesmo os devidos elementos que prescreve a existência de Sua Pessoa. Em se tratando da Pessoa do Espírito Santo, fica até difícil fazer ou tentar fazer uma óbvia definição de Sua Personalidade, levando em consideração que estamos falando de Deus. O Senhor Espírito Santo, pelo fato de ser Deus, está na infinitude do intelecto humano.

Mesmo que estamos falando de um Ser plenamente Divino, não há como negar o que podemos compreender quanto a Sua personalidade, desde que reconheçamos que o Espírito Santo possui atributos naturais e morais. Entre esses atributos, os mais comunicáveis entre os homens são: Inteligência, Volição, Emoção, Autoconsciência, Autodeterminação. Destarte que, sendo desta forma, podemos concluir que o Espírito Santo possui em Si, as qualidades de Personalidade, que O caracteriza como uma pessoal.

Aceitando a revelação bíblica quanto a Pessoa do Espírito Santo, podemos compreender que Ele é portador dos seguintes elementos:

- a) O Espírito Santo possui nomes que Lhe condicionam a uma verdadeira identificação pessoal – Jo 14.16; I Jo 2.1. Pelos seus nomes, nós seres humanos, podemos nos relacionar com Ele, em especial, no momento de nossas orações.
- b) O Espírito Santo tem Sua própria característica de identidade com a Trindade – Mt 28.19; II Co 13.13; I Jo 5.7. Em nosso processo de alcançar a salvação, tanto o Pai, como o

Filho tem papéis importantíssimos na execução deste projeto. Todavia, sem a Pessoa do Espírito Santo, nós jamais teríamos qualquer possibilidade de nos relacionar com o projeto da redenção. Nem com a Pessoa do Pai ou do Filho.

c) O Espírito Santo pode tomar Suas próprias decisões pessoais – At 15.28. Esta é uma forma de entendermos que o Espírito Santo não foi forçado a realizar o que está realizando em favor dos homens. Tudo que Ele faz, é o resultado da Graça Maravilhosa que Ele disponibiliza em favor do homem.

d) O Espírito Santo pode sofrer uma ação de mentira contra Ele – At 5.3. Sendo o Pai Deus, Ele ama o homem, mesmo após o homem ter comprometido sua comunhão com Ele; assim como o Filho que também é Deus, ama o homem, ao ponto de aceitar morrer por ele, mesmo sabendo que uma grande maioria dos homens O rejeitariam, para que Ele não pudesse salvá-los; o Espírito Santo não é diferente. Ele sabe que o homem pelo seu livre-arbítrio pode escolher a verdade, como também, ele pode escolher a mentira. Mas, mesmo que o homem minta contra o Espírito Santo, este ainda continua amando o homem e buscando convencê-lo de seus pecados – Jo 16.8.

e) O Espírito Santo está sujeito a ser blasfemado – Mt 12.31-32. Esta é uma questão que iremos mencionar posteriormente, no ponto relacionado a “Pecados Cometidos Contra o Espírito Santo”.

### **Diversas ações da personalidade do Espírito Santo**

- O Espírito Santo tem a capacidade de pensar (Sl 40.5; 139.23).
- Ele revela Sua vontade, Ele tem sentimentos diferenciados (At 13.52; Ef 4.30).
- Ele possui a capacidade de revelar coisas ainda inexistentes (Lc 2.26; At 20.23; II Pd 1.21).

- Ele pode condicionar o homem ao ensinamento (Lc 12.12; Jo 14.26; I Co 2.13).
- Ele possui a capacidade de testemunhar das Pessoas da Trindade, em especial o Filho (I Co 2.10; Hb 10.15).
- Ele pode realizar intercessões (Rm 8.26).
- Ele pode se comunicar com os servos do Senhor (Hb 3.7).
- Ele possui a capacidade de liderar nossas vidas (At 13.4; At 15.28).

Ele confirma em nós a obra do Senhor Jesus Cristo (At 2.4).

Quando Jesus fez o anúncio acerca do Espírito Santo, Ele declarou que “rogaria ao Pai, e Ele enviaria o OUTRO Consolador – Jo 14.16”. Palavra usada pelo Senhor Jesus, para identificar a personalidade do Espírito Santo foi “*allon*” que sig. “outro da mesma natureza ou espécie”. Com esta afirmativa, Jesus diz que o Espírito Santo ou o Consolador, não é uma pessoa diferente dele. Assim como Ele é igual ao Pai, o Espírito Santo é igual ao Filho e ao Pai.

### **Conceitos errôneos**

Não são poucos os que se manifestam contra a Pessoa ou Personalidade do Espírito Santo. Para alguns homens com alto nível de formação teológica, o Espírito Santo não passa de uma força ativa da divindade; uma forma de poder que tem sua emanção em Deus. Ignoram determinantemente que o Espírito Santo é parte igual da Trindade.

## **A pessoa e a obra do Espírito Santo**

Poderíamos citar com base de introdução neste ponto At 5.3-4. O Espírito Santo é a Pessoa de um papel importantíssimo no plano redentivo da humanidade. Podemos afirmar que seria impossível ter a criação de todas as coisas, a existência da humanidade, nem ao menos do universo – Gn 1.1-2; Sl 104.30; Jó 33.4. Vale lembrar

que se temos a Bíblia, somos infinitamente e eternamente gratos ao Espírito Santo – II Pd 1.21; os milagres presentes no Novo Testamento em relação à Igreja – Jo 14.26; I Co 2.10; a grande história de Pentecostes em At 2.1-4; e o revestimento de poder prometido pelo Senhor Jesus Cristo – At 1.8.

## O Espírito Santo e suas obras

Aqui, mais uma das grandes verdades quanto ao Espírito Santo podem ser estudadas. A Bíblia possui uma diversificação inumerável de ações e manifestações quanto a Pessoa do Espírito Santo. Entre elas, podemos citar:

### I – Primeiro: *o agente da salvação*

Como o Agente da nossa salvação, o Espírito Santo detém o papel na conversão do pecador. Ele é o Único que pode convencer o homem de seus pecados – Jo 16.7-8. A humanidade jamais conheceria a Pessoa de Jesus Cristo, em especial, Sua Personalidade, se o Espírito Santo não agisse nesta revelação ao homem – Jo 14.16-26. Toda obra que foi realizada pelo Senhor Jesus e se encontram nas páginas do Novo Testamento, só foram conhecidas por causa do Espírito Santo.

Na conversão, encontramos algo que é extremamente necessário: O novo nascimento! E isto só nos é possível, pela ação do Espírito Santo – Jo 3.3-6. É justamente com Ele que o pecador inicia sua entrada no plano de redenção. Antes da conversão, o pecador precisa adquirir seu primeiro contato com este ser maravilhoso. Assim, o homem recebe o Espírito Santo e torna o “templo do Espírito Santo” – Rm 8.16; I Co 6.19.

### II – Segundo: *o agente da nossa santificação*

A santificação do homem tem sua iniciação na conversão. Todavia, não há como o homem ser habitação Espírito Santo, sem que para isto ele reconheça Jesus Cristo como o Único e Suficiente Salvador. Após este reconhecimento, o Espírito Santo passa a habitar no homem convertido, fazendo dele Sua morada. Desta

forma, inicia-se o processo da santificação. Podemos listar aqui algumas das ações do Espírito Santo, após ser residente na vida do convertido:

(1) Ele santifica o homem por intermédio da própria Palavra – Jo 17.17.

(2) Ele torna o homem livre da escravidão do pecado, fazendo-o separado das práticas pecaminosas – 8.1-3; Gl 5.16-18.

(3) Ele nos faz integrados na família de Deus, recebendo o direito de filiação – Rm 8.16.

(4) Ele nos ensina como devemos adorar ao Senhor, dentro dos critérios da verdadeira adoração – Jo 4.20-24; At 10.45-47.

(5) Ele tem o maior prazer em nos fazer conhecer a verdade quanto à oração. Ele conhece que não temos o conhecimento devido para orar com toda perfeição, e por esta causa Ele nos ajuda a orar – Rm 8.26-27.

(6) Ele viu quando o homem foi feito e recebeu os atributos morais de Deus. Mas, Ele também viu quando o homem pecou e esses atributos foram perdidos na queda edênica. Por esta razão Ele quer gerar em nós o Fruto do Espírito, para que possamos reaver o caráter de Deus, como o que nos foi dado no princípio – Gl 5.22-23; I Pd 1.2.

### III – Terceiro: o agente da maior revelação

Na cruz do calvário Cristo realizou a maior ação de seu ministério: A Redenção do homem. Em Atos dos Apóstolos o cenário é do Espírito Santo. No cap.2 Ele realiza o maior dos eventos registrado neste livro histórico do Novo Testamento: O derramamento da Sua virtude sobre os discípulos de Jesus. Nesta ocasião, o Espírito Santo outorga aos servos do Senhor o poder (do grego: *dinamys*) que os capacitariam para realizar grandes feitos sobrenaturais.

Esta ação do Espírito Santo na vida dos servos do Senhor,

também fora vista na Pessoa do Senhor Jesus Cristo em Mt 3.16-17; Jo 1.32-34. Esta ação do Espírito Santo sobre os cristãos é conhecida no meio evangélico como unção. Todavia, a intenção do Senhor foi a de capacitar os cristãos primitivos, para que eles pudessem com poder e autoridade, pregar o Evangelho e distribuir esta virtude aos demais membros da Igreja, em todo o tempo que esta estiver aqui a terra (cf. At 2.39).

## **Conceitos errados sobre o Espírito Santo**

Não é de se admirar que o Espírito Santo seja visto e entendido de forma incorreta por muitos que se dizem entendidos no assunto. Há muitos que buscam de todas as formas despersonalizar esta Pessoa Maravilhosa, dando-Lhe evidências de uma mera influência, ou de uma mera força ativa. Aqui, vamos destacar alguns conceitos incorretos que são ensinados e defendidos quanto ao Espírito Santo.

### **I – As Testemunhas de Jeová**

Sustentando algumas formas de uma enganosa apologia, encontramos alguns grupos religiosos que não se inibem em afirmar inverdades quanto ao Espírito Santo. Em relação Às Testemunhas de Jeová, eles declaram o seguinte:

- a) Baseados em Mq 3.8, eles afirmam que o Espírito Santo é somente uma ação divina, ou seja, uma força ativa.
- b) Baseados em Sl 104.30 e 139.7, eles afirmam que uma das ações de Deus é a de enviar seu Espírito, projetando-o como uma energia para o local que for de necessidade.
- c) Baseados em Gn 1.2, eles afirmam que a tradução hebraica para espírito é “ruach” ou no grego “pneuma”, e que isso se refere à força ativa de Deus; relacionando-o como: o fôlego, ou vento, ou a força da vida presentes nos seres vivos, ou até mesmo as atitudes de Deus.
- d) Baseados em Sl 8.3, eles afirmam que o Espírito Santo é

partes do corpo de Deus; exemplos: “mãos” e “dedos”. Afirmam que, como um trabalhador utiliza-se de suas mãos para executar suas atividades, Deus usa seu “espírito” para algumas funções.

Com esta forma de pensar sobre o Espírito Santo, eles atestam que este “espírito” não é uma pessoa, ou seja, este “espírito” não possui qualquer vontade própria, é Jeová quem o direciona em conformidade com a sua vontade.

## **II – Os adventistas do Sétimo Dia**

Os Adventistas do Sétimo Dia, em adjunto aos ensinamentos de Ellen G. White, formalizam que considerar a aceitação da divindade do Espírito Santo é algo inescrupuloso. Para Ellen G. White, o Espírito Santo é uma mera força ativa de Deus, e pode ser chamado de “espírito de profecia”. A teologia adventista define alguns pontos que vale destacar aqui quanto ao Espírito Santo. Eles definem que o Espírito Santo é: (a) O sopro de Deus, ou seja, assim como todo ser humano tem fôlego (isto é, espírito), Deus tem fôlego; (b) O espírito é o próprio Senhor, ou seja, o Espírito Santo é a mesma coisa quando se fala de Cristo ou do Pai. Desta forma, falar de Jesus Cristo é falar do Espírito Santo, falar do Pai é falar do Espírito Santo. Uma forma de bicotomia divina.

## **III – Os Mórmons**

Sem qualquer tipo de discriminação, os grupos religiosos heréticos em relação ao Cristianismo, não se preocupam em agredir a verdade inquestionável das Escrituras Sagradas. Entre esses grupos, o destaque aqui vai para os mórmons. Uma seita religiosa que nutre contrariedade em relação a vários aspectos da fé cristã. Uma destas contrariedades está na personalidade do Espírito Santo.

Segundo suas doutrinas, os Mórmons creem que os três personagens que formam a Trindade são plenamente distintos, ou seja, separados. O que os unem, em conformidade com a doutrina de Jesus Cristo é o amor e os diversos propósitos. Em uma fala do Senhor Jesus citado em Jo 10.30 quando o Senhor afirma que Ele e o Pai são

um, e em outra fala citado em Jo 17.21, o que é visto pelos Mórmons como uma unidade em proposito, mas, nunca em essência.

Em relação ao Espírito Santo, este é plenamente diferente do Pai e do Filho, pois Ele não possui um corpo. O Espírito Santo é “um espírito” e, portanto, sua participação em todo o contexto bíblico, em especial, no Evangelho, é tão somente o de gerar conforto, revelar a verdade e encorajar os que professam sua fé em Deus.

#### IV – Espírita Kardecista

Entre todos os grupos que se relacionam (*embora de maneira equivocada*) com os assuntos (*assuntos não é doutrinas*) relacionados ao Espírito Santo, os Espíritas Kardecista não poderiam ficar de fora desta listagem. Podemos citar aqui, de maneira bem sucinta alguns pontos sobre o que esta seita define sobre o Espírito Santo. Para eles o Espírito Santo é:

- a) Em primeiro lugar, o Espírito Santo é uma emanção de Deus, uma espécie de ação do Pai Celestial, ou uma graça da Providencia ou do amor de Deus.
- b) Em segundo lugar, o Espírito Santo é visto como sendo uma variação das diversas bênçãos divinas; Ele é simbolizado a uma energia da vitalidade, ou a uma força magnética.
- c) Em terceiro lugar, eles se apoiam em uma passagem bíblica onde Jesus, após ter declarado ou confirmado a infusão dos apóstolos na missão da evangelização dos povos, assoprou sobre ele e disse: “Recebei o Espírito Santo” – Jo 20.22.
- d) Em quarto lugar, o Espírito Santo, segundo os Mórmons, é à base da mediunidade. Ou seja, Ele é a mediunidade, e Ele é quem interagem nesta mediunidade entre a espiritualidade e a humanidade.

Dentro desses conceitos ou pseudoconceito, a mediunidade do Espírito Santo é destacada quando ocorre a inspiração, a clarividência, a predição ou a cura, elementos que são para-sobrenaturais [o que

a Bíblia chama de milagre] na teologia kardecista. Outros diversos tipos de ações que são vistos e conceituados pelos kardecistas sobre o Espírito Santo, podem ser pesquisados pelos estudantes.

## Conhecendo o Espírito Santo

Não devemos prosseguir esta matéria, sem que antes, nos favorecêssemos de informações exatas quanto a Pessoa do Espírito Santo. Diferente dos que acreditam contrário às Escrituras, os cristãos creem que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da Trindade. Sua primeira manifestação direta na Bíblia é registrada em Gn 1.2, dando assim, seguimento em todo o conteúdo da Bíblia.

A atuação do Espírito Santo nas Escrituras foi extremamente marcada quando Jesus anunciou que Ele viria para interagir com os discípulos, logo que Jesus fosse levado de retorno aos céus – Jo 14.16; 16.7. Desde então, o Espírito Santo está com os servos do Senhor, auxiliando em todas às atividades que foram designadas para a Igreja.

### O Novo Testamento

É no Novo Testamento que o Espírito Santo passou a ser conhecido como ainda não havia sido.

- a) No Antigo Testamento a citação do Espírito Santo é encontrada somente em Sl 51.11 e Is 63.10.
- b) No Novo Testamento Ele já é preanunciado pelo anjo Gabriel informando a Zacarias que seu filho João (o Batista) seria cheio do Espírito Santo – Lc 1.15.
- c) A seguir ele informa a Maria que ela seria coberta pela virtude do Altíssimo, logo que o Espírito Santo viesse sobre ela e ela conceberia um filho, que seria o Filho de Deus – Lc 1.35.
- d) Após o nascimento de Jesus Cristo, quando seus pais foram Lhe levar ao templo, um ancião conhecido como Simeão, de bom testemunho e que o Espírito Santo estava sobre ele – Lc

2.25.

e) Agora, aparece Jesus vindo do Jordão e seguindo para o Deserto da Judéia, cheio do Espírito Santo – Lc 4.1.

f) Na sinagoga, Jesus faz uma declaração inusitada quanto à profecia de Is 11.2 dizendo que “O Espírito do Senhor está sobre mim” – Lc 4.18.

### **Espírito Santo na antiguidade**

Uma coisa jamais deve ser ensinada e aceita por quem quer que seja: O Espírito Santo só esteve entre os homens, após o Dia de Pentecostes. Ele sempre esteve com a humanidade, desde que esta veio à existência no sexto dia da ornamentação e criação da terra e do céu. Vale uma breve observação na profecia de Jl 2.28-29. A fala que define o pensamento aqui no estudo é: “*E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne*”. Se o Senhor disse que irá derramar sobre “toda a carne”, é evidente que sobre “alguma carne” este Espírito já tinha uma atuação.

No Antigo Testamento somente os filhos homens tinham direito a herança dos pais. As filhas não poderiam nem reivindicar sobre esta questão. Além disso, os que viviam como escravos, como servos, nunca poderiam sonhar com a possibilidade de herdar alguma coisa de seus senhores. Lembre-se, que esta era uma das grandes preocupações de Abraão: deixar suas heranças para Eliézer, o escravo damasceno – Gn 15.2-3. Todavia, era da intenção do Senhor mudar esta história. Em Nm 27.8 isso começou a mudar. Porém, a promessa de erradicar esta questão foi anunciada mesmo em Jl 2.28.

Podemos entender que o Espírito Santo ser derramado sobre os israelitas, sobre os judeus, sobre os cristãos livres, sobre a Igreja constituída de pessoas da alta sociedade é até aceitável! Mas, ser derramado sobre servos, escravos, velhos, meninos e meninas, jovens, analfabetos, deficientes físicos. Há, isto é inacreditável! Pois é esta promessa que o Senhor veio e confirmou entre os seus – At

10.25-46.

## **O Espírito Santo no primeiro século**

Praticamente, todos os livros que compõem a estrutura do Novo Testamento fazem menção a Pessoa do Espírito Santo, relacionando seus comentários à personalidade deste Ser maravilhoso. Os que se referem a Ele de forma diferenciada integram aos seus comentários a Sua essência divina. Em tudo isso, nós podemos ver que o Espírito Santo é em Si, um ser que tem como natureza a humildade.

A Doutrina do Novo Testamento não deixa qualquer discursiva duvidosa quanto a Divindade do Espírito Santo. Muito pelo contrário, estas doutrinas corroboram entre si, na afirmação de que o Espírito Santo é Deus. Nós podemos conhecer e compreender muito bem esses pontos doutrinários, analisando assim, alguns textos neotestamentários.

a) Em primeiro ponto, o Espírito Santo é mencionado em Hb 9.14, como o “Espírito Eterno”. A eternidade é uma das inclusões dos Atributos Naturais do Deus-Espírito Santo. Por ser Ele eterno por natureza, está mais que comprovado a Sua Divindade, Essência e Igualdade na Unidade da Trindade.

b) Em segundo ponto, o Espírito Santo é um Ser dotado de racionalidade. Segundo o que Paulo descreve quanto a este assunto, ele corrobora com esta verdade em I Co 2.10-11, e declara que o Espírito Santo conhece os pensamentos de Deus, assim como o homem conhece seus próprios pensamentos. Como um ser pessoal, o Espírito Santo pensa.

c) Terceiro ponto, no batismo do Senhor Jesus Cristo, João testifica dizendo: “Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba, e repousar sobre Ele. E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito, e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo” – Jo 1.32-33.

d) Quarto ponto, podemos assim citar o ocorrido em At 5.3-

4, quando Ananias e Safira tentaram enganar os apóstolos em uma liturgia que ocorria em Jerusalém (5.16), buscando fama para si. O apóstolo Pedro sendo uma ferramenta de comunicação do Espírito Santo, Lhe serviu para revelar os feitos deste casal. Com esta informação, podemos entender que o Espírito Santo viu quando eles organizaram este intento de engano, pela Sua Onipresença. Aqui, o Espírito Santo é declarado como Deus – v.4.

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o Espírito Santo tem sua integral participação. Ele foi conhecido pelos homens na antiguidade e convívio com a humanidade pela Igreja nos séculos após o ministério de Cristo Jesus. Podemos assim dizer, que o Espírito Santo é a maior dádiva que o homem poderia ter recebido, como promessa do Senhor Jesus Cristo e beneficência do Pai.

### Os símbolos do Espírito Santo

Como já fora reconhecido em vários assuntos da teologia, a Bíblia é um arsenal de figuratividade linguística. Para a melhor compreensão dos homens, o ideal é buscar identificar e interpretar estas figuras de linguagens. Em se tratando do Espírito Santo, isso não é diferente. Aqui, iremos buscar compreender os símbolos e as mensagens que eles produzem acerca do Deus-Espírito Santo.

Fogo – A declaração de João o Batista em relação à ação do Senhor Jesus, pode ser compreendida em duas formas distintas:

a) *Jesus é quem batiza com no Espírito Santo.* No batismo no Espírito Santo, o crente que o recebe, recebe não somente a evidência de falar em línguas estranhas (At 19.2-7), como também, recebe uma melhor acessibilidade aos dons sobrenaturais (I Co 12.3-11; At 19.11-12). Lembrando que esses dons sobrenaturais já estavam em ação no Antigo Testamento. Todavia, eles são mais evidenciados no Novo Testamento (At 2.43; 4.22; 5.12; 15.4).

b) *Jesus é quem batiza com Fogo.* O batismo com fogo, para

muitos cristãos pentecostais, é uma ação de “*queima de santidade*”, ou até mesmo, uma questão de “*fogo de poder*”. Todavia, o que podemos entender em conformidade com a linguagem bíblica, é que o fogo é um agente purificador. E a igreja não foi ou é purificada pelo fogo. A igreja foi e ainda é purificada pelo sangue do Cordeiro de Deus – Hb 9.22.

Uma análise quanto a esta questão, pode ser relacionada à rejeição que este povo faria em relação a Pessoa do Senhor Jesus Cristo. A mensagem de João Batista já é uma autêntica base para entendermos o que este “batismo com fogo” significaria:

- *Primeiro*: Em Mt 3.10 João Batista diz: “E também agora está posto o machado à raiz das árvores” – Aqui encontra uma fala singular e outra pleural. A palavra “raiz” é singular; subtendesse aqui, que João Batista esteja falando de Abraão, a raiz genealógica de Israel. As árvores são subtendidas como às doze tribos, levando em consideração que esta é uma nação tribal. O machado pode ser subtendido como a Lei do Senhor, que julgará esta nação pelos seus atos no futuro, assim como a julgou no passado e a castigou pelos exílios.
- *Segundo*: Ainda no v.10 João Batista diz: “Toda árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo”. Mais uma vez João Batista faz menção à árvore, conjugando o termo no plural “toda”, relacionando assim, seu diálogo às doze tribos de Israel. Em relação às árvores e seus frutos, Jesus já explicou quanto a isto em Jo 15.1-16.
- *Terceiro*: O fogo é um elemento de purificação e a Bíblia tem diversos textos que corroboram com a metáfora que conclui o fogo com sofrimento ou juízo – Nm 31.23; II Sm 22.13; Sl 80.16; Is 5.24; 10.16; 33.12; Jr 21.12; Ez 1.13; Dn 11.33; Os 7.6; Zc 13.9; I Co 3.15; Tg 3.6; II Pd 3.7; Ap 9.18. Confirmam cada um desses textos, pois eles possuem uma figura de linguagem com deporta o leitor ao entendimento de que o juízo de Deus é representado pela Bíblia como uma ação semelhante à ação do fogo. Todavia, a intenção não é de destruir, mas, sim, de

purificar.

No ministério de Jesus Cristo, já havia uma previsão para de que a mensagem anunciada pelo Filho de Deus sofreria uma rejeição por uma parte da sociedade judaica. Porém, esta rejeição resultaria em um juízo iminente.

*Vento* – Aqui, encontramos mais uma metáfora quanto a Pessoa do Espírito Santo. O vento é algo singular. Não há nada semelhante ao vento. Sua força às vezes é devastadora; sua brisa alenta, refrigera e consola quando estamos em momentos de elevada temperatura; mesmo que não seja perceptível, o vento não tem como ser ignorado quando está agindo. Mesmo que seja considerado como algo abstrato, o vento pode ser sentido. Não temos sem endereço de chegada e nem seu destino quando parte. Todavia, não podemos ignorar que ele vai, mas, não demora, ela vai voltar – Jo 3.8. Não poderíamos ter um elemento natural com tanta propriedade para representar um Ser espiritual e sobrenatural como o Senhor Espírito Santo. O Espírito Santo na vida do homem da seguinte maneira:

- a) Ele alivia suas dores – I Ts 1.6.
- b) Ele refrigera sua alma – Lc 12.12; Jo 20.22; At 13.52; Rm 9.1.
- c) Ele alenta os sofrimentos – Sl 33.21; Hb 10.15-18.
- d) Ele consola no momento de perdas – At 28.25; Rm 14.17.
- e) Ele aconselha, pois conhece a direção certa – Lc 4.1; At 13.4.
- f) Ele fortalece, pois nele há poder (energia) – I Ts 1.5.
- g) Ele é silencioso quando fala – At 19.2; II Pd 1.21.
- h) Ele faz barulho quando atua – At 2.4; 11.15.
- i) Ele é Deus que salva – Is 47.4; Hb 3.7-8.

O Espírito Santo age, atua, realiza seus maravilhosos feitos, independente da condição dos homens. Ele não está limitado aos homens. Lembra-se, o vento não só age sobre a vida dos bons, dos

verdadeiros, dos justos. O vento age sobre a vida de todos. Dando a cada um, a oportunidade de senti-lo e recebê-lo.

*Água* – A água é outro elemento que a Bíblia se assegura em usar na figura de linguagem, como símbolo do Espírito Santo. Podemos então entender que, a água é usada na simbologia bíblica, pois ela tem variáveis ações com importâncias. Entre estas ações, podemos citar:

(a) A água serve para lavar uma área suja. Nosso corpo em atrito com o pecado passa ser visto como algo sujo. Não fosse pela ação do Espírito Santo em nos lavar, jamais poderíamos nutrir um bom relacionamento com Ele.

(b) A água na simbologia do Espírito Santo, não deve agir somente no corpo exterior. Ela precisa agir no interior, confirmando o que fora dito por Jesus em Jo 4.14. A fonte de água nunca permite que o lugar de seu nascedouro seja contaminado ou que venha se sujar. O Espírito Santo agindo no interior do servo de Deus, jamais permitirá que este seja contaminado com os pecados do mundo. A não ser que o crente opte por este desejo e o coloque em prática.

(c) Porém, a água na Pessoa do Espírito Santo, estará pronta para agir, assim que o crente for convencido de sua prática pecaminosa e abandoná-la.

(d) O Espírito Santo não atua somente no ser individual do homem, Ele atua no coletivo também. A Igreja é o corpo “unitário” de Cristo Jesus, e por esta razão, o Espírito Santo é visto em Êx 29.4 e Lv 8.6, como o purificador do ministério; Ez 36.25-28 Ele é visto como o Purificador de toda a Igreja.

(e) O Espírito Santo com conformidade com Tt 3.5 e I Jo 1.9, é o Agente que atua na limpeza de nossos corações, na ação regeneradora de nossa vil natureza pecaminosa, atuando assim, durante todo o tempo de nossa peregrinação sobre esta terra.

*Azeite* – O Espírito Santo na simbologia bíblica do azeite é

uma das mais maravilhosas revelações que os homens poderiam ter. Ao analisar os conceitos bíblicos relacionados ao azeite, fiquei maravilhado. Acredito que isso não será diferente com você. Vejamos o que podemos entender sobre este símbolo do Espírito Santo.

1) Primeiro: O azeite é um elemento extraído da Oliveira. Sem a oliveira, não haverá a possibilidade do contato com o azeite. Jesus é a Oliveira Verdadeira – Jo 15.1. Sem a revelação do Filho de Deus, não há como ter a abundância do Espírito Santo.

2) Segundo: Toda ação que eram desenvolvidas no Antigo Testamento, em relação à lei sacerdotal, deveria estar relacionada como o azeite. Em exemplo a isto, podemos citar:

→ As ofertas de das primícias dos frutos da terra – Êx 22.29-23.16. Lembrando que em algumas traduções bíblicas, o azeite está relacionado a “licores” ou “o que correr dos vossos lagares”.

→ Os dízimos que eram tragos ao Senhor, o azeite era um doa itens obrigatórios – Dt 12.17; II Cr 31.5. Lembre-se, que o dizimo não poderia ser utilizado pelo ofertante. Somente os sacerdotes poderiam fazer a utilização dos dízimos.

→ Assim como o azeite, o óleo era um ingrediente de importância no ministério sacerdotal. Com o óleo ou azeite se produzia o incenso e mantinham acesas às luzes do tabernáculo – Êx 25.6; 27.20-21.

→ Quando os sacerdotes eram indicados para a consagração, eles deveriam ser ungidos com azeite – Êx 29.2.

→ Em vários outros tipos de atividades ministeriais do sacerdócio, tanto o óleo quanto o azeite, deveriam fazer parte integral (cf. Êx 29.40; Lv 14.10-28; Nm 5.11-15; 6.15).

Com esses exemplos, não temos como negar que o Espírito

Santo tivera sua participação ativa no Antigo Testamento, mesmo que fossem em forma de símbolos. No Novo Testamento, a Igreja não precisa fazer uso desses símbolos, pois ela é lugar de habitação do Espírito Santo – I Co 3.16; 6.19.

*Selo* – Aqui está uma das maiores provas evidenciais que nos garante o acontecimento do arrebatamento da Igreja: O Selo. O selo que é uma figura de linguagem do Espírito Santo revela também qual o papel deste Ser maravilhoso na vida dos servos convertidos ao Evangelho de Cristo Jesus. Em conformidade com a revelação neotestamentária, é declarado pelo apóstolo Paulo, três referências ao Espírito Santo como selo:

1) Primeiro: Em II Co 1.21-22, o apóstolo declara que, além de estarmos confirmados em relação à nossa união para realizarmos como participantes, esta obra honrosa, quanto da salvação dos homens, é o mesmo que nos garante um final glorioso nos céus de glória.

2) Segundo: Em Ef 1.13, o apóstolo dos gentios garante que, todos os que ouviram o Evangelho, creram neste Evangelho para salvação, e permanecem acreditando em seu conteúdo, estão selados com o Espírito Santo, confirmando assim, a garantia de todas as suas promessas.

3) Terceiro: Por último, o apóstolo ainda em Efésios 4.30, alude a uma questão de relacionamento. Ele declara que não é favorável entristecer o Espírito Santo, pois Ele é a garantia de nossa redenção. Na verdade, Paulo está alertando aos cristãos, quanto à forma de se caminhar nesta jornada rumo aos céus, buscando sempre manter um modo de vida que alegre ao Espírito Santo e não o contrário.

Entendemos esta questão de “penhor”, na forma de uma garantia. Sendo assim, podemos confirmar que o penhor foi uma parte do pagamento que Jesus Cristo realizou, tendo em vista a certeza de que voltaria para cumprir todo o restante necessário quanto ao plano da salvação do homem. A presença do Espírito Santo na vida do homem é prova inquestionável de sua conversão.

Sendo assim, este Selo, deve ser visto como a maior garantia de que somos propriedade do Senhor (I Pd 2.9) e que estamos indo na direção certa, sem correremos o risco de sermos violados no caminho (I Jo 5.18-19).

*Pomba* – Finalizamos nosso estudo em relação aos símbolos do Espírito Santo, tendo em foco a pomba. A pomba deveria ter sido o primeiro símbolo desta lista a ser estudado. Isto, se levarmos em consideração que ela aparece em Gn 8.8-12 revelando que o juízo das águas havia cessado; em Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32, o Espírito Santo teve papel importantíssimo na iniciação do ministério do Messias. Entre os textos que foram citados, Ele é manifestado como uma “Pomba”.

## O Espírito Santo no dia-a-dia do cristão

É do maior interesse do Espírito Santo que a vida dos servos do Senhor seja preenchida diariamente com a Sua presença. A presença do Espírito Santo na vida diária pode acarretar ao cristão, valores imensuráveis, tais como:

### I – Vida de Oração

Para algumas pessoas, orar é algo desafiador. Para outros, a oração não precisa ser prolongada, em questão de tempo de orar. Já existem os que oram, porém, não sabem a importância da oração intercessora. Mas, ainda existem os que valorizam tanto a oração, que nenhum dos três exemplos citados fazem parte de seus momentos de oração.

A oração não deve ser vista como um “sacrifício”, pois se trata de um momento de diálogo entre o homem e Deus. E, este momento ou diálogo não deve ser visto como um sacrifício, e sim, como um privilégio, uma honra. Saber que podemos falar com Deus, e que Ele quer nos ouvir. Todavia, existem momentos desafiadores para um período de oração.

É justamente neste momento desafiador, onde o crente

não encontra forças e palavras para orar, que o Espírito Santo exerce o papel primordial. Alguns textos bíblicos que podem elucidar estas questões são: At 1.24; Rm 8.26; Ef 6.18; Tg 4.3; Jd v.20. Em todos os momentos da vida cristã, o crente deve colocar sua vida diante do Espírito Santo em oração. A Igreja viveu, vive e será arrebatada, estando sempre em intensa oração no Espírito Santo.

## II – Busca pela plena comunhão

A comunhão não está associada a uma forma de vida desalojada da unidade da Igreja – Ef 4.3-6. Em todo o tempo, a Igreja teve que aprender o verdadeiro significado de “comunhão”: comunhão na doutrina – At 2.42; comunhão na aliança da salvação – I Co 10.16; comunhão no entendimento da Palavra de Deus – I Jo 1.3; comunhão com o Filho de forma incondicional – Rm 14.8; I Co 1.9. No idioma grego, o termo comunhão é “koinonia” e sig. (1) Fraternidade; (2) Associação; (3) Comunidade; (4) Participação Conjunta; (5) A parte que alguém tem em algo; (6) Intimidade.

Quando falamos de comunhão com o Espírito Santo, parece que no passado esta comunhão era mais real, mais constante. Todavia, o que nós percebemos em relação ao passado e de acordo com Stanley M. Horton, às coisas não foram bem assim: “O problema principal tinha a ver com divisões e contendas na Igreja, coisas que provinham da carne, e não do Espírito. Os cristãos baseavam-se nas suas preferências pessoais por Paulo, Apoio e Cefas (Pedro) com o intuito de estabelecer partidos quase políticos. Alguns até mesmo se consideravam superiores aos demais, e se intitulavam do partido de Cristo. Com essas divisões, rompiam a comunhão espiritual da igreja e provocavam discórdias”.<sup>7</sup>

Nós, os cristãos, devemos ter em mente que o Espírito Santo não é uma máquina celestial, nem uma imagem mitológica. Ele é um Ser plenamente real e pessoal. Ele tem os atributos que o Pai e o Filho têm. Nada nele é diferente do Pai e do Filho, senão a Unidade

---

<sup>7</sup> Cf. HORTON, Stanley M. *O que a Bíblia Diz sobre o Espírito Santo*. 1 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

na Divindade. Sendo assim, devemos buscar nos relacionar com o Espírito Santo, como buscamos nos relacionar com o Pai e com o Filho.

### **III – Entendimento das escrituras sagradas**

Quando lemos a Bíblia, logo percebemos que não podemos entendê-la com os recursos naturais – I Co 2.14-15. Não fosse a ação do Espírito Santo, jamais teríamos o entendimento que hoje temos, mesmo que seja um entendimento efêmero em relação à profundidade que a Palavra de Deus possui. Quando nutrimos comunhão com o Espírito Santo, Ele nos faz entender os oráculos divinos, nos mostrando cada verdade bíblica, detalhe por detalhe, para o nosso crescimento.

Todas as mensagens da Bíblia teve uma razão de ser divinamente inspirada. Não uma só pessoa que possa dizer que não dependa das Escrituras. Quando o Espírito Santo inspirava homens para construir este livro sagrado, Ele via a humanidade no futuro, e todos os conflitos que ela sofreria quanto à verdade acerca de Deus. Sendo assim, a Bíblia veio para esclarecer o homem sobre todas as dúvidas que ele poderia ter e tem quanto os assuntos mais complexos em meio à humanidade (cf. Jo 16.12-15).

### **IV – Realização dos planos do eterno Deus**

Não podemos entender de forma diferente qual a prioridade do Espírito Santo, em relação aos planos divinos, senão, o plano da redenção do homem. Muitas pessoas acreditam que Deus estabeleceu o homem na terra e o ignorou após a queda edênica. Outros não acreditam que um Deus Santo, como é o Nosso Deus, se importaria com o homem em um estado tão deplorável de desobediência as suas leis. Para outros, o Senhor só privilegia os que se portam de maneira honrosa, bondosa, caridosa. Os maus Ele não os valoriza. Errado quem assim pensa! A realização dos Planos do Eterno Deus, sempre teve o homem como alvo principal.

Mas, como eu posso explicar esta questão para os que vivem

em desarmonia com a Palavra de Deus? Como posso dizer ao homem pecador que, mesmo ele estando em estado de queda, o Senhor ainda o ama intensamente? A Bíblia nos fala deste assunto, relacionando a isto, a Pessoa do Espírito Santo.

Três pontos podem definir de forma aplausível esta questão, lhe dando, aluno ETEB, a possibilidade de direcionar o entendimento do homem, quanto as principais prioridades do Espírito Santo:

1) Primeiro: *O Espírito Santo na Igreja*. A presença do Espírito Santo na Igreja, não quer dizer que a Igreja seja infalível, nem que está ainda na qualidade de pecadora. Não! A presença do Espírito Santo na Igreja é justamente para exprimir que esta Igreja ainda está na dependência de confessar seus pecados quando estes são praticados. Quando Jesus disse que o Espírito Santo viria para convencer o “mundo do pecado”, Jesus utilizou os termos gregos: “*kósmos peri hamartias*”. Estes termos, em especial o “*kósmos*”, está relacionado a todo o povo que antes eram gentios, mas, que agora, formam a Igreja. Sendo assim, esta é a primeira prioridade do Espírito Santo: “convencer o homem (seja ele igreja ou não) de seus pecados”.

2) Segundo: *O Espírito Santo na Humanidade*. O que podemos entender aqui, é que a prioridade do Espírito Santo em relação à humanidade está no alcance de todos os povos para o plano de salvação. Paulo entendendo esta verdade, ele declarou em Gl 3.8 que o Senhor haveria de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão. Em I Tm 2.4 percebemos que a intenção do Senhor é de que todos fossem salvos – Sl 67.2. A segunda prioridade do Espírito Santo é a de anunciar entre todos os povos e em todo o tempo, a mensagem da salvação da humanidade.

3) Terceiro: *O Espírito Santo no Homem*. Em terceiro lugar, percebemos que a presença do Espírito Santo no homem, tem uma importância impar:

1. Em Rm 8.15-16 o Espírito Santo faz o homem entender que ele foi adotado para ser “filho de Deus” – Jo 1.12. O próprio Espírito Santo é testemunha desta filiação por adoção – Rm 8.11. Desta forma, Ele passa a comunicar riquezas

imensuráveis que estão guardadas nos céus, para dar a esses filhos que passaram a amar ao Senhor – I Co 2.9.

2. Em Ef 1.13, o Espírito Santo é revelado como uma promessa que foi feita e cumprida por Jesus Cristo ao homem. Esta promessa, embora tenha sido revelada no passado por Isaías (Is 44.3) e por Joel (Jl 2.8-9), ela veio ser reivindicada pelo Filho de Deus – Jo 14.16. Hoje, o Espírito Santo está habitando no homem, fazendo assim, cumprir esta rica promessa e levando o homem para mais próximo de sua eternidade nos céus.

3. Em Rm 1.4 temos outra grande razão de o Espírito Santo ter o interesse de morar no interior do homem convertido: Santificá-lo. Esta foi uma ordenança do Senhor no passado (Lv 20.26), porém o homem não conseguia alcançar o nível de santidade que o Senhor desejava para ele. Sendo assim, o Verbo advindo pelo Espírito Santo, deu a grande possibilidade de pelo Verbo o homem ser santificado – Jo 17.17. Toda obra do Espírito Santo no homem, tem a função de promover sua santificação, trabalhando assim seu caráter, sua personalidade, dando-lhe forças de resistência contra os impulsos do pecado e o impedindo de viver em contato com a contaminação presente neste mundo maleficiente.

## V – Esperança incondicional do arrebatamento

O Espírito Santo tem um papel importantíssimo no arrebatamento da Igreja. Embora, haja vista que muitos se declaram ignorantes quanto à ação do Espírito Santo e o arrebatamento da Igreja. Não são poucos os que defendem algumas inverdades quanto a este momento. Entre essas inverdades, vou citar apenas uma. Para alguns, o Espírito Santo irá embora com a Igreja, na ocasião do arrebatamento. Esta não é uma interpretação exegética, hermenêutica e não faz parte da doutrina bíblica do arrebatamento da igreja.

a) Primeiro: *O Espírito Santo veio para a Igreja.* Jesus Cristo

em várias ocasiões fez promessas quanto à vinda do Espírito Santo para estar junto à Igreja – Jo 15.26; 16.8-13. Esta promessa foi cumprida em resposta a fidelidade do Senhor Jesus e a necessidade da Igreja.

b) Segundo: *O Espírito Santo atua na Igreja*. Desde que o Espírito Santo foi derramado sobre a Igreja, Ele permaneceu e ainda permanece agindo com autoridade, revelando Sua participação junto aos membros do Corpo de Cristo – At 2.4; 8.17; 11.15-16; 13.52; 19.2. Esta ação do Espírito Santo acompanhará a Igreja até o momento do arrebatamento.

c) Terceiro: *O Espírito Santo conduzirá a Igreja aos céus*. Este é o momento mais aguardado pela Igreja, desde seu nascimento em At.2. O apóstolo Paulo declara que a Igreja será conduzida pelo Espírito Santo até as nuvens dos céus – I Ts 4.17. Este acontecimento resultará na ida da Igreja, mas, não do Espírito Santo. Este Deus maravilhoso, ainda permanecerá aqui na terra, com ações que estão relacionadas à Grande Tribulação.

1. O Espírito Santo agirá na Grande Tribulação através de Sua Onipotência – Sl 139.7-12. Esta é uma das mais claras evidências de que Ele não irá embora com a Igreja, como é defendido por muitos.

2. O Espírito Santo terá duas testemunhas na Grande Tribulação que profetizará por um longo espaço de tempo – Ap 11.3. Desta forma, entendemos que não há como profetizar, sem que seja pela ação do Espírito Santo – I Co 12.10. Este poder só pode ser concedido pelo Espírito Santo – Rm 15.19; I Ts 1.5; Ap 19.10; II Pd 1.21.

3. O Espírito Santo estará selando na testa os 144 mil israelitas que irão pregar o Evangelho do Reino em toda a terra no tempo da Grande Tribulação – Ap 7.4-8; 14.4. Para que esta pregação seja conduzida aos ouvidos de todos os israelitas espalhados pela terra, somente alguém como o Espírito Santo para lhes capacitar para tal tarefa.

4. Assim como no tempo da Dispensação da Lei, aonde o Espírito Santo vinha somente sobre alguns e não sobre todos. Na Grande Tribulação Sua ação não será diferente, levando em consideração que a Grande Tribulação é o tempo final da Dispensação da Lei. Mas, isso não implica em dizer que não haverá salvação na Grande Tribulação, pois haverá – Ap 7.13-14. Todavia, o que podemos ressaltar aqui, é que o Espírito Santo não estará agindo em convencer o homem de seus pecados, como ocorre na Dispensação da Igreja.

5. Agora, com a ida da Igreja para os céus, o Espírito Santo estará aplicando os juízos que estão determinados para este tempo, a fim de julgar todos os povos. É nesta ocasião que serão abertos os sete selos, tocado as sete trombetas e derramado as sete taças da ira de Deus, que iniciará a conversão da Nação de israel.

Ao concluir estas etapas, o Espírito Santo atuará na restauração da terra para a iniciação do Governo Milenar de Cristo, cumprindo assim, as profecias referentes a esta época – Lc 1.32-33. Quando mantemos um bom relacionamento com o Espírito Santo, todos estes assuntos não são problemas de entendimento, pois Ele se interessa em nos dar todo o entendimento necessário para isto. Hoje, ele está nos ensinando verdades futuras, que jamais iremos nos esquecer.

### **Pecados cometidos contra o Espírito Santo**

Não há dúvidas de que o pecado contra o Espírito Santo não seja algo evitável, embora, deveríamos evitar pecar contra todas as três Pessoas de Trindade. Porém, há pecados e pecados. Nem todo o pecado cometido contra a Pessoa do Espírito Santo deve ser considerado como blasfêmia, mas é possível blasfemar contra o Espírito Santo.

Aqui, nossa atenção estará voltada para o pecado contra esta maravilhosa Pessoa, que é pela Bíblia, considerado como: Pecado de Blasfêmia. O que é blasfêmia contra o Espírito Santo? Primeiro,

devemos entender o que fora dito por Jesus em Mt 12.31. Neste texto Jesus declara: “*Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens*”. Bem, a primeira coisa é entender o porquê Jesus dividiu os termos: “pecado” e “blasfêmia”? Qual a diferença entre “pecado” e “blasfêmia”?

### **Significado de pecado**

Pecado é toda e qualquer forma de ação do homem que possa ser vista e entendida como desobediência as leis morais de Deus. O apóstolo Paulo nos dá uma clarividência quanto ao legítimo significado de pecado em Gl 5.19-21. Esta lista apresenta por Paulo, é uma característica daquilo que o homem pratica e que deve ser considerado como pecado.

### **Significado de blasfêmia**

A blasfêmia é algo mais direcionado. A blasfêmia é uma ofensa direta e consciente que um indivíduo faz, e que pode ser relacionado a uma pessoa, a um sistema, a uma comunidade, a uma religião ou divindade. Existem países que possuem leis que penaliza severamente um blasfemo, podendo resultar em prisão ou morte, dependendo da gravidade da blasfêmia. No Antigo Testamento, a blasfêmia era rigidamente penalizada com a sentença de morte. Jesus disse que quem pecasse, pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, deveria ser punido eternamente.

A blasfêmia não é um pecado qualquer. Não! A blasfêmia é uma ação que o indivíduo pratica e que é considerado como “injúria”. A palavra blasfêmia do grego: “*blaspheméo*” é uma composição de dois termos – “*blátto*” que sig. “prejudicar” e “*péme*” que sig. “reputação”. Sendo assim, a blasfêmia caracteriza-se em prejudicar a reputação do indivíduo.

### **A razão da ausência do perdão**

Se o Pai tiver sua reputação prejudicada, o Filho vem e restaura a reputação do Pai; se o Filho tiver sua reputação prejudicada, o

Espírito Santo vem e restaura a reputação do Filho; mas, se o Espírito Santo tiver sua reputação prejudicada, quem virá para restaurar a reputação inviolável desta Terceira Pessoa da Trindade. O homem não tem uma quarta pessoa da divindade para recorrer. Dessa forma, o pecado não tem como ser intermedia, justificado, expiado e perdoado. A condenação está sacramentada – Jo 12.32.

### Outros pecados cometidos

Outra forma de analisar os pecados que podem ser praticados contra o Espírito Santo e que não é uma blasfêmia, mas, que pode direcionar o homem a cometê-la é:

a) *A Constante Resistência.* Das diversas vezes em que os líderes judeus foram vistos resistindo à ação do Espírito Santo, podemos citar aqui, o eventual caso de Estevão. Não é que eles não criam em Deus. Eles não aceitaram a ação do Espírito Santo na vida de Estevão – 7.51-58.

b) *A Consequência à Resistência.* O Espírito Santo é o Único Ser que tem a possibilidade de direcionar o homem ao arrependimento. É Ele quem nos conduz ao Filho, nos fazendo crer na Sua obra redentora. Se o homem mantiver sua resistência ao Espírito Santo, o homem estará desapropriado de toda a possibilidade de uma vida de restauração, de perdão e de reconciliação com o Criador – Jo 14.26; Rm 8.11; I Co 6.14; 15.15.

c) *Como Perceber Esta Resistência?* Não é muito difícil entender quando estamos resistindo ao Espírito Santo. Esta resistência pode ser vista da seguinte maneira: (a) Não dar atenção àquilo que Ele está nos falando, seja na Palavra, seja na pregação, seja no dom de profecia (cf. Pv 29.1); (b) Procrastinar uma decisão, não é nada favorável. Na maioria das vezes, o Espírito Santo nos revela projetos que devemos executar e que não pode ser postergado. Um exemplo disto é: 1) A decisão em se converter a Cristo como Salvador – Hb 2.3; 2) Atender a ordem da evangelização – Mt 28.19-20; Mc 16.15-16; 3) Desenvolver um ministério vocacional – Jo 15.16.

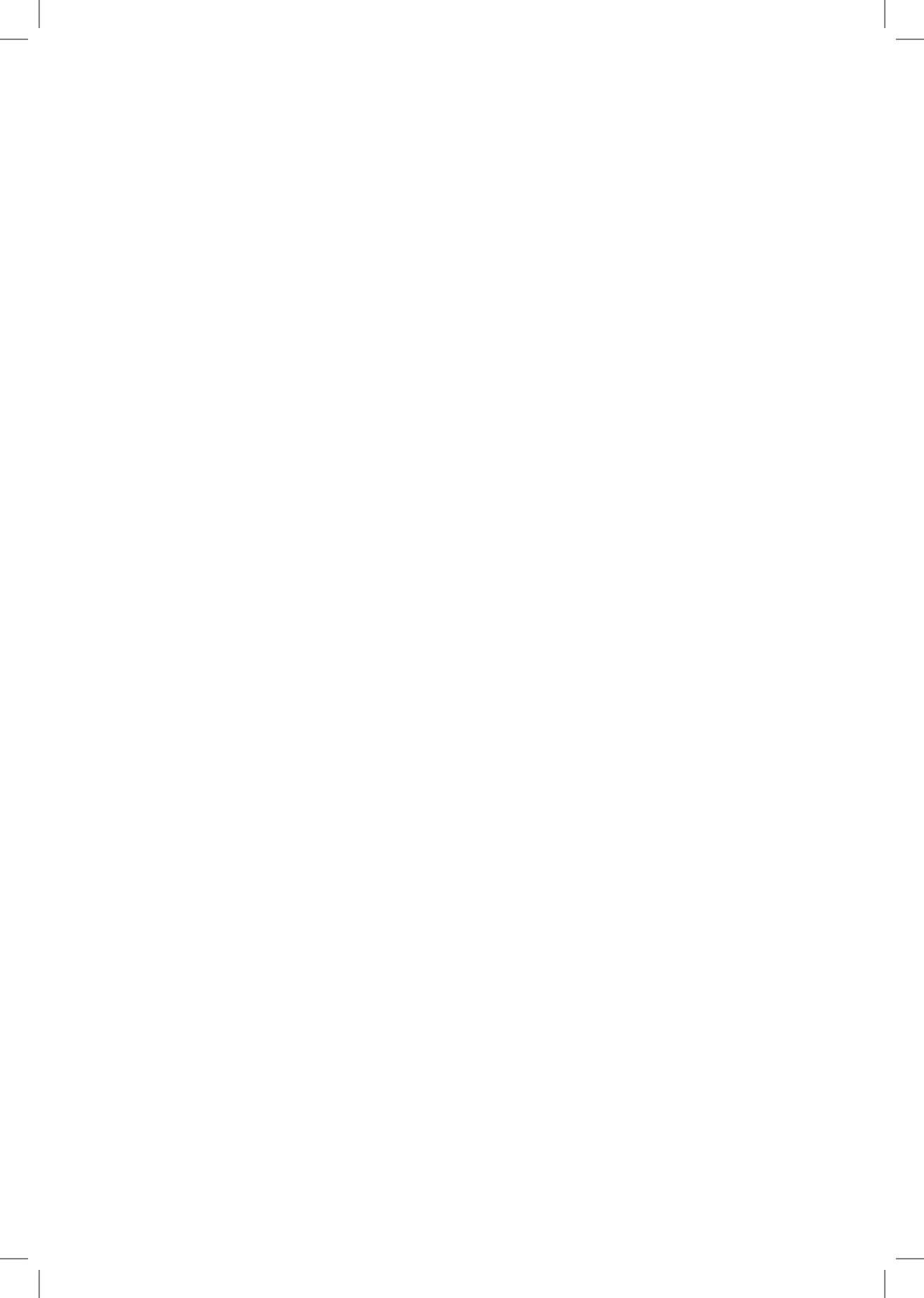
Quando não entendemos o que o Espírito Santo quer de nossas vidas, para que, através de nós, outros venham ao alcance da salvação, então Ele se encarrega de nos orientar. Mas, quando entendemos o que Ele deseja de nós e não aceitamos ou nos esforçamos para executar, então Ele cobrará de nós. Este a questão da ação involuntária e a voluntária. Ele sabe muito bem quando agimos em uma destas duas situações.

### **Conclusão**

Esta matéria é um dos maiores acervos necessários para o crescimento espiritual e intelectual do cristão, quando este deseja conhecer melhor a Pessoa do Espírito Santo. Todos os servos do Senhor deverão ter, não somente o desejo de uma experiência pessoal, mas, o devido conhecimento intelectual quanto à pessoa do Espírito Santo. Quando a ignorância sobre esta Terceira Pessoa da Trindade for removida, e o conhecimento vier a reinar nos corações, não haverá mais restrições entre o homem e seu Deus-Esperito Santo.

# Soteriologia

## A doutrina da salvação do homem



## Comentário

A Soteriologia ou como podemos assim definir, “o estudo acerca da salvação”, deve ser visto e entendido como um dos mais importantes assuntos da teologia. O estudo soteriológico, busca objetivar a compreensão do plano redentivo que o Deus-Todo Poderoso estabeleceu em favor da humanidade. A teologia soteriológica, se estriba em análises sistemáticas quanto aos elementos bíblicos que se destinam a esta revelação. Exemplos que podem ser destacados são: a) o verdadeiro aspecto da salvação; b) a verdadeira natureza da salvação; c) a verdadeira característica da salvação; d) o verdadeiro alvo da salvação.

Diante desta matéria que o aluno está em posse, nossa intenção é estabelecer com esmero, o mais detalhado possível seguimento de estudo no que diz respeito à salvação. Sempre lembrando que a base da salvação, não pode ser outra, senão a bendita graça do Bondoso Deus. A salvação que nos é ofertada pelo Senhor de forma gratuita, prescreve que existem alguns critérios que devem ser observados por aquele que deseja viver esta graciosidade. Deve-se ter em mente que todo o homem que anela pela salvação, precisa adaptar sua vida ao processo redentor, caracterizando assim, um novo estilo de viver. A salvação deve ser aplicada e vista em uma pessoa, muito mais pelos outros, do que por ela mesma. Sendo assim, podemos dizer que a salvação é declarada como uma forma de revelar a verdadeira libertação das amarras do pecado. É revelar um resgate que não é possível ser pago por outro, senão por Jesus Cristo. É a forma de regenerar um homem, fazendo-o nascer de novo, independente da condição que ele se encontra, quando aceita a redenção em Cristo Jesus. É ganhar uma natureza divina, mesmo estando ainda na atmosfera da natureza adâmica. É viver na terra, porém, como filhos adotivos do Deus-Todo Poderoso, só aguardando com esperança o momento de partir para a Pátria Celestial. Esses e outras dezenas de sinônimos poderiam ser utilizados aqui, para identificar e declarar a forma de vida que uma pessoa pode e deve viver após se tornar participante do projeto de redenção do Senhor.

Não é viável que nos dedicamos nos estudos da Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática, sem que adentrássemos com esmero nos estudos da Soteriologia. Todavia, não é recomendável que se aprofundem nos estudos da salvação, sem que para isto, tenha-se antes adquirido a gloriosa experiência pessoal desta salvação. Para que haja uma melhor comunicação da salvação, é preciso que antes, haja um testemunho pessoal de convívio com esta salvação. Falar de salvação sem viver os efeitos da salvação, é mera teoria. E, a teoria não nos traz a revelação da Palavra de Deus, para uma melhor comunicação do que está sendo feito pelo Espírito Santo, na vida dos que ouvem, tanto os estudos, como às pregações que se somam no assunto em pauta.

Oremos ao Senhor, para que nossos alunos e mestres não sejam somente teóricos no assunto da salvação. Que a Bíblia possa ser um instrumento que transforme primeiro o comunicador, para depois, buscar e transformar o pecador não convertido ao Senhor que salva. Que todos os assuntos que serão abordados aqui nesta matéria, possam exigir, tanto de professor quanto de alunos, conversão, regeneração, santificação e comprometimento com o projeto da redenção. Se há o desejo do conhecimento da salvação, então há o desejo de ser salvo. Desta forma, Deus já providenciou o que era necessário para realizar esta salvação. Já está tudo preparado, somente aguardando pelo pecador não arrependido, o ato de aceitar este projeto. Não se esqueçam, a salvação é uma necessidade entre todos os seres humanos, indistintamente de quem seja. Amém.

*Pr. Willian Pereira Garcia.*

## Soteriologia

### *A Doutrina da Nossa Salvação*

Muitos têm um entendimento acerca da salvação. Existem os que acreditam que a salvação é algo legado somente aos que merecem, simplesmente por manterem um padrão de vida ética positiva. Outros acreditam que a salvação é quase que um mérito. Há também os que pensam ser a salvação uma ação predestinada de Deus para algumas pessoas. Todavia, o que veremos nesta matéria, nos elucidará com detalhes o que realmente é a salvação; para quem a salvação foi ofertada; como alcançar esta gloriosa salvação; os passos que Jesus teve que dar, para que esta salvação fosse possível ao homem, etc... Espero que no final desta matéria, não haja mais dúvida quanto aos valores desta tão necessária salvação na vida da humanidade.

### Significado do termo salvação

Quando iniciamos o estudo sobre a salvação, não podemos nos esquecer de buscar compreender o real significado desta terminologia. Sendo assim, vejamos que o realmente significa o termo: Salvação. O termo salvação em acordo com alguns dicionários bíblicos da língua grega.

*I – Primeiro:* De acordo com BARCLEY, podemos assim definir esta terminologia; “O substantivo *sōtēria* significa “salvação” e o verbo *sōzein* significa “salvar”, e certamente é de suprema importância descobrir o que significa a salvação e o ser salvo”.<sup>8</sup>

*II – Segundo:* O termo que revela o autor da salvação de acordo com Edward Robinson é “*sōtēr*” e significa “um salvador”, “libertador”, “preservador”, que salva de perigo e destruição e conduz a um estado de prosperidade e felicidade; no Novo Testamento encontramos o termo “*Sōtēres*” que é atribuído somente a Deus e a Cristo.

---

8 BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento...* Op. cit., p. 191.

Após conhecermos alguns dos pontos etimológicos da palavra salvação, devemos continuar na busca por mais entendimento quanto a este assunto. Sendo assim, seguiremos explorando este tema, no afã de finalizar nossos estudos soteriológicos e absorver o quanto mais sobre este plano redentor de tamanha importância para a humanidade.

### **A base da salvação**

A Soteriologia em si, já é um assunto em extremo, estudo e questionado como algo objetivo e subjetivo. A salvação como uma ação objetiva, está estruturada na obra que fora realizada pelo Senhor Jesus Cristo. Na questão subjetiva, encontramos o homem em harmonia com a ação do Espírito Santo, no que diz respeito ao ato de convencê-lo da necessidade desta salvação. Desta forma, não há como desligar os três sujeitos da Deidade, ou seja, da Trindade, que atuando no mundo em relação à redenção do homem, buscam entre Si, realizar todo o projeto pré-estabelecido para este fim.

Como já estudamos a matéria de Cristologia, não creio que haja ainda alguma dúvida em relação à eficácia da obra redentora que Cristo Jesus realizou. Não obstante, vale ressaltar o que fora dito pelo apóstolo Paulo em II Co 5.18-19, para entendermos que, tanto o Pai, como o Filho, já demonstrou todo o interesse em resgatar o homem da condenação eterna, finalizando assim no Calvário, toda inimizade que fora construída na queda de Adão – Gn 3.1-24.

Alguns conceitos quanto à salvação, podem ser analisados em conformidade com o entendimento teológico dos grandes Patrícios da Teologia Cristã, assim como dos Reformadores da Igreja:

### **O conceito de Armínio**

*Jacó Armínio – 1560-1609.* Ao estudar os conceitos desses grandes vultos da teologia, podemos encontrar nos escritos de Armínio, que o homem é herdeiro da natureza pecaminosa, após a queda de Adão. Armínio concorda que o homem é plenamente incapaz de reagir por si mesmo, em qualquer assunto relacionado à

comunhão com Deus. Segundo Armínio, o homem não nasce com a capacidade de resistir a Deus, no que diz respeito ao “livre arbítrio”, mas, a graça que revela a salvação, esta pode restaurar o homem e lhe dar a capacidade de não resistir a Deus. Desta forma, a salvação é pela graça somente e por meio da fé.

### O conceito de Atanásio

*Atanásio de Alexandria – 295-373.* Analisando o Credo de Atanásio, já temos uma nítida compreensão de seu entendimento quanto à salvação do homem. Este Credo de Atanásio contém 40 itens de alta importância para a conservação da fé primitiva, e por que não dizer da atual. Ele inicia seu credo, já declarando que: 1) Todo aquele que quiser ser salvo, é necessário acima de tudo, que sustente a fé universal; 2) A menos que cada um de nós preserve de forma perfeita e inviolável essa fé, certamente perecerá para sempre. Sem a fé, a graça da salvação nada resultará em seu pleno objetivo.

### O conceito de Justino

*Justino, o Mártir – 100-165.* Para Justino, a salvação jamais poderia ser alcançada, se o pecador a desejasse por meio da Lei de Deus dada a Moisés. Ele entendeu que a Lei foi dada, tão somente para que os homens (A Nação de Israel), não deixassem de olhar para Deus e O esquecessem. Em uma parte de sua apologia a fé salvadora, Justino declara: “E há pessoas que não se atrevem a dirigir a palavra, nem a oferecer seu lar a elas. Mas eu não concordo com essas pessoas. Se pela fraqueza de sua inteligência continuam ainda observando o que lhes é possível da lei de Moisés, o que sabemos ter sido ordenado por causa da dureza de coração do povo, e juntamente com isso esperem em Cristo e queiram guardar o que eterna e naturalmente é justo e piedoso, e se decidam a conviver com os cristãos e fiéis, e não procure como já disse persuadir os outros a se circuncidarem como eles, a guardar os sábados e outras prescrições da lei, eu estou de acordo com os que afirmam que

se deve recebê-los e manter completa comunhão com eles, como homens que têm os mesmos sentimentos que nós e são irmãos na fé”.<sup>9</sup> Por mais que Justino não condenasse um relacionamento entre Judeus Ortodoxos e Cristãos, ele ponderava tão somente que este relacionamento não resultasse em uma persuasão, para que os cristãos desejassem as práticas da lei.

### O conceito de Lutero

*Martinho Lutero – 1483-1546.* Quando falamos de salvação na visão de Lutero, logo percebemos que este memorável homem de Deus entendia que a salvação não poderia vir ao homem, se não fosse pela bendita graça do Senhor. Ele defendia a verdade de que, não há alguém que possa receber a salvação por méritos, se não pela misericórdia de um Deus que ama o homem. A promessa do Senhor em relação à salvação vem ao homem de forma gratuita, porém, o homem deve atender os critérios desta gratuidade. Baseado em Rm 1.6, o critério da salvação gratuita, depende de que o homem prossiga, sempre olhando para o alvo de sua salvação, Jesus Cristo, o Salvador, com a fé que o leva a crer na bondade de Deus, mesmo estando este homem morto em seus delitos e pecados – Ef 2.1-8.

### O conceito de Calvino

*João Calvino – 1509-1564.* Nascido em Noyon, a o Norte da França, Calvino se integrou nos assuntos relacionados à Bíblia e a Igreja, desde muito novo. Segundo sua biografia, Calvino se formou em Mestre em Teologia com ainda dezoito anos de idade. Para Calvino, a salvação era uma questão da escolha de Deus, conhecida como “Teologia da Predestinação”. Somente Deus teria o poder de dar ao homem que desejasse a salvação, e não uma questão de “livre-arbítrio”.

É muito difícil entender como uma pessoa não consegue ver nas Escrituras, que a salvação é uma dádiva de Deus-Pai revelada

---

<sup>9</sup> Cf. PATRÍSTICA. *Justino de Roma - I e II Apologias Diálogo com Tristão*. 2 Ed. São Paulo: Paulus, 1995.

em Cristo Jesus – O Filho Unigênito, condicionada a aceitação do homem caído – Jo 3.16; Ef 2.8. Se o homem não crer e não buscar, ele mesmo declara sua refutação a este dom – Sl 78.22; II Ts 2.12.

A salvação é algo que depende da fé do homem em Deus, para que este por sua fé possa ser justificado – Rm 1.16-17; 10.9-11,17; Gl 3.26; I Co 15.2; Lc 18.42. Ao dar as ordens imperativas quanto à evangelização do mundo, Jesus declarou palavras como: “se crer”, “quem crer” (cf. Mc 16.16), dando a entender que a escolha deveria ser do homem; “será salvo”, significando que esta salvação teve seu plano executado no sacrifício de Cristo, mas, que será vivenciada na vida do homem no futuro – Gl 5.5.

### O amor de Deus gerou a salvação

Como já foi compreendido sobre a base da salvação, compreenderemos agora, que sem o amor de Deus-Pai, a salvação jamais poderia ter sido gerada. Não fomos alcançados por um amor comum. Não fomos resgatados, por um sentimento qualquer. Foi o amor maior, ao o amor: “Ágape de Théus”, que sem qualquer relacionamento com o comum, ou com o natural, se moveu em um passado não cronometrado, conhecido como “*Eternidade*”, que por si só, se movimentou em direção do homem – Jo 3.16.

Em Jo 3.16 o amor de Deus é o motivo ápice que possibilitou a vinda do Messias, para resolver um dano universal causado no Jardim do Éden – Gn 3.1-10. O homem era atraído pelo som da voz do Eterno. Mas, o pecado de início, se revelou como um agente separador de relacionamento. Primeiro, o pecado danificou o relacionamento do Criador com a criatura; após isto, ele comprometeu o relacionamento do homem e a mulher; sua continuação foi gerar sentimentos invertidos a natureza do Criador:

- a) O pecado fez que Caim sentisse inveja de seu irmão – Gn 4.5. Este ainda é um dos maiores males que assola a humanidade, fazendo-a se degradar de todos os princípios éticos que o Senhor estabeleceu para o bem do ser humano.

b) O pecado fez Caim mudar sua fisionomia de bem, para uma desagradável – Gn 4.6. O que aparentemente sugeria ser algo aprovável pelo Senhor, na verdade, era só uma máscara que aguarda o momento devido para se revelar. A verdadeira face do mal em algumas ocasiões pode até se revelar com aparência religiosa. Todavia, quando Deus manifesta a verdade, a mentira é imediatamente revelada. O homem só consegue enganar seu semelhante, enato o Senhor não interfere na situação.

c) O pecado iniciou em Caim, uma forma de dominar o homem, e não ser pelo homem dominado – Gn 4.7. O que na verdade era para ser o oposto. O Senhor sabe que o homem pode ser líder sobre seus impulsos carnis. O homem tem o livre-arbítrio que lhe foi concedido no dia de sua formação do pó da terra. Ser dominado pelo pecado, em muitas das vezes, pode ser uma opção do homem, e não uma escravidão.

d) O pecado fez Caim cometer um erro maior que o anterior, ele matou seu irmão – Gn 4.8. Hoje, não são poucos que se revelam como “Cains” entre os servos do Senhor. Há muitos que por não receberem uma dádiva dos céus, buscam a morte daquele a quem a dádiva foi entregue. Mas, por que Deus dá uma dádiva a uma pessoa e não dá a outra? Simples! Porque o Senhor outorga ao homem, o que Lhe será fonte de glorificação. Se o homem não consegue ver com alegria seu semelhante ser usado pelo Senhor, e glorifica-Lo. Imagine se fosse ele quem estivesse sendo usado! A glória, com toda certeza, não seria direcionada a Deus, mas, sim, seria retida para o louvor de seu egoísmo.

Somente alguém superior ao pecado, poderia remover o homem das amarras deste mal. Todo o ódio que o pecado construiu no coração de Caim, foi se multiplicando entre a humanidade – Gn 6.5-7. Não fosse o amor de Deus se revelando na Pessoa do Senhor Jesus Cristo, acredita-se que a humanidade não existiria mais.

Então, o que precisamos compreender sobre este tão grande amor, que resultou na salvação do homem? Podemos classificar este tão grande amor, de acordo com as Sagradas Escrituras, em quatro pontos distintos: Moral, Sacrificial, Voluntário e Legal.

### O conceito do amor e a moral

No ato da revelação de Cristo Jesus, a mensagem que foi anunciada por João Batista, declarava que o Cordeiro de Deus, possuía a legalidade de remover o pecado, não somente e uma pessoa, como de toda a humanidade – Jo 1.29; I Jo 2.2; 3.5. Com textos iguais a esses, não temos dúvidas de que a salvação foi algo que veio de Deus-Pai, por intermédio do Filho, dando condições de todos os homens escaparem da condenação eterna.

Quanto à legalidade de Jesus Cristo comprar com o Seu sangue uma humanidade, podemos ver da seguinte forma:

- a) Ele é o Justificador do homem – Rm 5.9.
- b) Ele é o Resgatador do homem – At 20.28.
- c) Ele é o Remidor do homem – Ap 5.9.
- d) Ele é a Acessibilidade do homem – Hb 10.19.
- e) Ele é o Redentor do homem – Cl 1.14.
- f) Ele é o Sacrifício do homem – Hb 11.28.
- g) Ele é o Santificador do homem – Hb 13.12.
- h) Ele é o Propiciatório do homem – Rm 3.25.

Poderíamos citar aqui, mais uma inumerável quantidade de textos que relacionam Cristo tendo a legalidade de adquirir o homem, pelo seu próprio sacrifício. A nossa salvação não é uma questão de opção humana. A nossa salvação é uma escolha que Ele fez, interagindo com o amor do Pai e do Espírito Santo. Pelo preço que Ele pagou, agora temos a oportunidade de ter removido de sobre nós, o peso da condenação – Mt 11.27-30.

## **O conceito do amor sacrificial**

O Antigo Testamento é uma plataforma de rituais sacrificiais que apontam diretamente para Jesus Cristo. Esses rituais são chamados de “Rituais Tipológicos”. Esses rituais revelam detalhes específicos do ministério de Jesus, que foram executados no Novo Testamento: Abel deitou sobre o altar o cordeiro principal – Gn 4.4; Hb 11.4; Abraão deitou o seu primogênito Isaque sobre o altar – Gn 22.9; Tg 2.21; Jacó, sem saber o que fazia, representou o que seria feito por Jesus – Gn 31.54; Moisés sem ter em mente o real significado do que deferia fazer, encenou algo que se repetiria 1500 anos posteriormente – Êx 12.5-10; Mt 26.26-29.

Podemos assim, entender que Jesus Cristo estava aqui na terra cumprindo algo que já havia sido concordado nos céus, e que estava em plena legalidade. A salvação do homem teve sua prioridade nos planos do Senhor, mesmo que para sua execução, uma grande dor Ele tivesse que sofrer – Is 53.4-5,10.

## **O conceito do amor voluntário**

O sacrifício que Jesus ofereceu de Si mesmo ao Pai, é chamado de “sacrifício vicário”. Ou seja, Jesus assumiu um lugar que era do homem pecador, estando Ele em forma humana, mas, sem pecado. Pela ação voluntária de Cristo Jesus, os pecadores têm a justificação, a redenção, a propiciação e a reconciliação – Rm 3.24-25; 5.10; II Co 5.18-19. Esses assuntos precisam ser pregados, ensinados, e discutidos, pois fazem parte da base de nossa salvação.

Jesus Cristo quando Se ofereceu na Cruz do Calvário, Seu ato vicário, realizou a obra triunfante, dando a todos os que nele vissem a crer, a vitória sobre toda condenação advinda do pecado. Toda maldição que a lei direcionava ao homem, por consequência de seus pecados, foram crucificados com Cristo Jesus na cruz – Is 53.4; Mt 8.17; I Pd 2.24.

Outra coisa que não pode deixar de ser destacada aqui, é que o sacrifício ofertado pelo Senhor Jesus Cristo, não necessita de outro.

Sua entrega voluntária, fez daquele sacrifício, um sacrifício único, um sacrifício perfeito em lugar de homens pecadores imperfeitos – Mc 10.45; 14.24; Lc 22.20. Destarte que, o sacrifício que Jesus ofereceu, além de ser perfeito, é único e não necessita de outro para alcançar a vida do pecador – Hb 9.27-28.

### **O conceito do amor legal**

Com a conclusão do sacrifício de Cristo Jesus, a nossa velha condição de pecadores condenados, fora largamente removida, dando lugar assim, para uma nova posição diante do Criador. O pecado nos fez herdar o juízo, a condenação. Jesus recebeu este juízo em nosso lugar Ef 2.8. A sentença do pecado que estava sob a humanidade, fora removida por Cristo, quando Ele derramou sua vida em sacrifício pelo homem – Ef 2.1.

Quando o Pai recebe o sacrifício do Filho, Ele torna legal ao homem, tudo aquilo que o homem não tinha direito, removendo tudo o que era por direito ao homem. O homem não tinha direito de receber os céus como herança, Cristo assim o deu; o homem era por direito herdeiro da condenação, Cristo assim lhe removeu. Esta ação do Senhor, trouxe benefícios eternos aos homens; riquezas inegociáveis; valores inconquistáveis existentes somente nos céus de glória.

### **A salvação a luz do Antigo Testamento**

A salvação é um assunto muito questionado pelos cristãos, quando se trata de Antigo Testamento. Isso, por ser de aceitação para muitos, que no Antigo Testamento não houve uma ação salvadora de Deus em relação ao homem, que pudesse conduzi-lo à Vida Eterna. Olhar para o plano de salvação, somente à luz do Novo Testamento, perde-se muito em conhecer a revelação do amor de Deus através do Antigo Testamento. Aqui, veremos que no Antigo Testamento houve sim, um projeto redentivo ativo, e que por ele, muitos alcançaram a salvação.

## A salvação antes do dilúvio

Não é de nossa intenção aqui, estabelecer um estudo sobre a História Veterotestamentária. Nossa intenção aqui é tão somente produzir uma informação que possa elucidar a redenção do homem em um tempo, onde o pecado estava no início da devastação do relacionamento do Criador com a criatura. Para isso, vamos associar a este estudo alguns testemunhos que direcionam nossa atenção ao projeto redentivo em um tempo ainda muito remoto.

### I – Primeiro: *a salvação na casa de Adão.*

Em Gn 3.1-7 o ocorrente no Paraíso foi a maior de todas as tragédias que poderia ter vir sobre a humanidade. Nada foi tão danoso, quanto o momento em que Adão e Eva entram pelo caminho da desobediência. Os recursos que eles buscaram para resolver o problema adquirido, jamais seriam suficientes, pois o pecado, antes de atingir o corpo físico daquele primeiro casal, atingiu sua alma e seu espírito. Somente alguém que conhece esta região, poderia entrar como intermediário, e livrar o homem das eternas consequências. O que Adão e Eva deveriam fazer para iniciar a solução do problema gerado era confessar o pecado com um coração arrependido.

### II – Segundo: *um plano de salvação para Caim.*

Em Gn 4.6-7 o Senhor analisou o interior de Caim, e averiguou que nele havia o desejo do mau. Porém, o Senhor deu a Caim uma oportunidade de reconhecer seu erro e voltar aos fundamentos dos bons princípios. Caim era para ter aprendido que o primeiro passo da salvação, é reconhecer o erro e resisti-lo. Cair o semblante, ou seja, ficar entristecido com as pessoas, por que algo não deu certo; por que os planos não saíram da maneira que fora programado, não significa que estamos no caminho da solução. Era preciso ele aceitar que seus pensamentos eram incorretos e buscar uma mudança de dentro para fora.

### III – Terceiro: *o encontro da salvação por Enoque.*

Em Gn 5.21-24 encontramos o testemunho de alguém que teve um encontro com Deus. Não posso afirmar que Enoque

conhecia o Senhor de forma experiencial, mas, posso deduzir que ele já havia ouvido falar do Senhor. E, pelo que parece, o encontro pessoal de Enoque com Deus, foi justamente no ano em que ele veio ser pai do homem que mais viveu sobre a terra (*Matusalém viveu novecentos e sessenta e nove anos*), em aceitação com a informação de Gn 5.27. Duas coisas eu posso entender aqui: *a) Primeira* – que uma vida com Deus pode garantir uma melhor longevidade sobre esta terra; *b) Segunda* – que nossa dedicação e perseverança em estar ao lado do Senhor, certamente, nos dará a garantia da vida eterna.

#### IV – Quarto: *um plano de salvação familiar.*

Em Gn 6.8, encontramos a razão da salvação em todos os livros das Escrituras Sagradas. Em especial, no Antigo Testamento: “Noé, porém, achou GRAÇA aos olhos do Senhor”.

- A Misericórdia do Senhor é a articulação da redenção do homem – Lm 3.22; I Co 11.32.
- A Bondade do Senhor é o que movimenta suas mãos em direção ao homem necessitado – Sl 23.6; 27.13.
- O Amor do Senhor é o que Lhe faz olhar para o homem e o desejar para Si – Sl 106.8; Is 63.9; Sf 3.17; Ef 2.4.
- Mas, é pela GRAÇA que o Senhor se levanta para buscar o homem que está destinado a morte eterna – At 15.11; Rm 3.24; 11.6; I Co 1.4; II Co 9.15; Ef 2.5-8.

A graça do Senhor é o alicerce de todos os projetos que advém dos céus para o homem na terra. Não há uma só ação do Altíssimo que não seja movida, senão pela graça. A graça do Senhor faculta o homem entrar em regiões impenetráveis. Se não fosse pela graça do Eterno Deus, o homem não viveria sequer os elementos naturais da criação. Tudo é resultado da bendita graça do Senhor.

#### **A salvação após o dilúvio**

Se, antes do dilúvio a salvação foi revelada pela graça do Eterno Deus, após o dilúvio não poderia ser diferente. O que

iremos encontrar agora faz nos ver como a graça do Senhor pode se tornar abundante. Os projetos redentivos do Senhor, revelados nos personagens pós-diluvianos, somam esta abundância.

I – *Uma aliança com Noé.*

Ao lermos Gn 8.20-22, entendemos que o Senhor olha para o homem, sempre em uma direção que possa revelar Sua graça. Deus foi alcançado pelo cheiro do sacrifício que Noé ofereceu ao Senhor. Este sacrifício fez Deus declarar () verdades:

- *Primeira verdade* – v.21a. A terra não seria mais amaldiçoada por causa do homem. Observamos que havia uma maldição na terra, causada pelo princípio da ação do pecado: (1) A maldição advinda de Adão – Gn 3.17; (2) A maldição advinda sobre Caim – Gn 4.11; (3) A maldade multiplicada no coração do homem – Gn 6.5; (4) O pensamento do homem possui maldade desde sua tenra infância – Gn 8.21. Esta maldade foi declarada pelo Senhor, como passiva de juízo, porém, este juízo não iria mais vir na mesma forma ou dimensão.
- *Segunda verdade* – v.21b. O Senhor declara que conhece o coração do homem desde sua infância. Seus pensamentos, seus projetos, seus interesses, sempre conduzirá o homem para um caminho diferente do caminho do Senhor. Seria necessário mudar o homem de dentro para fora, para que este pudesse ser restaurado (cf. Jo 3.3-7).
- *Terceira verdade* – v.22. O Senhor, agora promete que conservaria tudo que Ele criou, enquanto Ele conservar a terra. Não sabemos se um dia tudo que fora criado, deixará de existir. Mas, podemos ter certeza de uma coisa, até a própria natureza, será alvo da graça do Senhor, porquanto Ele a conservará como fora criada, apoiado em Sua promessa de salvação (cf. Gn 9.6-16).

Hoje, a humanidade não compreende certas ações do Senhor, porque ignoram Sua Palavra. Mas, é por esta Palavra, que a terra

tem sido conservada e sustentada, para a realização dos projetos eternos que se revelou em Cristo, e que ainda se revelará num futuro indefinido.

## II – *Uma aliança com Abraão.*

Não é de se admirar que os israelitas sejam tão confiantes nas promessas do Senhor. De todas as alianças do Antigo Testamento, nada se compara com a aliança do Senhor a Abraão. Esta foi a revelação de Deus em que os planos de salvação vieram ser solidificados em um tempo em que a humanidade não fazia qualquer idéia do que estaria por vir em seu futuro.

A aliança do Senhor com Abraão, diferente das demais alianças, produziu a esperança de um povo que seria portadores de profecias condicionais e incondicionais:

- As profecias *incondicionais* são aquelas que não dependem do homem para qualquer ação. O próprio Senhor estabeleceu, e Ele mesmo executará. Um exemplo disto está na fala do Senhor quando diz: “E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome” – Gn 12.2.
- As profecias *condicionais* são aquelas que dependem do homem em suas ações. Ou seja, se o homem atender os critérios estabelecidos, ele usufruirá dos benefícios do Senhor. Se não, então não gozará de suas benesses. Um exemplo disto é: “E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” – Gn 12.3a. A segunda parte deste verso é carregada de uma profecia incondicional: “em ti serão benditas todas as famílias da terra”.

Entre os benefícios que esta aliança comporta, devemos nos atentar para o alcance dela em relação a “todas as famílias da terra”. Se há promessas materiais, há também promessas espirituais. E, Jesus Cristo, veio para executar estas promessas espirituais, permitindo que, pelo seu sacrifício, todos os povos e em todo o tempo e lugar, possa ser alcançado e integrado no elenco desta aliança (cf. Gl 3.8).

No entanto, não podemos ignorar que, tanto no Antigo como no Novo Testamento, os critérios para a salvação não são diferentes. A salvação do homem sempre foi uma intenção do Senhor. Desde que a relação do homem com o Senhor foi comprometida com a queda, passou ser declarado algumas exigências para que a comunhão voltasse a existir (cf. Hb 8.4-5; 10.1-10).

### III – *Uma aliança com Davi.*

Em II Sm 7.11-18 encontramos o Senhor fazendo uma aliança com Davi, que está direcionada ao futuro do Messias. Esta aliança tem como objetivo revelar o resultado futuro da salvação, não só dos gentios, como também de Israel. Podemos assim dizer, que Davi entendeu esta fala do Senhor e a declarou no Sl 89.1-4, quando ele afirma: “*A tua semente estabelecerei para sempre, e edificarei o teu trono de geração em geração*”. Não importava se a descendência de Davi não andasse diante do Senhor, assim como ele andou, o Senhor confirmaria sua aliança.

Algumas incorrências foram vistas no histórico relacionamento de Israel e Judá com o Senhor, mas, quando Deus estabelece uma aliança com características incondicionais, esta aliança se torna irrevogável – Is 54.8-10 (cf. Mt 24.35). Não haveria qualquer forma de anular os projetos do Senhor, pois no passado, outros homens confiaram em Deus e se comprometeram com Suas promessas. Sendo assim, o projeto da salvação da humanidade não sofreria qualquer anulação.

### IV – *Uma aliança entre os profetas.*

Não foram com poucos os profetas que o Senhor firmou uma aliança de salvação, tanto dos israelitas, como dos gentios. Podemos entender essas alianças, analisando cada detalhe comunicado pelo Senhor nas profecias:

#### Primeiro: *a salvação dos israelitas.*

- Em Isaías o Senhor prometeu a salvação através do Messias, porém, com muitas dores – Is 53.2-9. Por mais que esta oferta

resultaria em grande jubilo no futuro, o Messias padeceria muito por causa dos pecados de seu povo – Is 49.13; 59.1.

- Em Jr 31.31-34 o Senhor promete fazer uma nova aliança, plenamente diferente da que Ele fez com os hebreus, quando os tirou da terra do Egito. Uma aliança que não estaria compartilhada com os homens, pois não poderia correr o risco de comprometimento pelas fraquezas e dúvidas que o homem sofre nos momentos de aflições. No futuro, os filhos de Israel saberão que o Senhor, nunca lhes deixou desamparados – Jr 23.6.
- Em Zc 8.7 o Senhor mais uma vez ratifica sua promessa de salvação para um povo que está sendo removido de exílio babilônico. Essas alianças ratificadas foram em partes incondicionais e em parte condicionais. Todavia, hoje compreendemos que os projetos redentivos do Senhor para Israel, não se cumprirão sem que para isto, a Igreja seja retirada aqui da terra.

Israel tem sido alvo de muitas restaurações. Cada restauração que Israel vive, ressurge a luz das promessas de Deus feitas aos antepassados deste povo. Todavia, o ápice de todas as promessas de salvação para este povo, está dentro de uma questão condicional. Eles necessitam reconhecer o Messias, para que, por meio dele, eles possam ser reconciliados.

*Segundo: a salvação dos gentios.*

A salvação na foi um profeta nacional. Deus estabeleceu um projeto para salvar o homem, independente de sua origem.

a) Em Is 39.6, o Senhor estabelece, que os gentios seriam alcançados pela Sua palavra, recebendo assim, a iluminação da vida espiritual, podendo sair das trevas espirituais. Não haveria fronteiras que não fossem alcançadas, quando este projeto fosse revelado aos gentios – Sl 98.2; Is 11.10; 12.3; Lm 3.26; Gl 3.8.

b) Em Zc 4.6, o Senhor já inicia um anúncio quanto ao ministério do Espírito Santo, para a conversão do homem

pecador. Declarando também, que a salvação não é um projeto obrigatório. O homem tem toda a oportunidade de aceitar o plano redentivo e ser salvo, como ele pode rejeitá-lo, porém se perder por toda a eternidade – Sl 34.22.

Tanto para Israel, como para os gentios, a salvação é um projeto eterno. Esta salvação dará condições de todos os povos da terra, independente de suas raças viva em novidade de vida. O Senhor hoje habita entre o seu povo. No futuro, é o seu povo que viverá juntamente com Ele, por toda a eternidade.

### **A salvação a luz do Novo Testamento**

O Novo Testamento é a plataforma de elucidação de todo o critério dos projetos redentivos. O sacrifício oferecido no Calvário caracteriza-se o ponto mais importante do ministério humano do Senhor, no que diz respeito o que era necessário para que o homem alcançasse a salvação. Todavia, só compreenderemos o verdadeiro valor deste sacrifício, se entendermos suas primárias razões (cf. Jo 3.16; Rm 3.25; Ef 1.5).

Olhando para o passado, desde a queda até o Calvário, chegamos a uma interrogação: Por que Deus quis salvar o homem? A resposta deve principiar pelo primeiro critério: Deus nunca teve a obrigatoriedade de salvar o homem. Muito pelo contrário, o homem deveria, assim como inda deve ser, castigado pelos seus atos pecaminosos. Não há um homem se quer que possa reivindicar anular a ação da ira de Deus – Sl 14.3; 53.3; Ec 7.20; Mq 7.2; Rm 3.10.

Podemos entender que Deus poderia ter outra forma de salvar o homem, sem que para isto, necessitasse de Jesus ter vindo e sofrido tanto como Ele sofreu. Mas, ponderamos nossos sentimentos e utilizamo-nos de nossa razão.

a) *O Deus Salvador*. Não há qualquer dúvida de que a salvação do homem tem sua origem em Deus. Todos sabem que sem Deus, o homem jamais poderia ter o privilégio de um dia escapar-se da condenação eterna.

b) *O Deus Sacrificado*. Todavia, deve ser aceito que, se o Senhor viesse salvar o homem, estando na única e plena forma Divina, Ele deveria morrer, para que Sua morte fosse vicária em relação ao homem. Daí resta-nos saber se Deus na forma Única e Plenamente Divina, poderia morrer? A resposta é: Não! Na Sua forma Divina Ele é Vida! Ele não morre.

c) *O Deus Humanizado*. Por esta razão, Ele teve que aceitar humanizar-se, tornando-se limitado ao nível do homem, para vivendo como o homem (*mesmo que sem a natureza pecaminosa*), pudesse entregar sua vida no lugar do pecador – II Co 5.18-19. Como Deus, Jesus jamais teria sofrido, assim como Ele sofreu; porém, Ele não teria levado para o Calvário nossos dores; nossas enfermidades; nosso sofrimento, nosso castigo, nossa fraqueza \_ Is 53.2-10.

d) *O Deus Ressuscitado*. Após Sua morte expiatória, Ele foi sepultado. Na sepultura, Ele nos conduziu, para que, na Sua ressurreição, Ele possa nos conduzir aos céus. Esta é a maior grandeza de Seu ministério terreno. Sem esta ação do Senhor, jamais teríamos a bendita graça de nutrir esta esperança.

## Os elementos da redenção

O principal critério para que a salvação do homem pudesse uma realidade, está na predisposição de Jesus, em aceitar se submeter aos rigores da expiação dos pecados. Por isso Ele veio e foi revelado como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo – Jo 1.29. Esta aceitação de Jesus para executar a salvação do homem, pode ser definida da seguinte maneira:

a) *Satisfazendo a Lei*. Quando se entende que o Senhor Jesus Cristo agiu obedientemente em resposta às cobranças da Lei, teologicamente se define que Ele agiu em obediência ATIVA. Esta obediência ativa exigiu que Jesus fizesse cumprir nele todos os critérios sacrificiais veterotestamentários, transigindo-se de Tipo, para Antítipo, e levando-O a aceitar sobre Si, todos os rigores cobrados como punição ao homem

pelos seus pecados. Foi justamente por Ele ter executado todos os critérios da Lei, que Ele é nosso Sumo-Sacerdote eternamente.

b) *Satisfazendo o Sofrimento*. Não seria viável que alguém que não suportasse os horrores que a humanidade merecia, pudesse aceitar substituí-la, assim como foi com o Senhor Jesus (cf. Hb 2.17-18). Este critério que Jesus suportou, é conhecido como: PASSIVO. Nós encontramos a profecia que denota este critério em Isaías 53.4. Isaías fala de seu sofrimento, e isso vai se confirmar no Novo Testamento: a) curando os enfermos – Mt 14.14; Mc 6.13; b) expulsando os demônios – Mc 1.39; Lc 6.18; c) ressuscitando os mortos – Mc 5.41; Jo 12.1; d) paráliticos, cegos e leprosos – Mt 21.14; Lc 22.51; e) perdoadando os pecados – Mt 9.2; Mc 2.5; Lc 7.48.

Jesus não somente suportou todos os sofrimentos que estavam reservados para a humanidade (cf. I Jo 2.2), como também, sobre Ele recaiu a Ira Divina – Rm 1.18-19.

### **A redenção, um projeto eterno**

Todas às vezes que um cristão se dispõe a falar da salvação para alguém, ele tem em mente, o que foi realizado por Jesus Cristo na cruz. Quanto a isso, entendemos que o pensamento de quem evangeliza está focado no projeto da redenção. Este projeto deve ser visto como o mais perfeito de todos os planos revelado ao homem. Todavia, nem sempre as pessoas compreendem esse plano na sua real profundidade. É necessário que esta compreensão esteja na mente dos que falam de salvação. Para isso, vamos destacar alguns pontos focados neste plano, à luz das Escrituras Sagradas:

a) Em primeiro lugar, a salvação foi planejada pelo maior de todos os Arquitetos já conhecido: O Senhor. Foi Ele quem elaborou todos os meios de salvar o homem da condenação eterna. Desta forma, por mais que a Igreja seja a expositora deste plano, é o Senhor quem tem a sua administração. O Pai foi o projetor da salvação, o Filho foi o Executor deste

plano redentor e o Espírito Santo é o Agente aplicador deste projeto na vida do pecador que se arrepende de seus pecados.

b) Em segundo lugar, deve-se reconhecer que a salvação está passiva de agir na escolha daqueles que aderiram os critérios pré-estabelecidos para os que creram; os escolhidos não são por méritos, mas, sim, por uma decisão pessoal de cada indivíduo, quando este se rende ao plano, reconhecendo sua perfeição e eficácia; os que farão parte do momento ápice da salvação serão os que ouviram e aplicaram em suas vidas, todos os elementos doutrinários que tem como propósito, realizar a regeneração do pecador convertido.

c) Em terceiro lugar, não somos o dono de todo o entendimento. “Considerando o fato que a salvação é integralmente uma dádiva de Deus e também uma resposta humana de arrependimento e confissão de seus pecados pela fé em Cristo, significa que temos que agir para manter este glorioso presente de Deus”.<sup>10</sup> Esta é uma das formas de revelarmos gratidão ao Senhor, por tudo que Ele nos fez, faz e ainda fará.

A redenção do homem teve seu início no Antigo Testamento, e prossegue, passando pelo Novo Testamento e chegando aos nossos dias atuais. Redimir é o mesmo que adquirir por um pagamento. Os que são comprados ou redimidos pelo Senhor, tornam-se servos plenamente dependentes de Suas bondades. O termo “servo” advindo do grego é “*dulos*” (muitos pronunciam como “*vulos*”). Geralmente, este servo é visto como um “escravo da casa”, ou seja, um “escravo doméstico”.

A Igreja que Jesus Cristo edificou (cf. Mt 16.18), é formada de homens e mulheres, jovens e anciões, que recebem o título de servos. Neste caso, os servos do Senhor não devem ser intitulados como “escravos”, no sentido pejorativo da palavra. Mesmo que “*dulos*” esteja aplicado como sinônimo. Jesus nos resgatou para Lhe

---

10 Cf. LIMA, Josadak. *Teologia Sistemática I: Deus, Soteriologia, Pneumatologia*. 1 Ed. Indaial: UNIASSELV, 2009.

servir. O termo “resgatar” do grego é “*eksagorázo*”, e tem como base etimológica: “a redenção”, “comprar para fora”. A compra que foi realizada por Jesus, teve como intenção primária, remover o homem da escravidão, dando-lhe plena liberdade.

Há outro termo do grego para definição desta redenção que é “*lutron*” e que significa “redenção”. Segundo BARCLAY, pode ser assim definida: “como regra geral que no AT grego a palavra *lutron* nunca tem outro sentido senão o literal. Sempre significa um pagamento que desobriga o homem de algo que, de outra forma, teria de cumprir compulsoriamente. No AT, o *lutron* pode ser pago pelo próprio homem, ou outra pessoa pode pagá-lo por ele; mas sempre é um preço e um pagamento que o livra de uma dívida e de uma responsabilidade que, de outra forma seria obrigado a liquidar”.<sup>11</sup>

Como podemos observar, muitas são as questões que são levantadas sobre o caráter da redenção do pecador, tanto nas narrativas bíblicas, como nos conceitos etimológicos das palavras gregas que estão relacionadas a este assunto. Todavia, somente em Cristo Jesus, o homem pode e deve nutrir sua fé, que o possibilita ir ao encontro do alcance da salvação. Não há outro meio pelo qual o homem deva ser salvo, além do que foi realizado pelo Senhor Jesus Cristo no ato de Seu sacrifício vicário.

## Conclusão

Nossa salvação é uma dádiva de Deus e por ela devemos sempre estar zelando. Quando o homem deixa de zelar pela sua salvação, nada mais pode ter algum valor para ele. Pois, na realidade da vida, a eternidade deveria ser à base de prioridade de todos. Quando deixarmos este mundo físico, o que nos aguarda é o mundo espiritual. Neste mundo espiritual, existem dois lados plenamente diferentes um do outro: a) O lado dos Céus de glória, onde estar o Senhor; b) O lado de tormento eterno, onde jazem todos os que morreram sem salvação. Não importa se existem os que deixam de

---

<sup>11</sup> BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento...* Op. cit., p. 135.

crer em uma vida pós-morte. O que devemos estar atentos é: Tudo que a Bíblia nos diz, até hoje tem sua real confirmação. Por que a vida após a morte deveria ser uma ilusão? Creia na Bíblia e sirva o Senhor em obediência, pois um dia as cortinas da eternidade vão se abrir, e devemos saber para que cenário nós estaremos indo. Amém.



# Epístola aos Hebreus

Uma mensagem do Senhor para seu povo  
perseguido pelo mundo



## Epístola aos Hebreus

*Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo – Hb 1.1-2.*

É interessante notar como passamos a compreender melhor o ministério de Cristo Jesus, quando estudamos com mais detalhes as Escrituras Sagradas. Diante de tudo que conhecemos sobre o ministério terreno do Senhor Jesus, hora ou outra, nos deparamos com a clara realidade de que ainda temos muito que aprender. Esta epístola ou carta, como melhor se entendem, é um dos documentos neotestamentários que melhor elucida a grandeza da obra que Jesus realizou. E, é justamente neste escrito, que vamos nos dedicar nesta matéria: A Superioridade de Cristo.

### Significado de Hebreus

Antes de prosseguirmos com nosso estudo, necessário se faz que conheçamos o significado do termo: “hebreus”. Em conformidade com a língua hebraica, o termo ou nome hebreu é visto como “*Ivrim*”, ou “*Ibrit, Ivrit*”. O nome “*Ivrit*” em hebraico sig. “povo do outro lado do rio”. Esta é uma história que tem seu início no Livro de Gênesis, no cap.10 do v.21 em diante. Na genealogia de Noé, encontramos seus três filhos: Sem, Cã e Jafé. Os que descenderam de Sem, migraram da Mesopotâmia, atravessando o Rio Eufrates, e vindo para a outra banda. Essa descendência de Sem foi chamado de “*Ibrit*” ou “*Ivrit*” que traduzido é “Hebreu”.

### Data e autoria

Se olharmos com mais atenção para este documento, logo perceberemos que não é somente a autoria que nos deixa desprovido de autenticação, mas, também, a datação do escrito. Este escrito é de um desafio descomunal, pois nos faz obrigados a ler e buscar imaginar

o cenário pelo qual ele foi escrito. Se for para os hebreus que estão dispersos que este escrito foi redigido, então esta dispersão pode ter sido causada por perseguição. As duas grandes perseguições ocorridas no I séc. foi no governo de Nero – 64 d.C. e, no governo de Domiciano em 85 d.C. Podemos então deduzir que este documento foi escrito no final da década de 60 d.C. até o final de década de 80 d.C.

Podemos assim dizer que existem várias opiniões quanto à autoria deste documento. Não há uma forma de identificar exatamente quem foi seu autor, justamente pela questão do estilo da escrita. No comentário de SILVA,<sup>12</sup> ele descreve que Clemente de Alexandria afirma ser de Paulo a autoria em hebraico e Lucas fez a tradução para o grego. Destarte que, estamos diante de um enigma que só a eternidade, se assim for preciso, poderá nos dar o devido esclarecimento.

Orígenes crer na verdade de que somente Deus, na atualidade, sabe quem seja seu real autor; já Tertuliano tinha a lógica disposição de aceitar Barnabé como o devido autor. Além desses vultos da teologia patrística, outros teólogos como: Jerônimo, Agostinho, Lutero, Calvino, não criam que Paulo poderia ser citado como o autor de Aos Hebreus. Todavia, glorificamos ao Senhor, por ter dado sabedoria aos homens que formaram o Cânon e inseriram este documento nos escritos do Novo Testamento, reconhecendo sua divina inspiração.

### **Propósito do escrito**

As perseguições aos cristãos nos primeiros séculos da era do Cristianismo foram à causa de muitas preocupações daqueles que receberam a responsabilidade de apascentar este rebanho do Senhor. Um rebanho que estava sendo persuadido a voltar aos antigos rudimentos da lei, pois os opositores acreditavam que o Cristianismo não passava de uma fraude. Por esta razão que o conteúdo deste documento está em cercar a superioridade do Senhor Jesus Cristo e a grandeza da obra que Ele realizou em relação a tudo o que está envolto no Antigo Testamento.

<sup>12</sup> SILVA, Severino Pedro da. *Epístola aos Hebreus. As coisas novas e grandes que Deus preparou para você*. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2013, p. 10.

Por esta razão que o autor deste documento quis declarar aos seus ouvintes ou leitores, que não valeria apenas deixar o Cristianismo e voltar ao judaísmo, sempre ressaltando que Jesus Cristo é superior aos anjos (Sua mensagem está acima das que os anjos ministraram), a Moisés (Ele é o Nosso eterno Libertador), ao sacerdócio (Ele é o Nosso Sumo Sacerdote Eternamente), aos profetas (Nele se cumpriu toda a profecia), a Lei (Nele a Lei foi plenamente obedecida).

Nos escritos veterotestamentários, nada se compara com a revelação que há de Jesus Cristo em relação ao Novo Testamento. O nascimento de Jesus Cristo entre os homens possibilitou algo que, desde o princípio, não houvera ainda entre os homens: Uma comunhão direta com a Trindade. Através do Senhor Jesus Cristo, o homem voltou sua comunhão com o Pai, teve seu acesso ao melhor e maior Sacrifício, e tornou-se morada do Espírito Santo. Só Cristo Jesus pode proporcionar esta bendita graça a humanidade.

### **Conteúdo da Epístola aos Hebreus**

Não estarei fazendo um comentário sistemático de cada capítulo desta epístola, mas, vou procurar enfatizar o máximo de detalhes sobre os assuntos primordiais que nela contém. Em suma, esta epístola está enfatizando a superioridade do Senhor Jesus Cristo, em relação aos ministérios que foram revelados na antiguidade. Embora, já temos um prévio conhecimento de que para os judeus, tudo que está relacionado à Dispensação da Lei, está acima de qualquer outro elemento ou assunto que se relaciona como YHWH. Por esta razão, eu acredito que o Espírito Santo conduziu a mente deste escritor, para que ele direcionasse aos hebreus convertidos aos Cristianismo, a supremacia do Messias Jesus Cristo, afim de que eles não o rejeitasse e voltassem aos rudimentos da Lei, que até o momento, só os conduziu, mas, não os redimiu.

Os assuntos que aqui estudaremos, podem ser relacionados da seguinte forma, para uma melhor compreensão dos alunos:

- A Superioridade de Jesus Quanto aos Anjos;

- A Superioridade de Jesus Quanto a Moisés;
- A Superioridade de Jesus Quanto a Lei;
- A Superioridade de Jesus Quanto a Arão;
- A Superioridade de Jesus Quanto ao Sacerdócio;
- A Superioridade de Jesus Quanto aos Sacrifícios.

E, com esses temas, nós poderemos compreender perfeitamente a razão pela qual hoje, tanto os judeus quanto gentios e a igreja, devem olhar para o Senhor Jesus Cristo, e nele depositarmos toda a confiança de nossa Eternidade nos Céus de Glória.

### **A majestade do Senhor Jesus Cristo**

Embora não sabemos realmente quem foi o autor deste documento, mas, podemos entender que sua intenção foi a de colocar aos corações de seus leitores, que Jesus Cristo foi honrado pelo Pai, acima de tudo e todas às coisas. Ao analisarmos os primeiros textos deste documento, não temos qualquer dificuldade em ressaltar que ele estava plenamente correto.

No início dos escritos aos Hebreus, o escritor faz uma notável observação quanto à comunicação de Deus no passado, e como Ele se comunica com o homem na atualidade:

*havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho - Hb 1.1.*

Com esta introdução, podemos entender que a intenção do autor, era de enfatizar que a grandeza do Senhor deve estar em destaque. Em Gn 1.1, o autor descreve que “No princípio... Deus”; em Jo 1.1, mais um destaque “No princípio era o Verbo...”; em Hb 1.1, encontramos mais uma evidência “Havendo Deus antigamente...”. Embora o Senhor tenha falado com os homens no passado através de visões, de sonhos, de revelações, de profecias, nenhuma desta maneira ou formas de comunicação, fora suficiente, para revelara a humanidade, o que Jesus Cristo conseguiu revelar.

Não é de minha intenção dizer que a comunicação no passado estava deficiente, estava ininteligível, não! Mas, podemos entender que, toda forma de comunicação anteriormente comunicada aos homens, ficava faltando algum detalhe que deveria resultar em um melhor e maior entendimento na comunicação do Senhor. Em Jesus Cristo, esta comunicação foi extremamente elucidada, não permitindo que, pela revelação do Filho, qualquer entendimento quanto à redenção do homem ficasse na incompreensão. Agora, todos conhecem o Pai, através do Filho e tudo que o Pai desejou para sua criação humana.

### O Herdeiro de tudo

Não é somente o autor deste documento que enfatiza que Jesus é o Herdeiro de todas as riquezas que existem nos céus e na terra – Hb 1.2. O próprio Jesus declarou esta questão em Jo 17.6-7, quando afirmou que a humanidade era do Pai, e o Pai lhe deu como herança. É bem claro que não há como datar o momento em que o Pai fez do Filho o herdeiro de todas as coisas. O que sabemos é que o Filho declarou que “Ele foi feito herdeiro” – Jo 17.6-7; Mt 28.28. A herança está sustentada em “todas as coisas”, o que podemos entender como o salmista testifica – Sl 24.1. Embora, os vers.9 e 10 de João cap.17, declaram que esta herança não está relacionada com a criação universal, mas, humana. Levando em consideração, que a criação cósmica ou universal já pertence a ele por questão de autoria – Jo 1.3,10; Cl 1.6.

### O reflexo do Pai

Quando olhamos para esta fala do autor em Hb 1.3, logo nos vem à mente o que ocorre no universo. Segundo o escritor: KISTEMAKER, ele define esta questão da seguinte maneira: “Ele, que é o resplendor da Glória”. A palavra resplendor deve ser preferível a variações da palavra reflexo, que é fornecida por muitas traduções. A lua recebe a sua luz do sol e simplesmente reflete esses raios de luz para a terra. A lua em si mesma não

possui luz nem emana luz, porque ela não produz luz. O sol como um corpo celeste irradia a sua luz com todo o seu brilho e poder para a terra. Como comparação, nós podemos ver Cristo como a luz radiante que vem do Pai, assim como a luz do sol provém do sol”.<sup>13</sup>

Estas palavras estão em plena harmonia com o que foi dito pelo próprio Senhor Jesus Cristo, que Ele se identificou como a “Luz dos homens” – Jo 1.4-5. Declarando também, que sua Igreja seria vista e reconhecida como a “luz do mundo” – Mt 5.14. Jesus refletiu o Pai em tudo que Ele realizou entre os homens. Por esta razão Ele fez uma revelação de igualde com o Pai (cf. Jo 10.30; 14.8-9).

### **A superioridade de Jesus quanto aos anjos**

*Feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles – Hb 1.4.*

A visão do autor deste documento acerca do Senhor Jesus Cristo, agora será destacada no que diz respeito à superioridade do Senhor Jesus, em relação aos anjos e seus respectivos ministérios veterotestamentários.

Na humanização do Filho de Deus, entendemos que, mesmo sendo Ele na forma de homem, está acima de todas às hierarquias angelicais. Jesus como Deus é Incriado; como homem, Ele foi gerado pelo Espírito Santo. Todavia, mesmo não reivindicando o ser igual a Deus (cf. Fp 2.6-8), os anjos receberam ordens para que Lhe adorassem v.6; Sl 97.7. Pelas Escrituras Sagradas, somos informados da diferença que há entre homens e anjos. Os anjos são seres potenciais, seres mais elevados que os homens. Porém, eles não podem receber adoração, mesmo que um homem venha orá-los (Ap 19.10; 22.9).

Os anjos são seres que foram criados para servir os que herdarão a vida eterna – v.14. Os judeus acreditavam que os anjos eram seres excelentes, por alguns motivos até lógicos:

---

<sup>13</sup> Cf. KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Exposição de Hebreus*. 1 Ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

- a) Os anjos estavam no Jardim do Éden, para auxiliar em sua proteção – Gn 3.24.
- b) O anjo falou com o patriarca Abraão diversas vezes – Gn 22.15.
- c) O anjo falou com o patriarca Jacó – Gn 31.11.
- d) O anjo falou com o profeta Balaão – Nm 22.35.
- e) O anjo falou com Davi – II Sm 24.17; I Cr 21.18.
- f) O anjo falou com o profeta Zacarias – Zc 1.14; 4.4; 6.4.

Foram diversas as manifestações dos anjos no Antigo Testamento. Os judeus criam que a Lei tinha sido entregue por um anjo – At 7.53. Na teologia paulina, ele declara que a Lei foi entregue a um medianeiro (Moisés) – Gl 3.19. Todos os judeus nutriam uma alta consideração e uma grande reverência pelos anjos. Não que os anjos não mereçam certa reverência, pois eles são seres que representam o Senhor na comunicação com os homens no passado, e no auxílio aos membros da Igreja na atual dispensação.

Mesmo que os anjos nutrissem todos os critérios de superioridade aos homens, eles sabiam que em Jesus Cristo havia uma excelência maior que em qualquer outro ser humano – v.4. Jesus era o Filho de Deus e era ao mesmo tempo Deus. Sendo assim, até os anjos caídos (*demônios*) sabiam que Jesus Cristo não era um homem comum – Mt 8.29-31.

### Uma aliança familiar

Se, no texto anterior (v.4) o autor deste documento classifica que Jesus Cristo é superior aos anjos, aqui, ele vai distinguir Jesus Cristo de tudo e de todos. Uma breve observação na colocação distinta entre Jesus e os anjos, é que, na questão de Jesus como homem, Ele foi gerado. E, para gerar, certamente, houve alguns processos que pode fazer de Jesus, uma excelência, mesmo estando na forma de homem. Todavia, quanto aos anjos, eles foram criados pelo poder da Palavra. O Senhor Deus Criador

disse, e eles vieram à existência, tanto em número, como em ordem hierárquica.

O segundo detalhe aqui, está na forma como Jesus veio ser o Filho de Deus – v.5b. Presemos atenção na fala do texto, pois Jesus é Deus, e sendo Deus, Ele é Incriado, ou seja, Ele existe por Si mesmo. Para Ele ser gerado, Ele precisou aceitar uma aliança “*Eu Lhe serei por Pai, e ele me serás por Filho*”. Preste atenção, que na voz do texto, o Pai não está falando com o Filho, o Pai está falando com alguém acerca do Filho. Quem é este alguém? Provavelmente, este alguém é sem dúvida alguma, aquele que viria sobre Maria, e ela conceberia: O Espírito Santo – Lc 1.35.

Jesus, na condição de Deus, aceitou ser feito Filho, para que, por meio deste critério, Ele pudesse representar aquele que foi feito a Sua imagem. Ele teve que se submeter aos limites do homem aqui em baixo, para levar o homem, a viver às maravilhas lá em cima nos céus. Somente para isto e por isto, Ele aceitou ser feito Filho.

### **O filho de Deus no mundo**

Ao lermos o v.6 deste cap.1, logo podemos perceber que existe algo aqui que deve ser mais bem compreendido. O texto declara: “*E outra vez, quando introduz no mundo o primogênito*”. No tocante a primeira vinda de Jesus Cristo, Ele veio na qualidade de homem. E, se Ele despojou-se de toda sua glória, então, Ele não poderia requisitar a adoração, nem dos anjos e nem dos homens. Mesmo que isso não implica em não aceitar.

A fala do texto deixa bem claro que uma ordem está sendo dada quanto a Pessoa do Filho: “*todos os anjos o adorem*”. Se esta fala não estiver relacionada com o Filho na Sua humanização, então, ela deve ser direcionada ao período em que Jesus Cristo virá exercer seu governo no milênio. Nesta ocasião, não somente os anjos, mas, todos os joelhos se dobrarão diante dele e confessarão que Ele é o Senhor – Fp 2.10-11.

## A majestade do filho

Os vers.7-9 encerra uma parte da fala do Pai, em relação ao Filho. No v.7, encontramos um grande contraste entre o Filho de Deus e os anjos. Os anjos foram criados com um propósito único de servirem aos interesses do Senhor. O salmista quando se refere aos anjos, em Sl 104, ele faz a seguinte declaração: “*Faz dos seus anjos espíritos, dos seus ministros um fogo abrasador*” – v.4. O escritor de aos Hebreus usa esta fala com a intenção de declarar a unicidade do Filho, deixando bem transparente, que os anjos são infinitamente inferiores ao Filho de Deus.

- Jesus Cristo é o Filho Unigênito do Pai – Jo 1.14,18.
- Jesus Cristo é o Arquiteto do universo – Pv 8.30; I Co 3.10.
- Jesus Cristo é o Autor da criação – Cl 1.16; Hb 1.10.
- Jesus Cristo é a Autoridade Suprema de tudo criado – Cl1. 17; I Pd 3.22.

O que devemos ter em mente é que o escritor não está buscando defender a superioridade do Senhor Jesus em relação aos anjos, como se o próprio Senhor dependesse desta apologia. O que realmente o escritor deste documento tem em mente, é dar aos seus leitores uma breve informação do quanto eles podem errar ao direcionar a adoração devida única e exclusivamente a Deus, aos anjos que são criaturas disponíveis a Deus e que Lhe adoram ininterruptamente – vers.8-9.

## A divindade do filho

Agora, o escritor finaliza esta parte do discurso nos vers.10-14, colocando em evidência alguns pontos da natureza do Filho de Deus:

- a) Em primeiro lugar, o escritor não se limita em destacar Jesus Cristo, como o Autor de tudo que existe – v.10.
- b) Em segundo lugar, ele faz menção da Imutabilidade do Filho de Deus, quando diz que a terra e tudo que nela existe, envelhece e perece, para o Senhor permanece para sempre – v.11.

c) Em terceiro lugar, o escritor fala da mudança que ocorrerá no futuro, quando o Senhor Jesus fizer Novos Céus e Nova Terra. Todavia, a longevidade do Senhor está dentro de toda a eternidade, seja ela passada, seja ela futura – v.12.

d) Em quarto lugar, o escritor destaca que um dia, todos os que se levantaram contra o Senhor, sejam homens, sejam anjos, serão subjulgados na condição de “inimigos derrotados” – v.13.

e) Em quinto lugar, o escritor fala da ação dos anjos em servirem aos projetos do Senhor relacionados à Igreja, relacionados aos salvos, mesmo após o arrebatamento da Igreja por toda a eternidade – v.14.

Em conformidade com os argumentos de Moody, que diz: “Os anjos servem, conforme está indicado pelo *todos* de sentido amplo; mas seu serviço é sagrado ou “litúrgico” (*leitourgika*), e fazem um serviço aos homens (*diakonian*). Os anjos são, portanto *espíritos ministradores* que servem àqueles *que hão de herdar a salvação*, ou as pessoas piedosas. Este ministério dos anjos está implícito que ainda continua. A palavra salvação (*soterian*) está reservada pelo autor para um desenvolvimento posterior”.<sup>14</sup>

## A superioridade da salvação em Cristo Jesus

Em todos os critérios que encontramos acerca da salvação nos estudos das Escrituras, aos Hebreus nos apresenta uma forma de vermos a salvação sob um ângulo superior. O cap.2 se destaca justamente por causa desta salvação superior. Se no cap.1 Cristo Jesus é visto como superior aos anjos, aqui, Ele é superior como Nosso Salvador.

### O perigo de não atentarmos para a salvação

Nos vers.1-4 encontramos o autor deste documento direcionando sua atenção para a salvação. A forma como Deus fez

---

<sup>14</sup> Cf. PATRÍSTICA. *Justino de Roma... Op. cit.*, p. 22.

a devida comunicação aos homens no passado, no que diz respeito à salvação, foi por meio dos anjos. Daí, o escritor advertir quanto à forma de se receber esta mensagem de salvação. Ele diz: “atentar com mais diligência” – v.1. A etimologia de diligência é: “aplicação”, “zelo”, “cuidado”. Na antiguidade, uma diligência era um veículo de transporte de passageiros com destino e horário fixo. Não poderiam ficar despercebidos, pois a diligência não esperava pelos atrasados. Esta era a visão do escritor, enfatizando que todo cuidado ou atenção, eram extremamente necessários. Qualquer descuido e o passageiro corria o risco de ficar para trás.

Os que ouviram os anjos falarem das coisas futuras e da possibilidade de serem salvos, deram plena credibilidade a estas mensagens. Todavia, nos últimos dias, aprouve ao Senhor nos falar acerca desta salvação, através do Filho. Por esta razão, é que devemos dar mais atenção à mensagem pregada, primeiro por Jesus Cristo e depois pelos seus servos.

A rejeição do Evangelho que Jesus Cristo anunciou, deveria ser visto pelos hebreus, como uma ação de predizer a condenação eterna. Se no deserto, o Senhor confirmou o ministério de Moisés por meio de *sinais* (Gr. *Semeia*), *prodígios* (Gr. *Terata*) e *milagres* (Gr. *Dynameis*) no ministério do Senhor Jesus não poderia ter sido diferente – v.4. Uma breve observação entre o ministério de Moisés, e o ministério de Jesus:

a) O alimento vindo do céu (o maná) – Êx 16.4,29.

→ Jesus é o Pão da Vida – Jo 6.32-25,48.

b) A carne das codornizes – Nm 11.18.

→ Jesus é a Carne que dar vida – Jo 6.56.

c) A água que da rocha fluía para o povo no deserto – Êx 17.6.

→ Jesus é a Água da Vida – Jo 4.13-14.

d) O Senhor prometeu benção e curas ao povo – Êx 23.25; Sl 132.25.

→ Jesus abençoou o alimento – 26.26; Jesus curou as enfermidades – Mt 4,23; Mc 6.13. 14.14;

Todos esses sinais e prodígios foram realizados pelo Senhor, como prova de Seu cuidado para com o povo de Israel, e como forma de confirmar o ministério de Moisés. Em se tratando do ministério de Cristo Jesus, certamente, não poderia ser diferente. O Espírito Santo que estava sobre Jesus, realizou muito mais milagres, autenticando assim, o ministério do Filho de Deus.

### **Jesus Cristo o homem perfeito**

Após o escritor destacar os cuidados que se deve ter quanto à salvação, ele volta sua atenção para a humanização do Filho de Deus. Todavia, ele inicia este argumento – v.5, falando sobre o futuro da humanidade. O mundo futuro que há de vir (Gr. o mundo que há de vir – “*oikoumenen ten mellousan*”), não será um mundo governado por anjos, mas, sim, pelo próprio Filho de Deus. Tanto a Igreja glorificada, como os israelitas convertidos, governarão juntamente com o Senhor, sobre todos os povos e nações que habitarão a terra no período milenar.

Os vers.6-7 é uma indicação de que o Senhor deu ao homem o domínio deste mundo (cf. Sl 8.4-6), quando o formou do pó da terra (cf. Gn 1.26-28). A maior glória e honra que o homem recebeu do Senhor na sua formação, foi ter sido feito imagem e semelhança do Criador. O Rev. Hernandes Dias Lopes relaciona a fala do vers.7 da seguinte maneira: “A palavra “coroa” aqui não é *diadema*, mas *stéfanos*, que significa coroadado como conquistador. Ser coroadado de glória traz em si a idéia de verdadeira dignidade e esplendor eterno; ser coroadado de honra sugere a alta estima a excelência verdadeira. Por causa dessa coroação de glória e honra, Deus colocou o homem sobre todas as obras de suas mãos, dando, assim, o toque supremo à superioridade do homem sobre o mundo criado”.<sup>15</sup>

Os vers.8-9 declara que o homem recebeu esta glória e honra, porém esse governo ainda não está submetido ao homem, assim como foi planejado pelo Criador. Por esta razão, Jesus veio humanizado, embora menor que os anjos, não no sentido “estatura”,

---

15 Cf. LOPES, Hernandes Dias. *HEBREUS... Op. cit.*

mas, sim, em limitações, como por exemplo: todos os homens estão sujeitos a morrerem, o que não é o caso dos anjos. Porém, o mundo futuro (mundo do grego: *oikonomien* e não *kósmos*) habitado, será governado por Ele. Ele veio ao mundo como homem, morreu pela humanidade como homem, foi sepultado como homem, porém, ressuscitou como Deus, para retornar a dar ao homem, aquilo que foi projetado no passado, no dia da criação.

### Jesus Cristo o líder da salvação

Na NVT (Nova Versão Transformadora) Jesus foi denominado como: “Líder perfeito para conduzi-los à salvação” (cf. Hb 2.10). Co esta definição, entendemos que Ele está na condição de nos guiar aos céus, como aquele que conquistou esta posição por seu próprio mérito. Embora, encontramos em versões como: ARC o título é “Príncipe” e na versão ARA o título seja “Autor”, isso não implica em desmerecer a verdade quanto à liderança que Ele exerce sobre todos os que por Ele, estão garantidos de entrarem nos céus pela porta.

O que não podemos perder de vista, é justamente, a revelação que o texto do v.10 nos declara: “pelas aflições”, denotando assim, que a causa de nossa salvação está no sofrimento do Senhor – Is 53.4-11. E Ele foi bem criterioso quando mencionou isso na noite da Ceia, quando foi inaugurada a Nova Aliança – Lc 22.15-20.

### A santificação e seu autor

Os vers.11-13 nos traz uma narração sobre a santificação dos que foram liderados pelo Líder de nossa salvação. Mas, convém que atentarmos para alguns detalhes nesses versos em destaque:

*Primeiro:* O v.11 nos declara que pelo ato vicário de Jesus Cristo, todos os que Lhe reconhecerem como “Salvador de suas vidas”, lhes será garantidos o direito de serem feitos filhos de Deus – Jo 1.12. Com o título de “filhos de Deus”, Jesus não se envergonha de chamar estas pessoas de “irmãos”. Agora, os crentes em Cristo Jesus, fazem parte da família de Deus. O que não é visto nas Escrituras, em

relação aos anjos. Os anjos são seres que pertencem à outra ordem da criação. No processo da conversão, ou regeneração, o homem pode ser visto como: a) “Irmãos do Senhor Jesus” – Mt 28.10; b) “Amigos do Senhor Jesus Cristo” – Jo 15.14.

*Segundo:* O v.12 nos declara que Jesus elevaria o conhecimento das pessoas em relação a Pessoa do Pai. E, parece que isto foi feito de maneira literal, pois é nos comprovado pelos livros do Evangelho – Jo 17.6, o Nome do Pai foi manifestado, jamais como visto antes. Só através do ministério do Filho, que foi revelado o Senhor, como “Pai”. Em nenhuma passagem do Antigo Testamento, YHWH é chamado de Pai; em Jo 17.26 Jesus tem a intenção de ampliar esta manifestação. Parece-nos que, tanto Davi, como o Senhor Jesus Cristo, viveram um ministério análogo. Ambos conquistaram seu poder, sua liderança, seu reino, através de muita dor, de muito sofrimento – Sl 22.

*Terceiro:* O v.13 é uma forma da apresentação da humanização do Filho de Deus, se declarando tão dependente do Pai, assim como qualquer outro homem que em Deus confia. Não são poucos os textos bíblicos que aludem a esta forma de revelara a confiança do Filho no Pai (cf. Is 8.17; II Sm 22.3). Esses textos fazem referência à confiança que o Senhor Jesus depositou no Pai, para que pudesse vencer todos os desafios que estavam reservados, para a redenção do homem. A segunda parte do v.13 nos declara o que estava em pauta na oração sacerdotal do Senhor em Jo 17.9,20 (cf. Gn 33.5; Is 8.18).

Aprendemos com esses testemunhos do Senhor Jesus, que devemos manter nossa vida nesta jornada espiritual, única e exclusivamente, pela fé – Rm 1.17. Ele pode aperfeiçoar a nossa fé, pois Ele é o maior exemplo de uma humanização dependente do Pai.

### **No melhor exemplo: Jesus Cristo**

Os versos que finalizam este capítulo 2 tendem a nos conduzir ao mais profundo do amor do Filho de Deus, pela humanidade que o Pai Lhe concedeu. Se, nos textos anteriores, Jesus nos fez membros da família celestial, nestes restantes, Ele trata da derrota de um dos

maiores inimigos do homem: O Diabo. Este inimigo foi derrotado por Ele, no que diz respeito ao domínio da morte, quando Jesus Cristo, após três dias de morto, se revela (significado de: ressuscitar) aos seus discípulos Vivo!

Na execução do projeto de redenção, Jesus não poderia ter vindo de outra forma, senão na mesma condição que o homem. Como homem, Ele pode sofrer todos os desafios que o homem sofre, partilhar das mesmas limitações, vivenciar todas as tentações. Somente assim, Ele poderia libertar seus seguidores da maldição do pecado e das garras do maligno; isso exigia nada menos do que tomar o lugar daqueles que Deus tinha dado a ele, mas que permaneciam condenados por causa de seus pecados.<sup>16</sup> Esta é nossa maior prova de amor e maior seguridade quanto à salvação que a humanidade tanto necessitava.

### A superioridade de Jesus quanto a Moisés

Já percebemos que a intenção do autor deste documento aos Hebreus foi, exclusivamente, o de apresentar Jesus Cristo, um ser superior aos anjos – Caps. 1 e 2. No cap.3 ele vem nos declarar a superioridade do Senhor Jesus em relação a Moisés. Podemos entender que esta não foi uma tarefa fácil para este autor. Isso, se levarmos em consideração que Moisés é uma exclusividade veterotestamentária, e que possui a inclinação de todos os israelitas, desde o séc. XV a.C. não há personagem mais reverenciado no Antigo, como no Novo Testamento pelos judeus, como a pessoa de Moisés. Ele é, somente no Novo Testamento, citado por cerca de: 85 vezes.

### Nosso Apóstolo e Sumo Sacerdote

Antes de darmos tal atenção à superioridade de Jesus em relação a Moisés, devemos nos ater a questão de Ele ter sido identificado pelo autor deste documento, como “apóstolo” e “sumo sacerdote” – v.1. Definição dos termos no idioma grego:

---

16 KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento...* Op. cit., p. 109.

a) *Apóstolo – Apóstolon*. Definição: mensageiro, enviado em missão, um comissionado por outro para representá-lo de alguma forma, especialmente um homem enviado pelo próprio Jesus Cristo para pregar o Evangelho. Sendo assim, Jesus Cristo em Hb 3.1, é o Principal Mensageiro do Pai, encarregado de anunciar o Evangelho da Salvação – Mc 1.15.

b) *Sumo Sacerdote – Archiereus*. Definição: Aquele que acima de todos os outros foi honrado com o título de sacerdote chefe, ou chefe dos sacerdotes – Lv 21.10; Nm 35.25. Jesus Cristo como Nosso Sumo Sacerdote, teve este ministério declarado na cruz, quando entrou neste santuário (o Calvário ou Gólgota) uma única vez.

Quando esteve pregado no madeiro, Ele era o Cordeiro do Sacrifício, como também, o Sumo Sacerdote. Como Sumo Sacerdote, Ele se ofereceu na forma de Cordeiro pelos pecados de todos os homens. Hoje, Ele está no Santuário Celestial, onde intercede por nós junto ao Pai. Jesus Cristo como apóstolo, trouxe o Pai até nós e, como Sumo Sacerdote, Ele nos leva até o Pai, declarando toda nossa necessidade.

### **A fidelidade de Jesus é maior que a de Moisés**

No v.2 o autor faz uma observação, declarando que Jesus foi fiel ao Pai (aquém o constituiu) paralelo a Moisés com toda sua casa. Todavia, não devemos nos esquecer de que, em se tratando de Moisés, ele falhou em alguma circunstância:

a) Moises não havia cumprido a aliança da circuncisão em seus filhos – Êx 4.25.

b) Moisés questionou quanto a sua designação ao Egito – Êx 3.9-12.

c) Moisés teve dificuldade de comunicar a verdade a Faraó – Êx 4.10.

d) Moisés oscilou em alguns momentos de seu ministério – Êx 14.15-16; 17.4.

e) Moisés impediu os israelitas de glorificar a Deus diante da rocha – Nm 20.1-13.

f) Moisés teve uma oração rejeitada por Deus – Dt 3.25-26.

g) Moisés foi impedido de entrar na terra da promessa - Dt 3.27; 31.2.

Tudo isto foi bem diferente em relação ao Senhor Jesus Cristo. Podemos ver notadamente, quem o relacionamento do Senhor com o ministério, com a verdade que deveria ser dita para as autoridades dos judeus, que a forma de glorificar ao Pai, ter suas orações plenamente ouvidas e a permissão de entrar na Canaã Eternal, nunca foi obstáculos para Nosso Senhor Jesus. Moisés foi fiel em toda a casa do Senhor como servo – Nm 12.6-7. Jesus como filho, foi Fiel sobre a sua própria casa. Ele é o legítimo Herdeiro do Pai, cuja herança dele, somos nós – v.6.

### **O resultado do passado**

Os vers.7-10, nos colocam em confronto com o passado dos israelitas, quando o Senhor Lhes falava no deserto e eles não ouviam sua voz. O resultado histórico declara que este povo do deserto não pôde herdar a terra prometida. Em relação ao assunto inicial (a superioridade de Jesus em relação a Moisés), podemos entender que o autor deste documento está preocupado com a Igreja, para que esta não venha agir como agiram os liderados de Moisés. Ele sabia que uma decisão o povo deveria tomar – v.6. E, a decisão não pode ser tomada, a partir de amanhã – v.7. Um dos maiores problemas do povo é justamente a insensibilidade da audição espiritual – v.8. Este endurecimento de coração do v.8 os levou a pecar contra o Senhor, tentando-o e provando-o – v.9.

Não são poucos os eventos registrados no Antigo Testamento que refletem este comportamento dos israelitas no deserto: Êx 17.2; Nm 14.22; Dt 6.16; Sl 78.18,41,56; 106.14. Todavia, o Senhor os alertou, assim como o autor deste documento está fazendo, alertando o povo do Senhor Jesus Cristo – A Igreja. Depois de

terem o povo no deserto cometido três falhas como o Senhor: 1º) No v.8 eles *provocaram* como está registrado em Êx 17.7; 2º) Ainda no v.8 eles *tentaram* como está em Êx 17.7 e, 3º) v.9, *puseram a prova*, ou seja, *duvidaram* do poder do Senhor.

### **Não entrarão no meu repouso**

Os vers.11-19 são formados por uma sequência de advertências e resultados negativos que foram vivenciados pelos israelitas, justamente, na administração de Moisés. Agora, o Senhor está revelando plenamente sua indignação contra o pecado do povo. Ele disse: *Não verão a terra de que a seus pais jurei, e nenhum daqueles que me provocaram a ver* – Nm 14.23,30. O termo usado pelo autor deste documento é “descanso” ou “repouso” (cf. Sm 95.11) e vem da palavra “*katapausin*” que é uma junção de dois termos: “*pauo*” que é “deter-se”, “cessar”, “dar descanso” e “*kata*” que tem o sentido de uma promessa.

Sendo assim, o repouso ou descanso que estava previsto pelo Senhor para seu povo no território de Canaã, deve ser entendido como um cessar do tempo da escravidão egípcia; de uma peregrinação desértica que custou a vida de muitos. Este local foi titulado pelo Senhor de “descanso” ou “repouso”, pois seria um lugar de habitação eterna, para sempre, sem correrem o risco de serem desapropriados. O que fez este povo perder esta promessa, não foi à impossibilidade de o Senhor poder cumprir sua promessa. Não! Foi justamente o que o Senhor mais abomina: A incredulidade.

### **A superioridade de Jesus quanto a Josué**

Estamos diante de um dos maiores desafios veterotestamentário. Moisés agora está nas dependências celestiais e seu nobre amigo Josué, diante da vontade do Senhor, é quem deverá assumir a árdua responsabilidade de conduzir os filhos de Israel, na travessia do Rio Jordão. Todavia, a condição de Josué diante de Deus, do povo e de sua missão, deve ser analisada cautelosamente, em conformidade com a visão que o escritor de aos Hebreus declara, partindo do ponto de vista quanto à superioridade do Senhor Jesus Cristo.

## O descanso que Josué não pode dar

Os vers.1-10 deste cap.4 é uma advertência quanto à forma de se entender as ações ou projetos do Senhor. Não foi somente Moisés que teve a incredulidade do povo aliado a seu ministério. Josué também foi alvo desta incredulidade do povo. Aqui, podemos entender alguns princípios que não devem fazer parte de nossa caminhada cristã:

1. *Primeiro*: O v.1 é uma advertência quanto à forma como alguns veem ou entendem quanto aos cuidados que devem exercer, relacionado ao descanso que Cristo nos prometeu. Não podemos nos permitir em momento algum, que nossa atenção recue, nos levando ao desejo de retornarmos ao velho estado pecaminoso. É como se o escritor deste documento aos Hebreus estivesse tendo em mente o ocorrido com a mulher de Ló – Gn 19.26; Lc 17.32.

2. *Segundo*: O v.2 é uma alusão de como devemos receber a pregação das Boas-Novas (*Euangellion*). Se para os israelitas as boas novas foram recebidas pela compreensão da razão (A Lei), em Cristo Jesus ela deve ser recebida pela fé (Na Graça), que resulta em crer além daquilo que os olhos podem ver – I Co 2.9.

3. *Terceiro*: O v.3 nos faz uma alusão a Gn 2.2, onde todo o trabalho do Senhor estava concluído e houve o primeiro “*Shabat*”. No tempo da antiguidade, era muito algo comum às pessoas serem reverentes com os dias, meses e anos – Gl 4.10; como também havia os que reverenciavam as cerimônias – Cl 2.16. Porém, embora fosse para esta geração antiga uma forma de reverencia, de fé, de temor, tudo não passava de sombras daquilo que haveria de ser revelado no ministério do Senhor Jesus Cristo. Um bom exemplo disto pode ser visto em Êx 20.9-11 e 31.16-17.

4. *Quarto*: Os vers.4-5 o autor inicia fazendo referência a Gn 2.2 e Êx 31.16-17 mais uma vez. Na primeira referência, o autor de aos Hebreus menciona uma ação de Deus fora da

Lei. Na segunda referência, ele fala do descanso, porém, agora, como produto da legislação de Israel. O sábado ou descanso de trabalhos, não devem ser considerados aqui na mesma forma que o descanso produzido pela mensagem aos Hebreus. O descanso que está sendo referido no estudo está relacionado a algo que vai muito além de um dia ou ano, em conformidade com a Lei. É um repouso mais duradouro, ou seja, um repouso eterno, que só será permitido aos filhos da obediência – v.6.

5. *Quinto*: O v.7 é uma alusão à forma como Deus persiste em dar ao homem a oportunidade de mudar seu pensamento, seu comportamento, sua maneira de ver os projetos que Ele estabelece. O Senhor não desiste do homem, por mais que o homem ignore o que Ele lhe está dizendo. Porém, até a misericórdia do Senhor tem um tempo limitado de ação (cf. Sl 7.12; Tt 3.10).

### **Não houve descanso para Josué**

Na conclusão do cap.4, os passos que devemos seguir, nos conduzirão as seguintes definições:

*Parece provável que a esta altura o escritor considera uma possível objeção, a qual ele mais pressupõe do que declara. Alguém objetaria que embora Moisés não pudesse levar o povo de Israel para Canaã por causa da sua descrença, Josué conseguiu, e os 'alguns' do v. 6 devem, portanto, ser o povo que ele introduziu lá. Nesse caso, naturalmente, Josué estaria em pé de igualdade com Cristo, que leva Seu povo para um descanso espiritual. Mas o escritor não pensa desta maneira. Argumenta, com base em Deus falar a respeito de outro dia, que o dia da ação de Josué não poderia ter sido o cumprimento da promessa.*

O melhor entendimento aqui, é que, assim como YHWH finalizou suas obras e descansou no sétimo dia, ou seja, no *Shabat*, Jesus Cristo, conclui toda sua obra, e adquiriu um descanso que pode dar aos que nele viessem confiar, a salvação e a vida para toda a eternidade.

## A superioridade de Jesus quanto ao Sacerdócio

A estrutura final de Hb 4.14-16 atesta-nos que o autor de: Aos Hebreus, tinham como propósito determinante, elucidar aos leitores deste documento a superioridade do Senhor Jesus Cristo em relação ao ministério araônico. Poderíamos dar uma explicação de o porquê iniciar este assunto ainda no cap.4. O problema é que para muitos estudiosos deste livro, esta questão não faz muita diferença, desde que o assunto do cap.5 seja iniciado em 4.14-16. Martinho Lutero quando fez a tradução da Bíblia do Latim para o Alemão, ele teve o esplêndido cuidado de iniciar o cap.5, partindo de 4.14.

### O Grande Sumo-Sacerdote

A confiança que os israelitas tinham quanto ao ministério de Arão, é algo inquestionável. Eles sabiam que o ministério sacerdotal fora criado pelo Senhor, e que os da tribo de Levi, eram separados pelo próprio Adonai, com a missão de fazer a intermediação. Eles tinham esta confiança de maneira cega, plena, inclinada. Agora, Jesus se manifesta e declara que estará estabelecendo um projeto revelado em Êx 19.6: Um Reino Sacerdotal! E quem seriam esses sacerdotes? Quem seria o Sumo-Sacerdote? Veremos isso aqui.

### O sacerdócio

O apelo que o autor faz em 4.14, já deveria ser o suficiente para nos responder quem seria os sacerdotes deste Reino Sacerdotal. Mas, analisando o entendimento do apóstolo Pedro, aceitamos o que ele escreveu: “*Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real...*” – I Pd 2.9. Como sacerdotes de Cristo Jesus, devemos ter plena confiança quando nos comparecemos diante do Senhor (v.15). O ponto focal desta confiança, é que, em muitas ocasiões, os sacerdotes de Cristo Jesus sofreram tentações, assim como Ele sofreu. Mas devemos estar confiantes, pois nele, encontraremos ajuda para vencermos cada uma delas. Uma excelente definição interpretativa deste pensamento pode ser corroborada com Orton H. Wiley que diz:

*A expressão em ocasião oportuna é uma tradução da palavra grega eukairos (eukairov)); eu significando bem, e kairos, oportunidade, de sorte que o termo significa ajuda em tempo próprio ou oportuno, isto é, socorro necessário, quando necessário.<sup>17</sup>*

Devemos fazer intercessão pelos outros, mas, para isto, devemos ter plena confiança em nosso sacerdócio.

## O Sumo-Sacerdote

Em sua jornada terrena. Jesus teve que conviver e confrontar com diversas aflições. Após ter vencido todas elas, Ele penetrou os céus, nos dando garantia de que a nossa fé estaria segura nele. Ele se tornou Nosso Grande Sumo-Sacerdote, pois venceu todas as aflições. Embora, Ele não tenha se tornado Grande, após adquirir pelo Pai, o título de Sumo-Sacerdote. Ele sempre foi o Grande EU SOU; Sua divindade o faz diferente de tudo e de todos; Ele mesmo disse: “Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu” – Jo 3.13. Com isso, percebemos que a linha, tanto horizontal como vertical entre Jesus e Arão é infinita. Lembrando sempre que, para esta possibilidade, Jesus Cristo, o Nosso Sumo-Sacerdote (hb. *Kohen Gadol*), realizou todos os critérios necessários para isto (cf. Hb 5.5-10; 6.20; 7.26; 8.1; 9.11; 10.21-23).

### Detalhes históricos do Sacerdócio Araônico

Ao darmos introdução ao estudo do cap.5, encontramos uma historicidade quanto ao ministério sacerdotal, iniciado na pessoa de Arão. O comentário tem sua iniciação declarando detalhes acerca do ministério do sumo sacerdote:

1. A função do Sumo-Sacerdote – 5.1-4.
2. Jesus Cristo é Nosso Sumo-Sacerdote – 5.5-10.
3. Os desafios no aprendizado – 5.11-14.

---

<sup>17</sup> WILEY, Orton H. *A excelência da Nova Aliança em Cristo...* Op. cit., p. 232.

#### A função do Sumo-Sacerdote – 5.1-4.

O destaque para o ministério do sumo sacerdote está justamente na atividade que ele deveria exercer diante de Deus em relação aos homens, e diante dos homens em relação a Deus. Lembrando que, o sumo sacerdote só poderia entrar no Santo dos santos uma vez por ano, para oferecer sacrifício pelo povo e para si mesmo – Hb 9.7-10.

O que não foi necessário no ministério do Senhor Jesus Cristo. Os sacerdotes deveriam ter em mente, que outra característica deste ministério, era compadecer daquelas pessoas que cometiam pecados involuntários, por causa da ignorância da Lei. O homem está cercado de fraquezas carnis, e isso não elimina os sacerdotes e sumo sacerdotes – Nm 15.30-36.

Por esta razão, o sumo sacerdote deveria de, no Dia da Expição, oferecer sacrifícios, tanto pelo povo, como por si mesmo – Lv 16.6; Hb 9.7. O sumo sacerdote deveria ter a consciência de que ele era tão dependente da misericórdia do Senhor, como os demais homens.

O ministério sacerdotal fora constituído pelo Senhor, tendo como base a tribo de Levi. Da tribo de Levi, Arão foi o eleito para ser o sumo sacerdote e (cf. Êx 28.1), seus filhos os sacerdotes (cf. Nm 20.23-28; 5.10-13). Desde então, não era aceito que qualquer pessoa viesse exercer este ministério, se não atendesse este requisito araônico. Quem assim procedia, corriam graves perigos – Nm 16.

#### Jesus Cristo é nosso Sumo-Sacerdote – 5.5-10.

É notável como a Bíblia tem sua própria harmonia, quando se trata de confirmar os projetos de Deus. Os vers.5-10 deste cap.5 de Aos Hebreus revela-nos qual magnífico é o ministério do Sumo-Sacerdote Jesus Cristo. Observamos que, este ministério não foi reivindicado por Jesus, mas, foi Lhe outorgado pelo Pai. Os Salmos 2.7 em harmonia com o Salmo 110.4 faz uma referência nítida usada pelo autor deste documento, que revela Jesus Cristo o Filho gerado e

Unigênito do Pai, recebendo assim, um sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque.

Com esta citação, o autor deixa plenamente claro que Jesus Cristo é superior aos anjos, assim como Seu ministério é superior ao ministério araônico, vindo declará-Lo o único Mediador entre Deus e os homens. Todavia, assim como Ele aprendeu como homem a ser obediente aos propósitos do Pai, Ele tornou o salvador de todos os que Lhe obedecerem.

### **Os desafios no aprendizado – 5.11-14.**

Hoje, os que confessam ao Senhor Jesus Cristo como Salvador, poderiam ter uma mais extensa informação quanto à grandeza deste ministério. Todavia, o autor deste documento inicia a terceira divisão do cap.5, revelando que não seria possível fazer tais revelações, justamente pelo fato de os ouvintes, como os leitores, terem recebido a Palavra do Senhor, mas, foram muito lentos em buscar compreendê-la.

No v.12 ele afirma que os cristãos de sua época, embora já tenham tido bastante tempo de conversão, ainda não tinham amadurecido no conhecimento do Evangelho. Eles já deveriam estar instruindo os recém-convertidos, não na qualidade de mestres, como Paulo declara ser um ministério específico (cf. Ef 4.11; I Co 12.29; Tg 3.1), mas, como conhecedores experienciais das ações que a Palavra de Deus desenvolve na vida dos cristãos.

O v.13 nos confirma esta visão do autor, mostrando que, para eles deixarem de tomar o “leite materno” (uma referência ao conteúdo de doutrinas que devem ser aplicadas aos recém-convertidos), eles deveriam buscar se relacionar mais com a vida prática que o tempo e a palavra já devia ter-lhes proporcionado – v.14.

### **Os perigos de ensinios inadequados**

O cap.6 parece-nos uma breve continuação do assunto do anterior no cap.5. O ponto focal aqui. Está na forma como o

autor de Aos Hebreus se posiciona em relação ao desenvolvimento do conhecimento das verdades bíblicas. Podemos entender este capítulo da seguinte forma:

1. *Primeiro*: O v.1 em conformidade com o entendimento do autor pode ser definido como sendo uma advertência ao retorno aos “ensinos elementares”, ou seja, ao começo dos ensinamentos. Na Bíblia Grega, o termo usado neste texto é “*arché*”, que significa “começo”. Esses “cristãos já passaram da fase de “aprendiz principiantes”, para aprendizes superiores”.

2. *Segundo*: O v.2 refere-se aos rituais que estão presentes nas doutrinas judaicas, e que não servem para a formação doutrinária da Igreja. Não era mais necessária a observação quanto a esses rituais.

3. *Terceiro*: O v.3 nos ensina que existem coisas que podemos fazer, porém, estas coisas irão depender muito da aprovação do Senhor. Existe uma grande diferença entre: “se for da vontade de Deus” e “se Deus permitir”. Isso se levarmos em consideração que, nem tudo que Deus permite, quer dizer que é de Sua vontade. O termo grego que o autor usa para esta fala “permitir” é “*epitrepo*” que sig. “passar para”, “transferir”, “comprometer”, “consentir”, “dar permissão”. Ou seja, no ato da permissão do Senhor, Ele transfere a responsabilidade da ação e seus resultados, para quem efetuou a solicitação da permissão. Por esta razão, o sugerido aqui, seria “se for da vontade”.

### A catástrofe da apostasia

Para muitos, a apostasia é algo que implica somente em mudar de opinião em relação a um credo. Para outros, a apostasia é somente uma questão de ideologia. Todavia, o que podemos perceber em Hb 6.4-8 vai muito além de uma breve reversão de idéias ou aceitação religiosa ou ideológica. Analisando os textos de forma sistemática, podemos perceber os perigos aqui contidos da seguinte maneira:

a) O v.4 tem uma forma de alertas as pessoas quanto às ações do Espírito Santo e sua rejeição. A primeira ação do Espírito Santo no homem é trazendo-lhe a iluminação. O termo grego para iluminados é “*photisthentai*” que sig. “emitir luz ou brilhar sobre alguma coisa de modo a leva-la ao conhecimento dos homens. No grego comum, a palavra se aplica somente a objetos, mas, no grego helenístico, aplica-se também a pessoas no sentido de instrução”.<sup>18</sup>

Não é nada fácil saber identificar um verdadeiro crente de uma pessoa infiltrada entre os crentes. O Rev. Hernandes Dias Lopes descreve este texto de Hb 6.4 como uma forma de identificar aqueles que vivem entre os cristãos, porém, não se tornam um cristão. Ele diz:

*Não resta dúvida de que há uma clara distinção entre um membro da igreja visível e aquele que é membro da igreja invisível. Uma pessoa pode entrar para a igreja visível, ser batizado, ter comunhão com os crentes, pregar a Palavra, exercer ministério, ocupar posição de liderança na igreja e depois sair da igreja e morrer no pecado. Quando isso acontece, não questionamos a veracidade da doutrina da segurança dos salvos, mas a real experiência dessa pessoa. Judas Iscariotes era apóstolo de Cristo, mas não era convertido. Demas era cooperador de Paulo, mas amou o presente século e abandonou o veterano apóstolo. Simão, o mágico, foi batizado e tornou-se membro da igreja, mas estava em fel de amargura. O apóstolo João é enfático ao referir-se a esses apóstatas: Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos (1Jo 2.19).<sup>19</sup>*

a) O v.5 é mais uma maneira que o autor encontra para expressar a forma ou maneira que o homem tem, para desenvolver um novo padrão de vida. Segundo este autor, todas as pessoas que se envolvem com a Palavra (A Palavra é Cristo) se envolvem diretamente com o Espírito Santo. Assim como o Pai e o Filho desenvolveram uma parceria no plano da redenção do homem (cf. Hb 1.5) o Espírito Santo também desenvolve uma parceria com o Filho, fazendo-O ser

---

18 WILEY, Orton H. *A excelência da Nova Aliança em Cristo: Comentário Exaustivo da Carta aos Hebreus*. Editora Central Gospel: Rio de Janeiro, 2008, p. 289.

19 Cf. LOPES, Hernandes Dias. *HEBREUS: a supremacia de Cristo*. São Paulo: Hagnos, 2018.

revelado aos homens, para que os homens o aceite. Aqueles que rejeitam à Palavra rejeita o Filho. Aquele que rejeita o Filho rejeita o Espírito Santo.

b) O v.6 é a verdadeira descrição da apostasia. A fala do autor “e depois caíram” estar relacionada com a apostasia que não é uma questão de unicidade de alguns dos irmãos judeus convertidos a Cristo. Em I Tm 4.1 Paulo já alertava aos irmãos quanto a este mal que levaria muitos a virarem as costas para Jesus Cristo e seus ensinamentos. A apostasia é algo muito tratado aqui nesta Epístola aos Hebreus.

Nada melhor que conhecer a Verdade e permanecer na Verdade. A vida do homem só poderá vivenciar os feitos gloriosos do Senhor no futuro, se este receber e permanecer na Verdade de Deus. No comentário da Epístola aos Hebreus, Severino Pedro da Silva faz a seguinte declaração:

“Esta expressão, no grego do Novo Testamento, significa “levar à revolta”, “desviar”. Quando usado o verbo *aphistemi* na voz transitiva, significa “afastar-se”, “retirar-se”, “apostatar”, etc. Quando ligada diretamente ao mundo religioso, significa “descer um degrau”, ou seja: “descer moral e espiritualmente”. Este verbo significa rejeitar uma posição anterior, aderindo a uma posição diferente e contraditória à primeira; perder a primeira fé, repelindo-a em favor de outra crença. Paulo afirma que isso pode se dar por influência dos espíritos malignos, cuja atividade consiste em enganar os homens, desviando-lhes a atenção de Cristo (cf. Jr 2.19; 8.5; 2Ts 2.3). Muitas destas heresias disseminadas por seitas gnósticas atingiram não somente as igrejas dos gentios, mas contaminou também uma boa parte das igrejas judaicas, às quais esta epístola se dirigia”.<sup>20</sup>

d) Os vers.7-8 é uma forma que o autor encontrou para direcionar o entendimento de seus leitores quanto à fidelidade e do juízo que virá da parte do Senhor em relação

---

20 SILVA, Severino Pedro da. *Epístola aos Hebreus... Op. cit.*, p. 98.

a sua criação. Parece que este escritor está com o mesmo pensamento que estava em Jesus, quando foi produzida a parábola do Semeador – Mt 13.3-9; Mc 4.1-20; Lc 8.4-15. O mais provável aqui, é que o autor esteja fazendo uso desta fala, para descrever, não a condenação da criação natural do Senhor, mas, sim, da humana.

O autor desta epístola finaliza esta parte de seu discurso, fazendo algumas observações quanto à fidelidade do Senhor em relação às pessoas que prosseguem na jornada, conservando uma vida de ocupação e zelo pelo bom Nome do Senhor – vers.9-12. O Senhor está acima de toda e qualquer promessa que Ele mesmo tenha feito. Toda ação do Senhor, deve ser vista alinhada com Seu amor, e não somente com Seu juízo. Todavia, independente de qual for a circunstancia em que estejamos vivendo, jamais devemos abrir mão de nossa fé, pois foi por meio dela que adquirimos a possibilidade de alcançar as riquezas eternas conservadas para entregar aos santos do Senhor – Ap 22.12.

### **Deus jamais mudará em seus ideais**

Em Hb 6.13-20 o autor faz menção a Aliança do Senhor a Abraão – Gn 12.1-13. Esta aliança foi ratificada pelo próprio Senhor – Gn 15.1-6; 17.1-4; 18.17-18; 22.15-18. Lembramos que não estamos falando de um homem, estamos falando de Deus. Não era necessário que o Senhor fizesse um juramento, pois Sua Palavra já é carregada de fidelidade – Jr 1.11-12. Todavia, o Senhor está amparando esta promessa com juramento. Esta aliança iria seguir o trajeto futuro de Abraão, e estar confirmada na história de Israel. Porém, sua implicação em abençoar todas as nações da terra, certamente, iria repousar sobre a Igreja edificada pelo Senhor Jesus Cristo – Mt 16.18. Alguém um dia escreveu o seguinte: “No mundo antigo a âncora era o símbolo da esperança. Epicteto disse: 'Uma nave nunca deveria depender de uma só âncora nem a vida de uma só esperança' e Pitágoras: 'A riqueza é uma âncora fraca; a fama é ainda mais fraca'. Quais são então as âncoras fortes? A sabedoria,

a magnanimidade e o valor são às âncoras que nenhuma tormenta pode comover”. O autor de Hebreus insiste em que o cristão possui a maior esperança do inundo.

### Melquisedeque e Jesus Cristo: um sacerdócio único

Na introdução deste cap.7, o autor de Aos Hebreus faz a declaração de um personagem enigmático das Escrituras Sagradas: Melquisedeque. Definir que Melquisedeque era “rei de Salém”, ele era “sacerdote do Deus Altíssimo” cria uma margem de curiosidade ainda maior quanto a quem poderia ser este homem. Sendo assim, vale dar melhor atenção a esses enigmas do v.1:

a) *Quem foi Melquisedeque?* Não são poucas as especulações quanto a este personagem. Entre os comentaristas, intérpretes e ensinadores das Escrituras, as opiniões se divergem grandemente. No Targum judaico, é dito que este personagem era Sem, filho de Noé. Todavia, há os que optam em afirmar que poderia ser uma manifestação do Senhor Jesus Cristo (Ou seja, uma Chistophânia), outros até arriscam em dizer que poderia ser uma manifestação física do Espírito Santo. Todavia, o que não podemos asseverar é que quaisquer umas destas opiniões estejam corretas. Sendo assim, este personagem continuará sendo mais uma das incógnitas da Bíblia.

b) *Significado do Nome?* Em conformidade com o idioma hebraico, o nome Melquisedeque deve ser visto da seguinte forma: “*Malchi Tsedeck*”, ou seja, “Rei Justo”. Sendo que ele também é denominado como: “*Malchi Salém*”, Rei de Salém, ou seja, “Rei de Paz”. Sendo assim, seu reino é caracterizado, tanto pela justiça, quanto pela paz. Algo que está previsto pelas Escrituras, para ocorrer no reinado de Jesus Cristo aqui na terra, na ocasião do milênio.

c) *Sacerdote do Deus Altíssimo?* Quem deu a Melquisedeque a unção ou autoridade de um sacerdote? Bem, não é somente este interrogação que nos desafiam, mesmo sendo-nos intérpretes

das Escrituras. Na verdade, o autor deste documento aos Hebreus, relaciona em seus ensinamentos este personagem, tão somente para fazer uma distinção ministerial entre Cristo e Arão. Desta forma, ele intentava dar aos seus leitores uma idéia de grandiosidade do ministério de Jesus Cristo, como Nosso Sumo Sacerdócio, porém, não na linhagem de Arão (ou seja, na ordem), mas, na linhagem de Melquisedeque (cf. Sl 110.4).

Pelo que podemos perceber nas Escrituras, as informações quanto a Melquisedeque ficam cada vez mais distante de uma convicção, quando não encontramos uma quantidade de textos bíblicos que possam nos elucidar as curiosidades neste assunto. O Sl 110.4, embora seja um salmo profético, é o único texto que encontramos no Antigo Testamento, que corrobora com Gn 14, onde o personagem é citado. Sendo assim, a única proposta a ser feita aqui, é atentar-nos para a intenção do autor que não é de nos dar uma biografia de Melquisedeque, mas, sim, nos informar detalhes que nos ajudarão compreender a grandiosidade e magnificência do sacerdócio de Cristo.

O v.2 identifica a região do governo de Melquisedeque, como sendo, Salém. Este foi um nome antigo pela qual se chamava a cidade que, no futuro, ou seja, no reinado de Davi, passou a se chamar de Jerusalém – I Cr 11.4-7, embora, antes do reinado de Davi, ela se chamada de Jebus (cf. Js 18.28; Jz 19.10-11; I Cr 11.4-5), ou seja, cidade dos Jebuseus. Se a cidade nos dias de Melquisedeque se chama “*Salém*”, então Davi só fez um acréscimo “*Jeru*”, sinalizando que aquela cidade agora passou a ser dele.

O v.3 é outra revelação que conflita com muitos intérpretes que, na euforia de dar ao personagem uma imagem além da que a Bíblia dá, falam desafortunadamente coisas incorretas. O texto do v.3 declara Melquisedeque “*sem pai, sem mãe, sem genealogia*”. Esta fala do autor de Aos Hebreus não significa dizer que ele “não tinha pai, não tinha mãe”, mas, que, provavelmente, seus pais não foram pessoas que possuíam destaques na sociedade, principalmente, quando ele se tornou um líder, um rei, uma pessoa de influência

e respeito. Por esta razão, o autor deste documento declara: “feito semelhante ao Filho de Deus”. Mas, semelhante em que sentido? Pois Jesus em sua humanidade tinha mãe, e foi reconhecido como “Filho de Deus”, ou seja, YHWH foi o Pai de Jesus, embora dentro de uma aliança (Hb 1.5). Em questão de genealogia, Jesus tem duas genealogias no Novo Testamento (cf. Mt 1.1-17; Lc 3.23-38). Podemos então compreender que a fala do autor em dizer: “feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre”. Sendo assim, a semelhança está única e determinantemente relacionada ao sacerdócio e não a humanização.

### **Análise sistemática do sacerdócio de Cristo**

Quando já havia dado aos seus leitores uma das mais excelentes provas da superioridade do Senhor Jesus Cristo e seu sacerdócio em relação à Melquisedeque, ele agora faz uma sistemática, analisando detalhadamente os paralelos que fornecem esta superioridade:

*Primeiro:* v.4, ele afirma que Melquisedeque era superior a Abraão, pois a paga do dizimo era um ato de reconhecer seu ministério de administrador das riquezas de Deus entre os homens. Não devemos deixar esta informação no escuro, pois se ele é uma tipologia ministerial do Senhor Jesus, então nós devemos ter em mente que nos dias da humanidade do Senhor, Ele recebeu de seus irmãos judeus “dízimos ou ofertas” que patrocinou a sustentação de seu ministério (Mt 23.23).

*Segundo:* v.5 faz uma alusão à atitude de Abraão em dizimar a Melquisedeque. Os levitas eram da descendência de Abraão, todavia, ao invés de os sacerdotes levitas dizimarem, como foi o caso de Abraão, eles recebiam os dízimos. “O dízimo existe desde a criação do homem. É uma prática que tem a sua origem no reconhecimento de que tudo pertence a Deus. A história dos povos primitivos mostra que a prática de dar à divindade uma parte das rendas é comum a toda a humanidade.

Podemos observar que o justo Abel reconheceu este dever e prontamente “... trouxe dos primogênitos das suas ovelhas e da sua gordura [uma oferta ao Senhor]” (Gn 4.4). A palavra: “primogênito”, neste sentido, pode significar “primícias”, ou seja, o melhor de uma porção. Em linguagem hodierna, Abel trouxe seu dízimo ao Senhor” (SILVA, 6ª Impressão, p.121). Outros elementos são mencionados pelo autor quanto a este assunto (cf.vers.6-9).

### **O sacerdócio do Senhor Jesus Cristo é eterno**

Embora, os textos que comentamos até o momento se ocupasse em destaque o sacerdócio de Melquisedeque, nos vers.11-19, nós encontramos o autor desta epístola declarando que uma intermediação foi necessária, para que o sacerdócio de Cristo se manifestasse da tribo de Judá. Na verdade, o sacerdócio de Melquisedeque foi substituído pelo sacerdócio araônico, e este por sua vez, sofreu uma transitoriedade quanto ao sacerdócio de Cristo Jesus. O sacerdócio de Jesus não poderia vir na ordem do sacerdócio de Arão, pois este sacerdócio, por mais que tentasse responder a necessidade dos pecadores, não era suficiente. Somente um sacerdócio perfeito, poderia suprir a necessidade da humanidade, quando oferecia um sacrifício perfeito.

Sendo assim, podemos entender este sacerdócio messiânico, diferente do sacerdócio araônico da seguinte maneira:

- 1) *Primeiro*: O v. 11 nos atesta que o sacerdócio nascido na tribo de Levi, se fosse perfeito, resultaria em sacrifícios perfeitos.
- 2) *Segundo*: O v.11 ainda afirma que, se o sacerdócio araônico fosse favorável à necessidade da humanidade, seria ilógico outro sacerdócio, em especial, segundo a ordem de Melquisedeque.
- 3) *Terceiro*: Nos vers.12-14 o destaque está na mudança do sacerdócio. Se for visto que “mudando o sacerdote,

necessariamente se faz também mudança da lei”, não havia como realizar esta mudança, usando para isto os levitas. Desta forma, se a Lei veio de Deus, somente Deus poderia mudar esta Lei. Atesta para isso a profecia do Sl 110.4.

4) *Quarto*: Os vers.15-16 nos mostram que Jesus como Nosso Sumo-Sacerdote, além de poder cumprir toda a Lei, tornando-a submissa a Ele, Ele pode cancelar os efeitos do pecado e da morte, visto que o sacrifício por Ele oferecido é único e permanente, além de ter a Sua própria natureza, ou seja, a virtude da incorruptibilidade.

5) *Quinto*: O v.17 faz mais uma vez alusão à ordem do sacerdócio de Cristo, sempre levando em consideração que, este sacerdócio é uma promessa, uma aliança, um juramente, realizado por aquele que não muda, ou seja, o próprio Deus. É Deus prometendo para Si mesmo, que tudo seria perfeito pela ação daquele que é perfeito.

6) *Sexto*: Os vers.18-19 enfatizam que este sacerdócio araônico foi neutralizado (ab-rogado), ou seja, colocado fora de uso, anulado. Isso, devido a sua “fraqueza” e “inutilidade”. Todos os elementos que encontramos nos rituais sacerdotais levíticos, apenas serviam de sobras futuras; eram apenas tipos de algo maior e melhor que iria surgir. Até que Cristo se manifestasse para inaugurar Seu Sacerdócio, o sacerdócio antigo em nada serviu para aperfeiçoar o que estava imperfeito por causa do pecado. Quando Jesus, Nosso Sumo-Sacerdócio introduz seu ministério, Ele traz consigo uma nova esperança para toda a humanidade.

Desde este momento, não há mais necessidade de o homem necessitar de outro homem pecador, para intermediar suas necessidades diante do Senhor – I Tm 2.5. O pecador não precisa assistir um animal inocente, indefeso, ser degolado por uma culpa que não é dele – I Pd 1.18-20. Agora, devemos lançar sobre Cristo, todos os nossos pecados, pois Ele pode nos fazer limpo e redimidos de toda a culpa – I Pd 5.7; I Jo 2.1-2.

## O sacerdócio de Cristo é supremo

É importante entendermos a razão pela qual o autor desta epístola insiste em notificar a superioridade do sacerdócio de Cristo, tanto em relação à Melquisedeque, quanto a Arão. Não obstante, faz nos lembrar de que o elemento sustentável deste sacerdócio é sem dúvida alguma, o juramento que está intermediando este sacerdócio – Sl 110.4. Embora, é destacado pelo autor que o sacerdócio araônico foi imperfeito, pois o mesmo estava cercado de fraquezas, o sacerdócio de Cristo não carregava em si esta deficiência. O que vai colocar os versos finais deste cap.7 em análise sistemática é justamente a fala do v.22, onde Jesus foi visto como “De tanto melhor aliança Jesus foi feito fiador”.

Esta análise pode ser compreendida, se colocarmos em destaques alguns pontos que seguem os passos que leva o autor a esta certeza:

- a) Por mais que o sacerdócio advindo da tribo de Levi, e da casa de Arão, foi estabelecido pelo próprio Deus, não conseguiu alcançar a devida perfeição, pois está aliado por homens pecadores que necessitam também de remissão. Sendo assim, qualquer ação para melhor esta questão, demandaria alteração na Lei.
- b) Destarte que em Cristo o homem recebeu a grande oportunidade de trocar a morte pela vida, o sacerdócio de Cristo Jesus não está estruturado nos ditames da Lei, mas, desconexo dela, o pecador está refugiado na misericórdia, ao invés de estar refém aos critérios da Lei.
- c) O sacerdócio de Cristo Jesus é, além de superior, mais sustentável que o sacerdócio araônico, justamente pelo fato de sua intransferência. Este sacerdócio tem sua natureza no Sacerdote: Eterno.
- d) O sacerdócio de Cristo é favorável e todos os homens, pois, através dele, temos acesso direto ao Trono do Pai, tendo Jesus Cristo, como Nosso Intermediário continuamente.

Agora, não necessitamos de outro sacerdócio, visto que Cristo Jesus é Nosso Sacerdote eternamente – vers.20-28.

## A superioridade de Jesus quanto a Lei

No cap.8 teremos uma informação quanto à superioridade da Nova Aliança em relação à Antiga. O que podemos notar de imediato, é que, no comentário da Superioridade do Sacerdócio de Cristo Jesus, o comentarista de Aos Hebreus, não deu de forma detalhada, as atividades do Senhor Jesus Cristo como Nosso Sumo-Sacerdote. Parece que neste cap.8, ele entende que seus leitores precisam saber das atividades deste Sumo-Sacerdote, e já inicia informando detalhes que ainda não tinham sido destacados até aqui.

## Jesus é Sumo-Sacerdote Celestial

Em primeiro lugar, devemos atentar para o conteúdo do primeiro versículo: “*Ora, a suma do que temos dito é que temos um Sumo-Sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade*”. A palavra grega para “suma” é “*kaphalaion*” e sig. a) “O ponto principal ou mais importante”, “a coisa principal”; b) “a soma monetária total de uma conta”; c) “O principal”.<sup>21</sup> Sendo assim, o estado ou posição do Senhor nos céus, não é outro, senão de uma gloria total, de um estado de alta dignidade. Estar a assentado destra de alguma autoridade, é o maior ponto que uma pessoa poderia alcançar, como titulo de dignidade. Jesus está no lugar onde jamais poderá ser ocupado por outro, senão, apenas por Ele.

## O tabernáculo não edificado pelos homens

Em segundo lugar, o v.2 nos declara que Jesus Cristo é, além de Rei, Ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo! Lembrando que, nos dias de Moisés, o Senhor mandou que um tabernáculo fosse construído no deserto, para que YHWH pudesse habitar entre seu povo. Todavia, foi Arão quem teve a

---

21 Cf. STRONG, James. *Dicionário STRONG... Op. cit.* [2774].

honra de adentrar no Santo dos santos para ministrar diante do Senhor. Após isso, o tabernáculo foi substituído pelo Templo de Salomão, onde o sacerdócio que lá ministrava, veio se corromper. Jesus como Nosso Sumo-Sacerdote, não poderia ministrar em um tabernáculo feito por homens, mesmo que o projeto foi outorgado pelo Pai. Sendo assim, Jesus está agora, de maneira ininterrupta e diuturnamente, atuando em nosso favor.

### **Jesus é a oferta permanente**

O v.3 nos traz uma sugestão impar em relação a este ministério: *“Porque todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios”*. Sendo assim, Jesus Cristo como Nosso Sumo-Sacerdote, está ministrando, ou seja, atuando no santuário, e assim, Ele pode Se oferecer como “Dons” e “Sacrifícios” pelos pecadores.

### **Jesus possui um sacerdócio diferenciado**

No v.4 encontramos uma situação que não poderia ser resolvida de outra fora, senão remover o Nosso Sumo-Sacerdote da terra, para que Ele cumprisse seu ministério nos céus. O escritor define que: *“Ora, se ele tivesse na terra, nem tampouco sacerdote seria”!* OU seja, pelo fato de Jesus não pertencer a Tribo de Levi, Ele não poderia de maneira justa, exercer este ministério sacerdotal, isso em conformidade com a Lei. Não haveria como Nosso Senhor Jesus atuar em qualquer área do sacerdócio, e nem poder fazer em benefício do homem.

Os dons que eram oferecidos pelos sacerdotes e sumo sacerdotes, reconhecidos como “Oferta do Grande Dia da Expição”, estria fora do alcance do Senhor Jesus. Lembramos que, Ele não poderia Se oferecer como Sacrifício pelos nossos pecados, e agir como Nosso Sumo-Sacerdote, no Templo em Jerusalém, pois seu sacerdócio seria ilegítimo. Para que Ele se tornasse o Sumo Sacerdote legítimo e o sacrifício pudesse ser oferecido legitimamente, Ele teria que agir em um lugar onde os sacerdotes levitas não agiam. E, o lugar mais propício para este ministério iniciar, não poderia ser outro, senão o

Calvário! O Calvário serviu como a porta de entrada no tabernáculo celestial, onde Ele intercede por nós até o presente momento.

### Um tabernáculo superior

O sacerdócio araônico iniciou suas atividades no deserto, dependendo de ofertas advindas do povo, para que o tabernáculo viesse à existência. Lembrando que, a revelação do projeto de construção deste tabernáculo e todo o seu mobiliário, foi-lhe dado pelo Senhor no monte, sendo Moisés plenamente limitado às formas e recursos desta construção (cf. Êx 25.1-40). O tabernáculo onde Jesus exerce seu ministério, é celestial, não é sombra das coisas futuras. Além de ser um tabernáculo superior, é perfeito, tanto na estrutura, como na oferta e em relação ao Sumo-Sacerdócio.

Podemos assim, fazer uma observação, analisando os detalhes dos vers.5-6 deste cap.8, buscando compreender as definições desta superioridade:

1. O v.5 não omite a importância do tabernáculo terrena, porém, não pode enaltecê-lo, como deve ser enaltecido o tabernáculo celestial. Foi neste tabernáculo que o sacrifício perfeito (*o próprio Filho de Deus*) foi apresentado, ou seja, oferecido.
2. O v.6 faz alusão, tanto ao ministério como a oferta oferecida, destacando que Jesus Cristo é Mediador por excelência; Autor de um melhor concerto, ou seja, de uma melhor aliança. Arão, após ter morrido, não pode mais exercer seu ministério. Jesus, após sua morte e ressurreição, assentou a destra majestade, e executa seu ministério eternamente.

### Análise da Nova Aliança

Neste ponto do cap.8 o autor de Aos Hebreus faz plena questão em autenticar a supremacia da Nova Aliança. Observe que, o assunto aqui, não está relacionado com os critérios dos rituais de ofertas, em especial, o sacrifício. Mas, sim, em relação à

superioridade da Nova Aliança. Nesta questão, a Aliança é superior, por efeito de ser Cristo Superior como Mediador. Ele é o Fiador de uma melhor aliança que, por conseguinte, nos favorece com uma superior promessa.

Podemos analisar alguns detalhes dos vers.7-13, que serão de importância para o entendimento sistemático deste assunto:

1. No v.7 o autor define que a primeira aliança, mesmo levando em consideração a sua natureza, foi vista como imperfeita, sendo assim, necessária uma Nova Aliança.

2. Os vers.8-12 o escritor faz referência ao profeta Jeremias (Jr 31.31-34), declarando que esta Nova Aliança é uma promessa profética que só poderia se cumprir, através do Senhor Jesus e, este humanizado. Jesus executou seu ministério terreno, assumindo o peso da intercessão, fazendo pelos homens uma ponte que os religariam a Pessoa do Pai – II Co 5.18-19.

3. O v.13 é uma finalização deste capítulo, que tem como objetivo declarar que o antigo concerto foi dado a Moisés, para que, por meio deste, o povo pudesse conhecer os critérios da justificação. Todavia, quando Cristo Jesus veio humanizado, Ele ofereceu um Novo e melhor Concerto ou Aliança. Este Novo Concerto, alcançaria, tanto os hebreus, quanto os gentios. É justamente por meio deste Novo Concerto, que o plano de redenção do homem, seria conhecido plenamente por todos os povos, até chegar o momento de “não ensinará mais cada um seu próximo, nem cada um seus irmãos, dizendo: conheci ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o Senhor” – Jr 31.34.

Podemos definir assim, que foi justamente por causa deste Novo Concerto, que veio ao homem por intermédio da morte do Cordeiro de Deus, a oportunidade de viver um novo modo de vida diante de Deus e dos homens.

## A superioridade do sacrifício de Jesus Cristo

Não é fácil para nenhum intérprete das Escrituras, dar a devida interpretação de qualquer texto das Escrituras Sagradas. Em se tratando do cap.9 de Aos Hebreus, parece que este desafio se torna ainda maior. Todavia, como a Bíblia interpreta a própria Bíblia, faremos aqui, sob a direção do Espírito Santo, o possível para dar a devida compreensão ao aluno quanto aos assuntos que aqui se cercam.

Para que possamos entender a intenção do autor deste notável documento, em relacionar os utensílios do Tabernáculo na ordem como foi relacionado, faz-se necessário atentarmos para os detalhes de cada um deles. Sendo assim, vamos destacar um breve comentário que possa elucidar a importância, tanto da organização, quanto da liturgia que cada um utensílio exercia no antigo tabernáculo.

Ora, também a primeira tinha ordenanças de culto divino, e um santuário terrestre. Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o *candeeiro*, e a *mesa*, e os *pães da proposição*; ao que se chama o santuário. Mas depois do *segundo véu* estava o tabernáculo que se chama o *santo dos santos*, *Que* tinha o *incensário de ouro*, e a *arca da aliança*, coberta de ouro toda em redor; em que estava *um vaso de ouro*, que continha o *maná*, e a *vara de Arão*, que tinha florescido, e as *tábuas da aliança*; E sobre a arca os *querubins da glória*, que faziam sombra no propiciatório; das quais coisas não falaremos agora particularmente. Ora, estando estas coisas assim preparadas, a todo o tempo entravam os *sacerdotes no primeiro* tabernáculo, cumprindo os serviços; Mas, no segundo, só o *sumo sacerdote*, uma vez no ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo; Dando nisto a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do santuário não estava descoberto enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo, *Que* é uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço;

Consistindo somente em comidas, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção – Hb 9.1-10.

### **O Candeeiro ou Menorah**

É interessante notar aqui, que no v.2 o autor faz sua primeira identificação, destacando o Candeeiro, ao invés de ser a Mesa. Todavia, o candeeiro ou candelabro ou castiçal de ouro (no hebraico se chama: “*Menorah*” e em grego “*Luchnía*”), foi construído depois de ter sido construída a mesa dos pães da proposição ou da presença.

Em relação a uma analogia, este utensilio ficava no lugar Santo do Tabernáculo, e era composto de uma só peça com sete braços. Israel é uma nação tribal, ou seja, um povo dividido em tribos, porém unificados religiosamente em uma só haste: A Lei do Senhor. Em relação à Igreja, em Ap 1.12-20 ela está dividida em sete localizações distinta da Ásia Menor, porém, unida em uma só estrutura ou haste: Cristo Jesus.

### **A mesa dos pães da proposição**

O segundo utensilio apresentado pelo autor de Aos Hebreus é a mesa dos pães da presença ou da proposição – Êx 25.30. Esta mesa com seus doze pães, é uma analogia à Pessoa do Senhor Jesus Cristo, que por sua vez, é o Pão da Vida para alimentar espiritualmente a todos os que nele venham depositar sua fé – Jo 6.25-63. Também, podemos entender de forma simbólica que esta mesa com seus pães, estejam indicando uma revelação do contexto da mesa do Senhor, ou seja, da Ceia do Senhor, onde cada um dos doze apóstolos recebeu a oportunidade de comer do pão que lhes foram servidos por Cristo – Mt 26.26-28; I Co 11.23-34. Esta mesa que está no interior do Tabernáculo, também pode ser vista e aceita como a extensão da Igreja, que possui a grande responsabilidade de alimentar os pecadores famintos de Deus, através da Palavra da Vida – Mt 8.11; Jo 6.48-51.

## Os pães da proposição

O pão para que possa ser levado à mesa, antes ele precisa passar pelo processo de construção. Não ignoremos que a matéria prima do pão é o trigo. O trigo não pode ser transformado em pão, sem que para isso, antes tenha que ser moído. Jesus teve que ser moído pelas nossas transgressões – Is 53.10. Além desta verdade Cristocêntrica, em Êx 25.30 o Senhor declara que este pão deveria estar diante de sua face para sempre. Pode ser por esta razão que este pão é visto e compreendido no Antigo Testamento de diversas formas: a) Em Lv 21.21 ele é chamado de “Pão de Deus”; b) Em Nm 4.7 ele é chamado de “Pão Contínuo”.

Jesus é este Pão que sendo Onipresente, sempre estará junto aos seus, para lhes alimentar diuturnamente – Mt 28.20. Se nos pães do Tabernáculo os sacerdotes vinham à presença de Deus, na Pessoa do Senhor Jesus Cristo, nós encontramos e sentimos a presença do Pai.

## O santuário

Embora, como já estamos conscientes da intenção do autor deste documento, ele deseja colocar a superioridade de Cristo em relação a tudo que se relaciona a Antiga Aliança. Sendo assim, aqui ele fala do santuário, porém, referindo-se exclusivamente ao Tabernáculo construído por Moisés. Não que este deixasse de ter sua glória, mas, é justamente através deste reconhecimento, que o autor expõe a superioridade do Tabernáculo Celestial, onde Jesus está exercendo seu ministério.

## O segundo véu

Em comparação com Êx 26.31-33, a principal finalidade do véu no interior do Tabernáculo, era fazer uma separação em o lugar Santo do lugar Santíssimo. E, esta separação tinha uma finalidade exclusiva: ocultar a Arca da Aliança dos olhares comuns, tanto dos sacerdotes, quanto dos que buscavam obter uma visão do interior do Tabernáculo. É aceito que todo o contexto da construção do Tabernáculo tem uma forma de indicar algo sobre o ministério

terreno de Jesus Cristo. Sendo assim, podemos concordar com quando ela faz a seguinte citação:<sup>22</sup>

o tabernáculo era uma combinação peculiar de beleza e aridez, de preciosidade e vulgaridade, de glória e vaidade. Foi erigido na areia movediça do deserto nu e estéril. Não havia pavimento de mármore para separar a mobília revestida de ouro do chão descoberto. No entanto, estas condições distintas representam a natureza de nosso Senhor Jesus Cristo, que foi a um tempo Filho de Deus e Filho do Homem. Nele, diferentes naturezas se encontram e harmonizam-se. Ele foi o Ancião de Dias e a Criança de Belém; o portador do cetro dos céus e do fardo do mundo; o Leão da tribo de Judá e o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Nele, todas as meadas enredadas da vida irão desenredar-se um dia, todo o mistério será desvendado, todas as ambições contrariadas serão realizadas, todas as esperanças frustradas serão cumpridas e todos os desígnios não realizados do Seu povo santo alcançarão fruição gloriosa. Eis aqui, então, o mistério que tem estado oculto desde os séculos, porém agora se manifesta — Cristo em vós, esperança da glória. (Cl 1.27).

Na morte do Senhor Jesus Cristo, este véu foi rasgado de alto a baixo, mesmo que seja aceito que dias após sua morte, os líderes judaicos costuraram-no e o colocaram outra vez onde estava, porém, nos anos 70 d.C., com a destruição de Jerusalém, o véu foi determinantemente destruído, queimado, extinguido. Porém, nos céus de glória, o Véu que protege a Arca da Aliança, ou seja, o Primeiro Véu, nunca será destruído, até porque, Ele não protege da aproximação, mas, sim, para que esta aproximação não seja impedida em relação aos seus santos.

### O incensário de ouro

O v.4 possui uma grande lista que nos informa os utensílios e suas reais importâncias. Podemos entender aqui, que nesta listagem, o autor inicia falando do Incensário de Ouro. Vale lembrar aqui, que no Tabernáculo havia dois altares: *a)* O Altar de Cobre, que eram feio de madeira de acácia (cf. Êx 27.1-2); *b)* O Altar de Ouro, que também era feito de madeira de acácia, porém, suas medidas eram diferentes do primeiro altar (Êx 30.1-3). O detalhe neste segundo

---

22 WILEY, Orton H. *A excelência da Nova Aliança em Cristo...* Op. cit., p. 375.

altar, é que ele deveria ser revestido de ouro e possuiria uma cora sobre ele. Este segundo altar, deveria ser colocado “*diante do véu que está diante da arca do testemunho, diante do propiciatório, que está sobre o testemunho*” – Êx 30.6. Sobre o Altar de Ouro, Arão deveria queimar o incenso das especiarias – Êx 30.7; uma vez por ano, Arão deveria fazer a expiação sobre suas pontas com o sangue do sacrifício das expiações – Êx 30.10. Todo este ritual, tem uma alta relevância com o ministério do Senhor Jesus, que aponta para Sua vida de oração e Sua entrega para a morte expiatória.

### A arca da aliança

Quando analisamos a estrutura da Arca da Aliança, encontramos mais um pouco do ministério do Senhor Jesus Cristo, como uma exata informação de Sua Divindade em Sua Humanidade. Em Êx 25.10 a Arca deveria ser feita de madeira da acácia, porém, ela deveria ser revestida de ouro, por dentro e por fora. E, semelhante ao Altar de Ouro, ela deveria ter sobre ela, uma coroa de ouro em toda sua circunferência. Com esta informação, mais uma vez, podemos encontrar as duas naturezas de Cristo Jesus: a humana e a divina. Todavia, o propiciatório, ou seja, a tampa da arca é uma larga representação da crucificação do Messias – II Co 5.18-19.

### O vaso de ouro

A terceira revelação que ainda encontramos no v.4, está relacionada com o Vaso de Ouro. Este vaso ou tigela comportava uma amostra do maná que alimentou o povo no deserto. O maná é uma analogia a Palavra de Deus. Em Jo 1.1, encontramos uma revelação de Jesus Cristo como “O Verbo de Deus”, levando em consideração que o verbo do grego é “Logos”, ou seja, “palavra”, Jesus é a Palavra que alimenta o homem (cf. Ap 19.13). Se o maná deveria estar no interior da Arca, então isso significa que a Palavra estava no interior do Senhor Jesus Cristo, podendo assim, ser conservada para alimentação da humanidade que nele viesse confiar e servir.

No escrito de Severino Pedro da Silva, relacionado à Epístola aos Hebreus, ela faz a seguinte declaração quanto ao maná:

o maná. O episódio da provisão do maná começa assim: ‘E, alçando-se o orvalho caído, eis que sobre a face do deserto estava uma coisa miúda, redonda, miúda como a geadinha sobre a terra. E, vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? [ou, Man hu?]' (Êx 16.14,15) O maná, mesmo tendo caído no deserto, era ‘pão do céu’. Seu sabor não era terrestre; era uma figura de Cristo na sua humilhação aqui no mundo, o verdadeiro pão do céu (Jo 6.32). O trigo era da terra; seu sabor era do lugar onde se encontrava. Era uma figura de Cristo, que mesmo sendo Deus, nasceu na Palestina e ali foi exaltado por Deus.<sup>23</sup>

Nesta parte de nosso estudo, não vou destacar os itens relacionados à “Vara de Arão que floresceu” e nem quanto “As Tábuas da Lei” que estavam juntos no interior da Arca da Aliança.

### Os Querubins da Glória

Os anjos foram criados pelo Senhor, para servi-lhe, como também, para servir os que ao de herdar a salvação – Hb 1.14. Os anjos possuem uma classe hierárquica bem definida. Nestas classes ou hierarquia, eles são conhecidos como: Serafins, Querubins, anjos e Arcanjo. Sempre lembrando que as três classes são definidas no plural, porém, a última, ou seja, o Arcanjo, esta é no singular.

Todavia, todos os anjos, independente de suas hierarquias, são seres de alta importância na execução da revelação dos projetos Divinos para a humanidade. Em hb. 9.5, o destaque está para os querubins. A palavra “querubim” tem sua procedência do hebraico “*k<sup>2</sup> e rub*” (se pronuncia: “*k<sup>2</sup> e ruvi*”), e possivelmente, esta palavra seg. “guardar” ou “cobrir”. Em Gn 3.24 encontramos a primeira referência a anjos na Bíblia e, por conseguinte, esta referência se relaciona aos “querubins”. Em Êx 25.18-20 nós encontramos a revelação bíblica da qual o autor de Aos Hebreus se refere. No contexto bíblico, os querubins estão sempre relacionados a uma ação do juízo de Deus. Eles também são visto como:

---

23 SILVA, Severino Pedro da. *Epístola aos Hebreus... Op. cit.*, p. 155.

1. Os querubins guardavam o caminho para a árvore da vida com a espada flamejante, a leste do jardim do Éden (Gn 3.21-24).
2. Figuras de querubins foram bordados no véu (Hb 10.20), guardando a entrada do Lugar Santíssimo, a sala do trono de Deus (Êx 26.31-33).
3. O Pastor de Israel habita entre os querubins (SI 80.1).
4. O Senhor reina e se assenta entre os querubins (SI 99.1).

Só podemos concluir que os querubins representam o Pai e o Espírito Santo, enquanto o propiciatório. O trono de misericórdia, representa o abençoado Filho de Deus, o Redentor.<sup>24</sup>

### Os rituais sacrificiais

Quanto aos requerimentos dos utensílios do Tabernáculo, o autor de *Aos Hebreus* observa que, tudo o que era necessário para a liturgia sacerdotal estava organizado. Agora, a única coisa que deveria ser observada, era a realização dos sacrifícios que deveria ser regularmente. Sendo assim, vejamos o que este autor apresenta para seus leitores:

I – Primeiro: *O Ritual do Sacrifício Ineficaz.*

O v.6 nos aponta para a ineficácia dos sacrifícios que eram oferecidos pelos sacerdotes (hb. “*kohanim*”). Esses sacerdotes eram a parte do povo que o Senhor havia escolhido para Lhe servir, ou seja, os levitas. Esses sacerdotes deveriam continuamente entrar no Lugar Santo, para queimar as ofertas determinadas pelo Senhor – Ne 10.34. Esta era uma ordenança do Senhor, para ser cumprida continuamente (cf. Lv 2.16; 3.11,16; 7.5; 10.13; 24.9; Nm 29.13; Dt 18.1; Ez 42.13). Essas ofertas deveriam ser apresentadas ao Senhor todos os dias, pela manhã e ao anoitecer – Êx 29.38-42; Nm 28.3-8.

---

<sup>24</sup> CONNER, Kevin J. *Os Segredos do Tabernáculo de Moisés: série segredos bíblicos*. 1 Ed. Belo Horizonte: Editora Atos Ltda, 2004, p. 36.

Em relação ao v.7, somente o sumo sacerdote (hb. *Koren hagadol*) poderia entrar uma vez no ano, no segundo tabernáculo que é o Santo dos Santos, que em hebraico é: “*Kodesh há Kodashim*”. Este é o lugar mais santo do Tabernáculo, como também foi o do Templo de Jerusalém. Uma vez por ano, o sumo sacerdote adentrava esta parte do Tabernáculo, para oferecer o sangue da expiação, que era o sacrifício anual pela nação de Israel.

No v.8 o autor de Aos Hebreus nos fornece uma revelação quanto ao limite que havia entre o homem e Deus, definido pelo Véu que realizava esta separação. O Espírito Santo (hb. *Ruach Há-Kodesh*) traz ao entendimento que, enquanto estiver o primeiro Tabernáculo em pé, ou seja, enquanto a Lei do Ritual Levítico ou Sacerdotal estiver em atividade, não haveria qualquer possibilidade de o homem falar diretamente com Deus. O Véu (hb. “*parokhet*”). O significado de “*parokhet*” está relacionado à “*demarcação*”, nesse caso, a fixação dos limites do espaço sagrado.) era a linha de limite entre Deus e o homem. Somente através de Cristo Jesus, esta linha ou divisão poderia ser eliminada, assim como o foi. Na morte de Cristo Jesus, o Véu foi rasgado de alta a baixo, lembrando que esta liberdade de estarmos diante do Senhor, não partiu do homem, mas, sim, do próprio Deus – II Co 5.18-19.

## Concluído o cap.9

Para que possamos finalizar esta parte do estudo, estaremos resumindo o conteúdo deste cap.9. Aqui, estamos sendo informados de que, em relação à antiga aliança, a única coisa que ela conseguia realizar, era uma mera purificação externa dos pecados, através de sacrifícios obtidos pelo sangue de animais – v.9. Em se tratando da Nova Aliança que foi realizada pelo Senhor Jesus Cristo, o homem pode ter a purificação de seus pecados e uma expiação interna, que os lava de toda a iniquidade – Mt 26.28; At 20.28; Rm 3.25; Cl 1.14; Hb 10.4; I Jo 1.7; Ap 1.5.

No Manual Bíblico Vida Nova, encontramos o seguinte comentário: “o sacrifício de Cristo é mais eficaz para nós hoje de

três maneiras. Primeira, ele não se alinha a ser mera remoção da impureza cerimonial. Limpa a consciência da culpa e inspira um viver santo – 9.11-14. Segunda, ele acarreta a remoção do pecado pelo derramamento do sangue de Cristo – 9.15-22. Terceira, por entrar na presença de Deus, Cristo mostrou que ofereceu um sacrifício perfeito – 9.23-28”.<sup>25</sup>

Com esta obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo, agora, todos os que nEle crer, pode aguardar com esperança, Sua vinda para nos conduzir as Moradas Celestiais, pois esta é a maior de todas as promessa que Ele fez para sua Igreja.

### A superioridade de Jesus quanto aos sacrifícios

O cap.10 é uma forma que nós temos, pela exposição do autor de Aos Hebreus, de conhecermos melhor sobre a superioridade de Jesus, em relação aos sacrifícios que foram oferecidos até o momento do Sacrifício Maior. Podemos destacar aqui, os detalhes deste assunto, analisando-o da seguinte maneira:

I – Primeiro: *os limites dos antigos sacrifícios – vers.1-4.*

Estamos nos concentrando em uma das maiores verdades implícitas da teologia da expiação neotestamentária. Esta deve ser a forma como encaramos os elementos que os rituais da Lei se destinavam em conduzir os sacrifícios, na intenção de colocar o homem frontalmente com seus pecados, ao invés de leva-los para longe de si. O autor destaca dois elementos importantes neste v.1:

a) Primeiro: “Porque, tendo à lei a sobre dos bens futuros” – v.1.a. Na tipologia da Bíblia, todos os elementos que formalizavam os rituais sacrificiais em relação à transgressão dos homens, só indicava que algo deveria ser ofertado, mas, que estivesse acima do que já estava sendo colocado sobre o altar. Nada que os sacerdotes oferecessem em ofertas, poderiam suprimir os efeitos que o pecado estava causando nos homens. Daí, a necessidade de algo maior.

---

25 DOCKERY, David S. *Manuel Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2001, p. 803.

b) *Segundo*: “E não a imagem exata das coisas futuras” – v.1.b. A revelação que a Lei legava aos homens, era algo que não podia conduzir o pecador ao verdadeiro arrependimento. Por mais que um animal fosse sacrificado, o desejo pecaminoso ainda estava vivo. Não bastava sacrificar um animal, era necessário que os homens entendessem os efeitos colaterais do pecado, não no sentido de evitar a oferta, mas, sim, de entenderem que, antes que o animal fosse levado ao altar de sacrifício, o pecado deveria ser abolido das intenções dos corações.

c) *Terceiro*: “pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam” – v.1.c. Podemos entender aqui com alguma base ou definição, que somente em Cristo há como o homem compreender os bens que no futuro seriam expressamente revelados. Não que a Lei seja ruim! Mas, que somente em Cristo, o homem pode e consegue ver o verdadeiro elemento de sua salvação. Tudo que estiver fora de Cristo, não passa de mera sobre das coisas futuras.

Os que administravam os rituais sacrificiais, deveriam continuamente estar diante do altar, para repetirem os mesmos rituais e em nada havia mudanças. Sendo assim, resta concluir que, pela Lei, não havia a possibilidade de haver uma reconciliação entre Criador e criatura – vers.2-4.

II – *Segundo: uma análise quanto aos sacrifícios* – vers.5-6.

Os vers.5-6 nos declaram a importância da entrada de Cristo Jesus no mundo, porém, de forma humanizada. Não poderia ser um corpo construído pelos processos naturais da fundição genética concebida entre o relacionamento de um homem e uma mulher. Mas, deveria vir de uma forma, que o corpo não nutrisse qualquer simpatia ou atração pelo pecado. Sendo assim, o próprio Deus (Neste caso o Pai), preparou o ventre de uma virgem, para que, por meio desta concepção, o mundo pudesse recepcionar aquele que seria seu salvador.

Que houve uma discussão em que lugar este sacrifício oficial e único deveria ser oferecido, não resta a menor dúvida. Todavia, a

humanização de Jesus Cristo, trouxe esta solução: Ele seria o Sumo-Sacerdote que administraria a oferta; Ele seria a oferta administrada por Si mesmo, para fazer a expiação dos pecados; Ele seria o próprio Tabernáculo, onde esta oferta deveria ser administrada. Em especial ele deixou isto muito bem claro:

a) *O Sumo-Sacerdote*: Como nosso Sumo-Sacerdote, Ele intercedeu por nós – Mt 27.46-54. O momento em que Jesus Cristo como Nosso Sumo-Sacerdote finaliza sua intercessão foi justamente no horário do último sacrifício do dia: a hora nona. Sem que o povo soubesse, e até mesmo seus discípulos, Ele estava colocando, um ponto final nos sacrifícios que eram oferecidos, pois, a partir daquele momento, o sacrifício prevalecente, seria o que Ele estava oferecendo ao Pai.

b) *A Oferta Perfeita*: Em Jo 1.29,36 João Batista faz a introdução ministerial do Senhor Jesus Cristo, apresentando-O à comunidade judaica como “O Cordeiro de Deus”. Este Cordeiro estava preparado antes da fundação do mundo, para ser oferecido pelos pecadores: I Pd 1.19-20; Ap 13.8. O momento havia chagado em que este Cordeiro deveria ser sacrificado, assim como já estava preestabelecido pelo Pai.

c) *O Tabernáculo Eterno*. Em certa ocasião, Jesus declarou que Ele era o Templo (Ou seja, o Tabernáculo Vivo) – Mt 26.61; Mc 14.58; Jo 2.19. Ele é o perfeito Tabernáculo que vive na eternidade, por onde Ele mesmo Se ofereceu como Nosso Sacrifício e atuou como Nosso Sumo-Sacerdote.

Como Nosso Sumo Sacerdote, como Nosso Cordeiro e como o Verdadeiro Tabernáculo, Ele pode condenar o pecado que está introduzido no corpo carnal do homem, levando sobre seu próprio corpo carnal doto o efeito do pecado (cf. Rm 3.23; 8.3).

III – Terceiro: *o sacrifício que agradou ao Pai* – v.7-9.

É notável como Cristo Jesus levou a conclusão todo o sofrimento pelos pecadores, como um objetivo exclusivo de alegrar ao Pai. Se o pecado é ofensa a Deus, então o Pai estava ofendido por

causa do pecado. Como Deus, Jesus também estava ofendido. Mas, como Ele se despiu de toda sua glória (cf. Fp 2.5-8), não poderia estar na qualidade de Deus, Ele agiu para que a ofensa fosse aplacada pelo seu próprio sacrifício. Ele sabia que isto alegraria o coração do Pai – Is 53.10. Diferente dos animais que eram ofertados em holocausto, Jesus foi o sacrifício perfeito – Is 38.14; 53.7; 59.11; Mt 23.37; 25.33; Lc 23.33; At 8.32-35; I Co 9.9-10; Hb 7.26; 12.2-3.

IV – Quarto: *o sacrifício que gerou santidade* – vers.10-18.

Os elementos desses versos podem ser identificados como elemento santificador ou de necessidade de santificação. Sendo assim, o sacrifício de Cristo não só fez expiação pelos nossos pecados, como pode nos tornar santos, observando os seguintes elementos:

1. A oblação do sacrifício nos lava das nossas impurezas, para que nos apresentamos limpos (santificados – Jo 17.17) ao Senhor – v.10.
2. Fora dos domínios dos sacerdotes araônicos, nós temos um único e melhor sacrifício – v.11.
3. Nele temos a oportunidade de termos, além de um sacrifício permanente, um intermediador que está constantemente diante do Pai, olhando para nossas limitações e fraquezas – v.12.
4. Nele temos uma promessa de que um dia todos os elementos que causam ofensa a Deus, ou seja, as obras pecaminosas serão eliminadas, quando os inimigos de Deus forem aniquilados – v.13.
5. Pelo seu batismo (ablução) estamos limpos, ou seja, santificados para estarmos diante dEle em todo o momento – v.14.
6. Pelo seu sacrifício e pela ação do Espírito Santo, temos a garantia de um perdão permanente, onde não haverá mais a possibilidade de sofrermos a condenação que veio sobre Ele – vers.15-17.

7. O sacrifício do Filho de Deus, não só nos purifica como também nos santifica, não mais necessitando assim o homem de outro sacrifício.

Pelo seu sacrifício, tanto os judeus como os gentios, estão passivos de uma vida de acessibilidade ao Pai. O que não era possível pela Lei.

V – Quinto: *o acesso pelo verdadeiro Caminho* – vers.19-27.

Não há como não aceitar que esses versos seja um epítome de tudo o que foi estudado até aqui. Partindo do início do cap.9, o autor deste documento conseguiu formalizar um pensamento que envolveu todo o sentido do ministério sacerdotal do Senhor Jesus Cristo, sem ter a necessidade de associar com isto mais argumentações.

a) A verdadeira ação nos domínios do Santo dos Santos é revelada como resultado daquilo que foi realizado pelo Senhor Jesus Cristo. Assim que nos deparamos com o sangue do sacrifício, não há razão para não nos aproximar da presença do Senhor. Pois, pelo Seu sangue, nossos pecados foram removidos, a culpa foi justificada e nosso corpo agora está limpo – vers.19-20.

b) Os vers.21-22 nos dá uma melhor visão da ação ministerial dos sacerdotes em relação ao sacrifício ou oferta apresentada por Jesus, quando o autor declara: “E tendo um grande sacerdote”! O termo grego “*hiereus megan*” para “grande sacerdote”, é em alguns textos da Septuaginta vistos como “*Archiereus*” ou “Sumo-Sacerdote”. Podemos entender aqui, que não somente o sacerdote é grande, como é grande a obra que Ele realizou. E, sendo assim, devemos ter convicções hoje, que antes não tínhamos, principalmente, por que hoje podemos nos apresentar a Ele com: verdadeiro coração, inteira fé, a mente purificada e o corpo limpo pela água que é a Poderosa Palavra.

c) Os vers.23-25 nos mostra como deve ser a convivência daqueles que conseguiram ter acesso ao Santo dos Santos. Nesta situação, o que deve estar em foco é o critério da entrada através do véu. O autor de Aos Hebreus deixa bem claro que

o mais importante aqui, é a conservação da “esperança”, a “o estímulo do amor” e a “exortação”, pois o Dia se aproxima.

d) O v.26 vem tratar de um assunto extremamente sério: O pecado voluntário. O autor de Aos Hebreus, parece aqui estar alinhando este texto 10.26 com 6.4-6, porém, ressaltando uma pequena diferenciação. Os termos gregos nesses dois casos podem nos ajudar a entender melhor qual é de fato o entendimento primário aqui:

1) Primeiro: A palavra – *Deliberadamente*. Esta palavra grega é: “hekousios” que sig. Uma ação deliberada ou voluntária. Alguém que, mesmo sabendo que é errado, se propõe em realizar o feito ou o ato.

2) Segundo: A palavra – *Pecar*. Esta palavra grega é: “*Hamartanontom*” que sig. “tendo pecado”, sendo derivada da palavra “*hamartolos*” que sig. “especificamente de homens marcados por determinados vícios ou crime”; “dedicado ao pecado”, “não livre de pecar”.

Os que assim se comportam, mesmo após terem recebido o “pleno conhecimento” (Gr. *epignosis* que sig. conhecimento pleno ou completo), não se intimidam em realizar ou induzir outros a realizarem o pecado. Essas pessoas não são vistas como “fracas de alma”, mas, sim, obstinadas de espírito. Sendo assim, “não resta mais sacrifícios”, senão o crive da disciplina (cf. v.27).

VI – Sexto: *a lei de Moisés e suas análises* – vers.28-38.

Aqui, veremos a conclusão deste cap. 10 com algumas informações que estão intrinsecamente ligadas as Leis de Moisés para o povo de Israel, mas que podem ser observadas também, em relação ao comportamento daqueles que passam a fazer parte do Cristianismo.

1) Primeiro: veremos os detalhes dos vers.28-29. O v.28 está destacando certa forma de apostasia as leis mosaicas. Mesmo estando os israelitas adaptados a este conjunto de leis, havia os que “deliberadamente” transgrediam, sem qualquer tipo

de ressentimento. Diante desta apostasia, se surgissem duas testemunhas que comprovavam esta transgressão ou apostasia, o transgressor ou apóstata seria morto.

2) *Segundo*: O v.29 tem como objetivo elucidar alguns detalhes que podem ocorrer no cotidiano daqueles que parecem ter-se esquecido dos verdadeiros valores do sacrifício do Filho de Deus. Sendo assim, seguem-se os perigos decorrentes neste verso:

- O primeiro perigo está no termo: “*Calcou aos pés*” em conformidade com o termo grego “*katapatesas*” que sig. “pisar”, “espezinhar”. Esta é uma ação que tende a desdenhar um indivíduo ou um sistema. O termo “desdenhar” sig. “desprezar com altivez” ou “descuidar”. Neste caso, o que é aceito pelos comentaristas deste livro, que o sujeito que assim se comporta, está agindo como se fosse alguém que não reconhecesse a grandeza daquele que realizou a Obra da Redenção. Ou seja, desdenha do Pai, e conjuntamente, do Filho. Sem deixar de fora a Pessoa do Espírito Santo que é quem conduz o homem a vivência desta maravilhosa redenção.
- O segundo perigo está no termo: “*Profanou*”. Em conformidade com a Bíblia Grega, o termo usado neste versículo é: “*koinon*” que sig. “comum” ou “profano”. Ou seja, o indivíduo teve por algo comum ou profano o sangue que oficializou a Nova Aliança, que é o único recurso para que o pecador possa escapar da condenação eterna e ter o devido direito da salvação.
- O terceiro perigo está no termo: “*Ultrajou*”. Em paralelo com o grego do Novo Testamento, esta palavra é vista como: “*enubrisas*” e sig. “ultraje”, “afronta”, “difamar”, “insultar” ou “injuriar”. Uma das etimologias da palavra “blasfêmia” é “injuria”. Ou seja, quem age assim, pode estar cometendo o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo. Isso se levamos em consideração a fala do autor quando ele diz: “*ultrajou o Espírito da Graça*”. A palavra “graça” do grego

“charitos” unido à palavra “Espírito” do Gr. “*Pneuma*”, pode estar concordando com “O Espírito Santo de Graça” ou “O Espírito da Graça”.

### **Deus vingará seus inimigos**

Ao darmos início aos comentários dos vers.30-39, nos deparamos com algo que parece ser inevitável: O Juízo de Deus sobre os que assim se comportam diante dEle. O autor deste documento se estriba em Dt 32.35-36 que declara: *“Minha é a vingança e a recompensa, ao tempo que resvalar o seu pé; porque o dia da sua ruína está próximo, e as coisas que lhes não de suceder, se apressam a chegar. Porque o Senhor fará justiça ao seu povo, e se compadecerá de seus servos; quando vir que o poder deles se foi, e não há preso nem desamparado”*.

Quando um indivíduo comete um erro tão grave assim, e que está relacionado aos pecados acima mencionados, a única coisa que se pode esperar é um castigo inevitável. Este castigo está relacionado ao desprezo, tanto ao Pai, quanto ao Filho e ao Espírito Santo. Este juízo ou julgamento está plenamente amparado pela justiça divina. O próprio conteúdo do texto em estudo descreve que as bênçãos da salvação não irá demorar – v.37, porém, os que optam pela ação correta (justo), este receberá a vida eterna pela fé (ou seja, obediência) – v.38. E a apologia de tudo isto está no v.39.

### **A galeria da fé em hebreus**

Podemos assim dizer que o Livro aos Hebreus é uma das obras mais extraordinárias da composição das Escrituras Sagradas. Deveríamos olhar para este livro com olhar de admiração, assim como um especialista olha para uma obra de arte e pode reconhecer seu pleno valor. “Nele, estão os heróis e mártires que os judeus e cristãos se deleitam em honra; o orgulho e a glória de todo filho e toda filha de Abraão”.<sup>26</sup> O autor de Aos Hebreus não poderia ter iniciado este cap.11 de outra maneira, senão dar continuidade daquilo que ele finalizou o cap.10: Os critérios da fé. Esta forma

---

<sup>26</sup> WILEY, Orton H. *A excelência da Nova Aliança em Cristo...* Op. cit., p. 465.

de comentar sobre alguns dos personagens bíblicos, relacionado a uma vida fé prática, deve ser visto como uma exortação para que os membros do Corpo de Cristo que é a Igreja possam se exemplar e buscar viver na mesma intensidade.

Aqui, dividir os personagens em conformidade com a divisão cronológica que eles viveram. Para que possamos entender os desafios que tiveram em conformidade com o tempo, ou seja, com a história:

Primeira Divisão: *A fé na Criação* – Hb 11.1-3.

A base dos escritos neste capítulo (11) está relacionada com a fala introdutória do autor: “*Ora, a fé é o firme fundamento das coisas*” – v.1. O termo grego para fundamento é “*hupóstasis*” que sig. “base” ou “alicerce firme”. Esta é a forma como a fé (Gr. *pistis*) deve ser vista. Uma base sólida, convicta. O termo convicção do grego é “*elegchos*” que sig. “evidência” ou “demonstração de confiança”. Sendo assim, a fé deve ser vista como um elemento de alta importância para todos os cristãos. A fé deve interagir na vida do crente, tanto no aspecto natural como no espiritual.

Não são poucos os testemunhos que a Bíblia nos apresenta, que estão plenamente corroborados com a fé – v.2. O homem recebeu do Senhor, já em estado imediato a sua formação do pó da terra, uma fé natural que o locomove a agir e acreditar incondicionalmente, em si e nos outros. Todavia, esta fé natural não é suficiente para conduzir o homem para uma atmosfera espiritual. Sendo assim, o Senhor disponibilizou outra fé, um pouco maior: a fé espiritual – Rm 10.17. Esta fé acompanha toda a revelação das Escrituras. Quem recebe as Escrituras, recebe também esta fé espiritual. E, para outros atos de maior magnitude, o Senhor (O Espírito Santo) disponibilizou a fé sobrenatural – I Co 12.8, para que, por meio desta, os sinais sobrenaturais possam ser amplamente efetuado em confirmação a fidelidade e inerrância das Escrituras – Mc 16.17-18.

O v.3 faz referência à criação do Eterno Deus – I Cr 16.26; Jó 26.13; Sl 8.3; 33.6; 96.5; 136.5; Pv 8.27. Embora, não temos alguma informação se no primeiro século da Era Cristã já se discutia sobre

Evolucionismo e Criacionismo, mas, acredito que esta fala do autor já desestabiliza esta teoria. Todavia, acredito que esta não seja a intenção do autor, pois o que ele deseja aqui, é cimentar a questão da fé em Deus. Esta fé deveria levar os cristãos a crerem na ação de Deus, desde o passado, atendendo os critérios do presente e deportando-a para o futuro. A Palavra de Deus deveria ser lida e aceita sem critérios negativos, pois ela é a Verdade de Deus revelada aos homens.

Segunda Divisão: *A fé no período Pré-Diluviano* – Hb 11.4-7.

Embora a Bíblia nos ofereça uma breve biografia quanto à vida de Abel, mas, este pouco já nos é o bastante para entender o segredo da aprovação de Deus sobre sua vida. O detalhe do testemunho de Abel está incluso em seu comportamento de vida – Gn 4.4. Diferente de Caím, Abel foi uma pessoa que entendeu que a justiça era a melhor opção de vida. Tudo indica que ele conheceu o Senhor, e optou por fazer Sua vontade. O próprio Senhor disse quanto a Abel que ele era justo – Mt 23.35. O sangue de Abel que foi derramado, só está em condições inferior a do Senhor Jesus – Hb 12.24.

Existem muitos escritos relacionados ao personagem Enoque, mas, é na Bíblia que encontramos a verdade quanto a vida deste esmerado servo do Senhor – Gn 5.18-24. Sua vida servindo ao Senhor teve uma duração de 300 anos. Acreditamos que não foi nada fácil, devido ao comportamento da sociedade pré-diluviana. Mas, o que encontramos aqui em Aos Hebreus, é que Enoque teve um testemunho aprovado pelo Senhor, visto que ele agradou ao Senhor. Isso não foi por mera religiosidade, mas, sim, por acreditar nas promessas que recebera do Senhor, desde Adão até seus dias. E ele foi conduzido por estas promessas. Sua forma de viver até seu traslado, ainda é fonte de experiência e esperança para os que servem a Deus – v.6.

Noé também teve sua vida como um verdadeiro sinônimo de fé – v.7. Foi justamente pela sua fé que ele se tornou o apregoador de seus contemporâneos – II Pd 2.5. Tanto na construção da arca como

na informação do Juízo de Deus pelo Dilúvio, Noé mostrou plena confiança no Senhor. Infelizmente, pelo que podemos observar, nem mesmo os próprios parentes de primeiro grau de Noé creram na mensagem que ele pregava. Jesus declara que, mesmo Noé avisando do futuro acontecimento, as pessoas levavam uma vida normal, não dando crédito aquilo que estavam ouvindo – Mt 38-39. Noé foi galardoado por Deus, recebendo a salvação com toda sua família, pela fé que ele conservou – v.6.

Terceira Divisão: *A fé no período Patriarcal* – Hb 11.8-22.

Esta divisão inicia com um personagem que é reconhecido pela Bíblia como o “a base da fé de seus descendentes” – Lc 1.73; Jo 8.39; Rm 4.12-16; Gl 3.7; Tg 2.21-24. Para que Abraão alcançasse testemunho, ele deve que deixar suas principais raízes e seguir como nômade sem saber para onde deveria ir. Todavia, ele cria que andar na direção e orientação de Deus, resultaria em recompensas insondáveis. O chamado de Abraão ainda é um desafio para o homem. Porém, não há como se desculpar, pois a obediência de Abraão elimina todos os alibis que alguém desejar ressaltar diante do Senhor – v.8.

Pela fé Abraão rejeitou todas às regalias e honrarias que nutria na casa de seu pai, assim como entre seus parentes e sua sociedade, para ir habitar em tendas, como um forasteiro, um peregrino que nunca possuiu uma identidade. É notável quando conseguimos ver Abraão chegar à Canaã e se deparar com uma civilização plenamente construída. Casas, comércio, plantações, lugares de entretenimentos, possibilidade de prosperidade. Porém, ele não se deixou seduzir por nada daquele povo. Ele sabia que havia outro propósito de Deus para ele naquela terra. Ele acreditou que o Senhor possuía algo de maior elevação para seu futuro – vers.9-10.

Pelo que podemos compreender, não somente Abraão experimentou uma genuína fé, mas sua esposa foi por esta fé também alcançada. O v.11 é uma alusão ao efeito desta fé. Sara que era estéril, com idade extremamente avançada, creu na palavra que o Senhor lhe havia dito – Gn 18.9-10. Quando Abraão e Sara tiveram

do Senhor a promessa de um filho, Sara se pôs a rir (Gn 11.12-15), pois já lhe havia passado o costume das mulheres de terem filhos. Mas o Senhor despertou sua fé declarando: “*Haveria coisa alguma difícil ao Senhor?*” – Gn 18.14. Mediante esta palavra, houve renovo em seu coração e ela teve suas esperanças restauradas – Gn 21.1-7.

No cap.22 de Gênesis nos deparamos com um dos maiores movimentos de fé veterotestamentários. O autor de Aos Hebreus fez questão de destacar este momento – Hb 11.17-19. Aqui, podemos aprender três coisas:

a) Primeiro: A fé de Abraão não era alvo da dúvida de Deus, mas, poderia ser a de Abraão. Era necessário que algo impactante pudesse remover qualquer dúvida do patriarca, para que ele se aproximasse mais de Seu Senhor.

b) Segundo: A fé de Abraão estava condicionada a vida de Isaac. Era fundamental que Abraão possuísse uma fé incondicional, para poder viver algo que o Senhor ainda não havia realizado em sua vida. Nem sempre estaremos preparados para viver os efeitos extraordinários de Deus, se nossa fé for unicamente centralizada em Suas ações e não em Sua Pessoa.

c) Terceiro: A fé de Abraão não poderia ter alcançado o testemunho, se fosse limitada unicamente a esfera física da humanidade. Abraão precisava crer que esta fé era poderosa para lhe colocar nas dimensões espirituais e lhe fazer ver a vida após a morte. Ele precisava saber e crer que Deus tem o domínio da vida e da morte em sua mão. Não seria a vida de Isaac que faria Deus realizar suas promessas, como não seria a morte do menino que faria Deus fracassar em suas promessas. Deus está além da vida e da morte e Abraão precisava acreditar nisso.

As inversões dos fatos não são um sinônimo de que o Senhor desistiu do que prometeu, ou que as promessas do Senhor não dariam certo. Nem sempre os desafios que surgem na vida de uma pessoa de fé, são para eliminar projetos, mas, em alguns casos, são para elucidá-los.

Os vers.20-22 se refere a fé que acompanhou os descendentes de Abraão em todo o tempo que conhecemos como “Dispensação Patriarcal”. Mesmo estando Abraão, Isaac, Jacó e José nos momentos finais de suas vidas terrenas, eles usaram a fé que os fez caminhar por todos os seus dias. O autor deste documento se refere a isto da seguinte forma:

1. *Isaac – Este abençoou seus filhos Jacó e Esaú.* Este acontecimento está registrado em Gn 27.1-40; 28.1-10. Os que estavam sob as promessas de Deus a Abraão, (Isaac e Jacó) não se removeram da terra da promessa. Somente em um tempo onde a profecia de Deus a Abraão deveria se cumprir, foi que às mãos do Senhor conduziram Israel às terras do Egito. Mas, eles não permaneceram lá para sempre. O Senhor os retirou de lá e os levou para a terra da promessa, a terra da Aliança de Deus.

2. *Jacó – Com Jacó não foi diferente.* É interessante notar o ângulo em que o autor de Aos Hebreus olha para Jacó. *Primeiro*, ele menciona os primeiros a receberem as bênçãos de Abraão: Os filhos de José. Efraim e Manassés foram os filhos de José que lhes nasceram no Egito. Embora, o autor deste documento não menciona quais foram às bênçãos pronunciadas por Jacó, mas, nós sabemos que elas estão relacionadas à posse da terra prometida. *Segundo*, Jacó não deixou esta vida, sem antes prestar adoração ao Senhor. Seu relacionamento com Deus começou com adoração – Gn 28.11-22 e finalizou com adoração – Gn 49.28-33. Esta é uma prova nítida de que a fé que ele herdou de seu avô Abraão e de seu pai Isaac, lhe acompanhou para a eternidade.

3. *José – José morreu no Egito, mas, não ficou no lá.* Mesmo estando José vivendo no Egito como um egípcio cerca de noventa por cento de sua vida, ele jamais se esqueceu das promessas de Deus feita a seus ancestrais. Os rituais egípcios foram realizados sobre o corpo de José quando este partiu, mas, sua fé não foi embalsamada. Ele deu ordens para que, quando seus irmãos saíssem do Egito, levassem seus ossos e enterrassem na terra da promessa de Deus – Gn 50.24-26.

Como é importante quando alguém inspirado por Deus nos direciona a compreender que homens e mulheres no passado, mesmo estando em tempos de extremos desafios, conseguiram viver e sobreviver sem perderem a base de suas esperanças: A fé nas promessas do Senhor.

Quarta divisão: a fé no período da Lei – Hb 11.23-31.

Agora, o autor deste documento se posiciona para relatar () fatos sobre o legislador de Israel: Moisés. Mesmo que Moisés viveu com seus pais por curto período de tempo, a fé que os acompanhavam, parece ter sido inserida no subconsciente daquela criança. Os relatos que veremos aqui, embora bastante resumidos, tende a nos dar uma verdadeira noção da intenção do escritor de Aos Hebreus.

1) Primeiro fator: *a fé de seus pais*. Mesmo sabendo que as crianças do gênero masculino estivessem em perigo de morte, Anrão e Joquebete não tiveram dúvidas de que a arca de junco seria o melhor meio de salvar a vida da criança. Todavia, eles jamais imaginaram que o choro do menino, antes de ser ouvido pela filha do Faraó, faria maior barulho nos céus. Quando o Senhor declara: *“E agora, eis que o clamor (choro) dos filhos de Israel é vindo a mim”* – Êx 3.9, não há porque não acreditar que dentre os choros que mobilizou o Senhor a vir libertar o povo que descende de Israel, foi o mais novo escolhido por Deus, para ser o libertador. O choro de Moisés foi ouvido pelo Senhor, quando este estava ainda na “Arca de Junco”. É notável como o Senhor guardou tanto o legislador quanto a lei dentro de uma arca.

2) Segundo fator: *um título desprezado por outro mais nobre*. Para qualquer pessoa no Egito, ser de outro povo e ter a oportunidade de ser chamado de “filho da filha de Faraó”, era algo quase que inimaginável. Se esta honra fosse ofertada a qualquer pessoa, ela nunca seria rejeitada. Todavia, Moisés, após ter entendido qual era sua verdadeira raiz e as promessas do Senhor para seu povo, não teve dúvida de que deveria

tomar uma decisão: Deixar o título do Egito, para unir-se a aliança do Senhor.

3) Terceiro Fato: *deixou o prazer pelo sofrimento*. Sua atitude fez que tivesse que deixar o Egito e se deslocar para Midiã, embora, não fosse esta a intenção de Moisés. Aqui, temos a primeira saída de Israel do Egito. Porém, o destino do libertador de Israel não estava na direção certa. Sendo assim, ele deveria voltar e partir outra vez, porém, desta vez na direção certa. Acredito que esta deve ser a visão do autor deste documento em Hb 11.27.

4) Quarto Fator: *sua trajetória a Terra da Promessa*. Embora, até aqui Moisés esteve diante de acontecimentos presentes, ele ainda não teve uma visão de coisas futuras. Todavia, nos vers.28-29, nós encontramos Moisés exercitando a verdadeira forma da fé: Olhando para o futuro. Ele pode contemplar o futuro de Cristo com seu povo na celebração da Páscoa – Êx 12.1-28; na travessia do Mar Vermelho, Moisés contempla o surgimento de uma nova época para seu povo: a época de uma salvação que os livraria definitivamente da escravidão – v.29.

Esta quarta divisão se encerra com uma plataforma de informação que nos faz ver que o livramento de Israel não se resumia somente em sair do Egito. Deus ainda tinha outras obras grandiosas para seu pov. Moisés pode presenciar e vivenciar tudo isso do Deserto do Sinai. Orton H. Wiley desta algo interessante em seu comentário: “Ali, foi entregue a Lei, e o povo israelita, organizado como nação, organizou-se também como a 'Igreja no deserto', com seus serviços sacerdotais. E ainda houve a unificação das tribos como um povo peculiar e único pelo sangue da aliança, sendo Yehowah o seu único e verdadeiro Deus, e os israelitas, o Seu povo”.<sup>27</sup>

Quinta divisão: *a fé no período dos Juízes* – Hb 11.32-34.

Os comentários que temos aqui se relacionam com o tempo da Era dos Juízes. Os fatos que acompanham este tempo teve seu início sob a liderança de Josué. O elemento que cimentou a fé dos israelitas,

---

27 WILEY, Orton H. *A excelência da Nova Aliança em Cristo...* Op. cit., p. 493.

certamente, foi à entrada triunfante em Canaã, após as muralhas de Jericó ter ruído diante do povo de Deus. Sob a liderança de Moisés, o povo por quarenta anos tiveram a confirmação de que Deus estava garantido sua aliança com Abraão. Agora, eles já começam a ver que o Senhor reafirma esta fidelidade no ministério de Josué.

Outra grande evidencia da presença do Senhor com seu povo está na salvação da Raabe e sua família. Esta mulher residia em uma moradia que se localizava sobre as muralhas da Cidade de Jericó. Pelo que se percebe, ela era a proprietária de uma estalagem, onde podia recepcionar pessoas da cidade, como os que vinham de longe. Todavia, Raabe era uma mulher informada de muitas coisas que acontecia no mundo de sua época. Entre esses conhecimentos, ela sabia sobre o povo de Israel e tudo o que o Senhor estava fazendo em favor de seu povo. Quando chegaram à cidade os espias de Josué, ela sabia que o momento era de oportunidade de salvação.

Raabe creu no Senhor, e isto foi o suficiente para que uma aliança pudesse ser feita e a salvação chegasse até sua casa. Com esta atitude, Raabe abriu as portas para um projeto do Senhor: a salvação dos gentios. Em um futuro bem distante, isto vai acontecer na casa de outra família (cf. At 16.27-31). Esta fé de Raabe foi transmitida para seus descendentes: Boaz, Obede, Jessé e Davi – Mt 1.5-6.

A listagem dos fatos que relacionam diversos personagens não foi possível ser descritos pelo autor deste documento. Homens que viveram sua época com olhares expressivos para o futuro, aguardando a imediata confirmação das promessas do Senhor como: Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os diversos profetas que se relacionam entre os literários e não literários.

Sexta divisão: *a fé em tempos dos mais diversos* – Hb 11.35-40.

Esta fé não ficou enclausurada na história, limitada somente aos antepassados do povo de Israel. As promessas do Senhor não eram somente para um tempo, mas, para todos os tempos. Todavia, o povo que descendeu de Abraão, teve que suportar diversos tipos de problemas ao longo de toda a história.

Aqui, o autor da Epístola aos Hebreus não detalha muito sobre os acontecimentos que ele menciona. Ele já fez muitas declarações sobre a fé e como esta foi revelada na vida dos servos do Senhor. Nunca faltou uma ocasião que tivesse a intenção de aniquilar com as promessas do Senhor na vida dos descendentes de Abraão, Isaac e Jacó. Todavia, a fé não é frágil, não é temporal, não é condicional, não se estabelece pelo visível.

Observamos que a fé não está confinada em masmorras de reinos, não se relaciona com a injustiça, não se estabelece na força física do homem, não precisa de armas potentes para afugentar os exércitos adversários; não pode ser cremada pelo fogo, não se divide ao ataque das espadas. A fé está acima de todo e qualquer ação que pode desafiar os limites do homem natural. Foi por está fé, que os que confiaram no Senhor alcançaram testemunho – vers.39-40.

### Um caminho de fé por um vivo testemunho

Após o autor fazer diversas observações exortativas aos judeus convertidos ao Cristianismo, ele interage com a mensagem de fé e determinação, para que nós irmãos possamos prosseguir na mesma esperança em direção a Jerusalém Celestial. Durante esta jornada, os cristãos judeus devem estar dispostos a seguir com afinco, pois precisarão ter determinação para superar os desafios, vencer todo e qualquer obstáculo, seguindo criteriosamente as ordenanças do Senhor com fé e obediência.

Neste cap.12 estaremos estudando sobre esses assuntos, e para melhor compreendê-los, devemos dividir o texto da seguinte forma:

Primeiro: *segundo o exemplo de Jesus* – Hb 12.1-13.

O autor de Aos Hebreus inicia este texto com uma informação que pode ser observada pelos estudantes das Escrituras da seguinte maneira: *a) Primeiro* – Ele adverte quanto às coisas que podem nos embaraçar nesta caminhada (deixemos todo o embaraço). Os embaraços que surgem na caminhada do cristão tende a impedir que ele cresça na presença do Senhor. Lembrando que não são poucos! *b)*

*Segundo* – Ele faz diferença entre “embaraço” e “pecado” (e o pecado que tão de perto nos rodeia). Esse tipo de pecado é visto como os vícios que acompanha a pessoa por onde quer que ela vá. A fé de um servo do Senhor não pode ser dizimada por nenhuma dificuldade ou erro. Há várias pessoas que alcançaram testemunho e que pode servir de referência nesta jornada – v.1.

O v.2 faz uma declaração dizendo que, os que aceitaram a Jesus Cristo como salvador devem servi-lo, sempre atentos aos movimentos que Ele realizou. Ele é o “Consumador”, ou seja, Ele já fez tudo que era necessário para que um dia possamos entrar nos céus pela porta.

Nos vers.3-4 o autor mais uma vez interage com seus leitores para mais uma breve observação: “*Considerai, pois, aquele que suportou tais contradições*” – v.3. Em primeiro lugar o autor utiliza-se da palavra “*considerar*”, quando falou do apostolado e sacerdócio do Senhor Jesus Cristo em Hb 3.1. Agora, ele vai usar a mesma palavra, porém, se referindo a toda sorte de sofrimento que veio sobre Jesus, estando Ele diante de seus algozes. Todavia, esta situação já havia sido declarada em Lc 2.34. O v.4 indica que, tudo que Jesus vivenciou como sofrimento no lugar do homem, ainda não havia chegado até as experiências pessoais dos judeus convertidos ao Cristianismo. Uma coisa esses cristãos deveria saber: eles já haviam perdido tudo que possuíam, porém, ainda não haviam sido entregues para morrer por causa de sua fé salvadora. Todavia, o futuro deles, que hoje é história para nós e, nos mostra como as coisas inverteram seus valores em relação às perseguições.

*Segundo: valorizando a correção como filhos* – Hb 12.5-13.

Os textos que aqui comentaremos, tem como base nos dar uma noção de quanto é viável entendermos os valores que uma ação corretiva de Deus tem para nossas vidas. O v.5 por sua vez, nos faz ter a necessidade deste entendimento. Esta mesma forma de expressão do autor de Aos Hebreus no v.6, é confirmada por João em Ap 3.19. A correção, de acordo com o v.7, é uma das maiores provas de que somos filhos de Deus e que por Ele somos amados – Pv 3.12; 13.24. Não que

seja uma questão de regra. Mas, na maioria das vezes, uma prova na vida do cristão é como um fertilizante para sua fé; um renovo para sua espiritualidade; uma oportunidade de adquirir maturidade cristã. O v.8 tem uma ressalva para os que andam como senão fossem filhos legítimos. Ou seja, vivem sem a devida disciplina. Este é considerado como “bastardo”, palavra esta do Gr. “*Nothoi*” que sig. “ilegítimo”, “produto que teve adulteração”. Na antiguidade, um filho que fosse gerado de um relacionamento com uma prostituta, uma meretriz, deveria ser banido de sua moradia, ou seja, era expulso de sua casa, pois não teria o direito à herança de seu pai. Um grande exemplo para isto foi à pessoa de Jefté – Jz 11.2.

Os vers.9-13 é uma sequencias de advertências que devem ser levadas em consideração: o v.9 é uma advertência quanto ao alvo da obediência. No mundo físico, obedecemos nossos pais mortais; no mundo espiritual, obedecemos Nosso Pai Eterno. Assim como nossos pais físicos buscou nos dar uma formação de vida adequada, o Senhor busca nos aperfeiçoar pela Sua Palavra. Todavia, a nossa verdadeira fé só terá a condição de nos conduzir a presença de Deus, é a fé que nos é dada pelas promessas do Senhor Jesus Cristo – v.10. O Senhor, por sua graça redentora, revelando amor e sabedoria por meio do Senhor Jesus Cristo, nos faz ver o quanto é importante nutrir uma vida de santidade ao longo de nossa jornada. Todavia, sem a verdadeira ou legítima disciplina, jamais teremos a formação do Fruto do Espírito em nós, nos dando esta condição de alegria pela correção do Pai das Luzes – vers.11-13.

Terceiro: *andando na busca pela santidade* – Hb 12.14-17.

Não é somente fé que nos liga as promessas do Senhor, mas, também, a busca pela santificação e a paz. O v.14 nos mostra o verdadeiro alvo dos cristãos, de maneira coletiva, em relação com as coisas físicas. A palavra “seguir” da gramática grega é “*diokete*”, nos arremete não somente ao desejo, mas, sim, a disposição em adquirir esta paz, independente dos desafios. O termo “*hagiasmon*” que define a “santificação” é uma forma de advertir que não podemos comprometer a santificação, na intenção de adquirir esta tão desejava paz.

O v.15 possui três palavras que não devemos ignorar: a) graça de Deus; b) raiz de amargura e c) contaminem.

a) A primeira palavra nos leva a uma definição: a graça de Deus é a razão de toda a promessa feita pelo Senhor, estar à disposição do homem. Sem esta graça, jamais teríamos qualquer manifestação favorável de Deus em relação ao homem caído (cf. I Co 15.10; II Co 9.11; Gl 2.21).

b) A segunda palavra se refere a um tipo de sentimento maligno. A amargura é um sentimento indevido a vida do cristão, pois esta palavra denota o sentimento de angustia, de aflição. Este sentimento quando brotado no interior do homem, pode ser uma grande plataforma de ação do adversário (cf. Dt 29.18; Rm 3.14).

c) A terceira palavra esta associada às formas de impureza que o mundo pode gerar na vida do cristão, quando este passa a se relacionar muito próximo com suas ofertas de prazeres (cf. Ef 5.3).

É notável esta colocação do escritor da Epístola aos Hebreus, quando nos vers.16-17 ele faz referência ao comportamento de Esaú diante de uma situação passageira. O autor considerou a ação de Esaú, uma ação de “fornicário” e “profano”. O termo grego para profano é “*bebelos*” que sig. “franqueado à passagem”. O termo “fornicário” do Gr. “*pornós*” sig. “aquele que viola a santidade das relações matrimoniais”. Isso quer dizer que Esaú olhou para o título de primogênito e não contemplou que neste título, estava inserida a promessa de Deus a Abraão. E, ainda agiu como alguém que violou a fidelidade a Deus.

Após ter visto que sua atitude havia-lhe tomado às bases das bênçãos do Senhor, foi a seu pai com lamentos, com sentimento de angustia, com lágrimas e gritos, mas isso já não lhe adiantava mais nada. Ele tinha todo o tipo de sentimento de alguém que perdeu muito com seu erro, só não tinha arrependimento em seu coração.

Os cuidados do Senhor pelo seu povo estiveram sempre em primeira evidência em relação ao ministério. O autor deste documento esteve nas mãos do Espírito Santo, sendo usado maravilhosamente, para que esses cuidados fossem aplicados no passado, e direcionados a nós, em nosso tempo presente.

Quarto: *aguardo o momento da partida* – Hb 12.18-24.

Chegamos diante de um conjunto de versos que nos arremetem a uma breve conclusão exortativa do autor aos cristãos que servem aquele que por um alto preço, conquistou as moradas eternas para o homem. Os versos que compõem este ponto do estudo podem ser divididos da seguinte maneira:

I – Primeiro: *ouvindo a voz do Senhor no A.T.* – vers.18-21.

O autor de Aos Hebreus, por uma questão muito óbvia, apresenta nesta parte de sua ministração, uma revelação de Deus que somente foi conhecida pelos israelitas quando eles estavam acampados no Deserto do Sinai. A manifestação do Senhor deve ser entendida como a de um Deus diferenciado de todos os deuses que o mundo antigo já pode conhecer, no sentido de cultuar. YHWH é um Deus que fala de maneira terrível! Sua revelação aos filhos de Israel foi intolerável, pois eles não conseguiram permanecer diante do monte que o Senhor escolheu para Se revelar a eles.

O autor aqui busca detalhar que, naquele monte, os israelitas não puderam sequer se aproximar, muito menos, tocar no monte. Eles somente ouviram a voz do Senhor. Sua voz era como o som de uma buzina insuportável (cf. Êx 20.18-19)! Eles não permaneceram no lugar de onde estavam, nem se quer puderam suportar o som da voz do Senhor – Êx 19.16-25. O monte do Senhor estava em chamas e fumaças! Tudo era plenamente diferente do que houvera acontecido no Egito.

II – Segundo: *ouvindo a voz do Senhor no N.T* – vers.22-24.

Agora, no v.22 o autor declara “Mas chegastes ao monte Sião, e à Cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos”. O termo Gr. “proseleluthate” da palavra “chegastes”

sig. “uma aproximação de Deus em adoração”. Tudo agora é bem diferente, pois entre o Monte Sinai e o Monte Sião, encontramos uma forma paradoxal entre o Antigo Pacto e o Novo. No Sinai o povo estava proibido de ter acesso a Deus, aceto Moisés. No Monte Sião, o acesso é quase que obrigatório, pois Jesus foi quem nos deu este livre acesso – Ef 2.18; 3.11-12.

O v.23 inicia com as seguintes palavras: “À universal assembléia e Igreja dos primogênitos”. É importante que entendamos a composição da Igreja do Senhor Jesus Cristo. Uma certa feita Ele disse: “*Ele, porém, respondendo, disse ao que lhe falara: Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? E, estendendo a sua mão para os seus discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; Porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe*” – Mt 12.48-50. Com essas palavras o Senhor deixou bem claro que Sua Igreja é uma construção familiar. E, que a Igreja, deve estar em cada pessoa e em cada família. Quando Cristo realizou Sua obra redentora, Ele construiu um só corpo, sendo Ele a cabeça deste corpo – Ef 4.1-4.

Além de sermos uma só unidade em Cristo, fazemos parte de um grupo de pessoas chamadas de “*Igreja dos Primogênitos*”. Dentre os que morreram e ressuscitaram para nunca mais vivenciarem a morte, só encontramos Jesus Cristo. Ele é o primogênito dos mortos – Cl 1.18; no grego, primogênito é “*prototokos*” que sig. “aquele que tem o direito de estar na frente”, “aquele cuja herança é maior”. Vale observar aqui, que a intenção do autor é em destacar “e igreja dos primogênitos”, e não “à Igreja do Primogênito”. Sendo assim, ele se refere a todos os que já morreram em Cristo Jesus, e que seus nomes já estão arrolados entre os que já são herdeiros das riquezas celestiais.

No v.24 o autor coloca em plena evidencia a Pessoa do Senhor Jesus Cristo, definindo aqui que três elementos: a) Jesus é o Mediador da Nova Aliança; b) O sangue da aspersão; c) melhor do que o de Abel.

*a) Jesus é o Mediador da Nova Aliança:* em Jesus Cristo todos os cristãos estão convidados a participarem de uma mesa, cujo Ele mesmo é o Anfitrião. Enquanto não acontece com a Igreja

que está na terra, a mesma coisa que está acontecendo com os salvos (*os primogênitos*), estribamo-nos na esperança que está em Jesus, o Único Mediador diante do Pai. Tudo isto só é possível, mediante a Nova Aliança que Ele mesmo fez em Si mesmo pelo Seu próprio sacrifício.

b) *O sangue da aspersão*: em relação ao comentário do autor deste documento quanto ao sangue da aspersão, KISTEMAKER assim o define: “Quando Moisés confirmou formalmente a primeira aliança no Sinai, ele aspergiu sangue no altar, no rolo, no povo, e mesmo no tabernáculo (Êx 24.6-8; Hb 9.17-22). Sangue aspergido significava perdão de pecado, porque “sem derramamento de sangue não há perdão” (Hb 9.22). Jesus inaugurou a nova aliança ao derramar seu sangue de um à vez por todas no Gólgota. Por causa do sangue aspergido, os crentes entram na presença de Deus como pecadores perdoados – Hb 10.22; I Pd 1.2”.<sup>28</sup>

c) *Melhor do que o de Abel*: e, em relação a esta melhor condição quanto ao sangue de Jesus Cristo falar melhor que o sangue de Abel, Severino Pedro da Silva tem a seguinte definindo que o sangue de Abel era de fato o sangue de uma pessoa justa, porém, seu sangue não era capaz de justificar nem a ele mesmo, pois foi Deus que o justificou.<sup>29</sup>

d) Em relação a Cristo, por si mesmo, sem nenhum acréscimo, “purifica-nos de todo pecado” (I Jo 1.7).

Assim, nós podemos entender que os que hoje estão estabelecidos nos céus, já venceram todas suas lutas e provações, recebendo com isto, o direito de entrar nos céus pela porta.

Quinto: *Permanência em Cristo, como prova de fé* – Hb 12.25-29.

Estamos nos assuntos finais deste cap.12 e deveríamos dar muita atenção às informações que aqui iremos abordar. A primeira declaração do autor no v.25 é referente à aceitação da mensagem

---

28 KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento...* Op. cit., p. 557.

29 Cf. SILVA, Severino Pedro da. *Epístola aos Hebreus...* Op. cit.

que já fora anunciada e que jamais poderá ser rejeitada: “*Vede que não rejeiteis as que fala*”. E, o autor finaliza a sequencia final desse assunto, com uma advertência um tanto quanto temerosa: “*Porque o nosso Deus é um fogo consumidor*” – v.29. O que podemos definir nesta conclusão é que, o autor deste documento busca em todos os meios e ângulos, elucidar uma ação Divina, lembrando a seus leitores que, não seja pelo fato de estarmos vivendo a plenitude da graça de Deus, que nossas responsabilidades serão menores que as dos israelitas que de forma consciente, pecaram contra a Lei do Senhor. Muito pelo contrário, se o homem na atual dispensação nega a oferta do: “*ágape de Deus*”, deve ser visto como digno de mais alta sentença.

A fala do autor em relação ao v.26 está em plena harmonia com a fala do profeta Ageu em Ag 2.6-7. Não somente os homens, como toda a estrutura criada pelo Senhor, está necessitando de restauração. Sendo assim, o que podemos entender é: muito em breve, e o Senhor revelará seu poder restaurador, fazendo uma mudança extremamente generalizada, onde os elementos por Ele criados e adulterados pelos pecados dos homens sofreram extrema restauração (cf. vers.27-28).

O v.29 não é uma ameaça, mas, sim, uma advertência para os que desejam abandonar os projetos redentivos do Senhor. Na mesma dimensão que o Senhor age como fogo que purifica (cf. Mt 3.2-3), Ele age como fogo que extermina que destrói e, que aniquila (cf. II Cr 7.1-3).

### **Assuntos finais em Hebreus**

Uma coisa é vivermos escorados em teorias e outra e construirmos uma plataforma prática de vida. O autor de Aos Hebreus está encerrando este documento, e tem a nítida intenção de conduzir seus leitores ao desejo de uma vida que vali além de somente ouvir, mas, sim, de praticar o que se ouviu – Tg 1.22-23. Os assuntos que encerram esta epístola nos direcionarão para o entendimento do viver uma vida plena em obediência a Palavra do Senhor.

Para uma melhor compreensão dos assuntos que aqui serão abordados, estaremos comentando cada versículo de forma resumida, porém, objetiva:

a) O v.1 o autor direciona a atenção de cada membro da Igreja, para a importância de conservar o amor fraternal. O amor é à base de todas as coisas. Não há como permanecer inserido no Corpo de Cristo, se este sentimento for neutralizado ou eliminado da vida cristã.

b) O v.2 está evocando os cristãos para a prática contínua de hospitalidade. Este é uma prática que torna possível a assistência individual do cristão na obra do Senhor. Lembrando que a fala do autor: “alguns, não sabendo, hospedaram anjos”, significa dizer que, esta prática ou virtude, pode resultar em bênçãos, tanto material como espiritual.

c) O v.3 é uma forma de estimular os cristãos a auxiliarem os que por amor a Cristo, estão sofrendo prisões. Esta forma de viver em função do testemunho do amor a Cristo, deveria ser visto como algo honroso, pois resultará em glória futura.

d) O v.4 faz alusão ao matrimônio. O autor deseja que seus leitores entendam o quanto é importante manter a santidade no sei do relacionamento conjugal. Os cristãos não deveriam sujeitar o casamento polígamo como forma de vida conjugal.

e) Os vers.5-6 é uma advertência contra toda e qualquer forma de cobiça. Lembrando que. A proibição da cobiça é um mandamento legislativo do Senhor. O autor desta epístola declara que: “*seja a vossa vida sem avareza*”, tendo em mente que, esses pecados, em especial a “cobiça” ou “avareza”, de destacam pelo desejo incontrolável de sempre querer mais do que já possui. Por esta razão ele declara: “*Contentai-vos com as coisas que tendes*”!

f) O v.7 faz referência aos pastores que já não atuam mais como apascentadores do rebanho do Senhor. Ele pode estar se referindo a pastores que foram jubilados (o que é pouco

provável), como pode estar se referindo aos pastores que já não se encontram mais entre os mortais (o que é mais provável). Quanto a esses pastores, o texto grego utiliza-se do verbo: “*mnemoneuete*” para “lembrai-vos”, alertando que esses homens jamais poderiam ser esquecidos, em especial, pelos exemplos de fé que deixaram.

g) O v.8 é um dos maiores pilares da Teologia Cristológica, pois nos revela a Imutabilidade e Eternidade do Senhor Jesus. Ele é o Verbo de Deus (Gr. Logos), que está desde antes de tudo em plena harmonia com a Trindade, realizando toda obra redentora. Para isso, antes de tudo vir à existência, Ele assumiu o título de Cordeiro de Deus, de Filho Unigênito, e pode, pela Sua humanização, remover o homem da morte eterna, trazendo-o para o centro de Seu amor – Cl 1.12-13.

h) O v.9 é uma advertência contra as falsas doutrinas, ou doutrinas paganizadas, produzidas pelos grupos dos gnósticos. Esses gnósticos perseguiram com insistência a todos os que professavam sua fé em Jesus Cristo. Não somente os gnósticos, como também, os judeus conservadores, buscavam afrontar a fé dos judeus-convertidos a Cristo. Não bastassem os perseguidores doutrinários, havia também os que se escondiam nas diversas formas de observações quanto às leis cerimoniais.

i) Os vers.10-13 nos colocam diante de dois altares: Um altar que não tem o direito de comer os que servem ao tabernáculo – v.10; O segundo altar que é Jesus Cristo, está disponível aos cristãos, e neste só há uma oferta pelo pecado: O sangue do Cordeiro de Deus. O autor nos convida a irmos até Ele, sem nos importamos em sofrer as mesmas vergonhas (*vitupérios*) que Ele sofreu desde que possamos comer do que foi oferecido: Sua carne e Seu sangue.

j) No v.14 o autor enfatiza que nossas expectativas não devem estar condicionadas a este mundo. Para que possamos viver em uma cidade que foi produzida para nós desde antes da

criação dos céus e da terra (cf. Jo 14.1-2), devemos sair das portas de Jerusalém terrena, mesmo que para isto soframos os mesmos opróbrios do Senhor, para desfrutarmos de uma Cidade Celestial.

k) Os vers.15-16 é uma alusão à forma como o cristão deve comparecer diante do Senhor. A palavra: “sacrifício de louvor” é uma definição que podemos compreender como: os crentes devem sacrificar seus sofrimentos, ou trocá-los por alegria ou honra. Em relação ao sacrifício de louvor, Wiley define este texto da seguinte forma: “o primeiro era conhecido como oferta de paz, a qual, depois que o sangue era aspergido sobre o altar, devia ser comida, em conjunto, pelos sacerdotes e os da congregação. Tornava-se, assim, o símbolo da vida e da comunhão com Deus restaurados. O segundo era a oferta de manjares, composta de farinha fina e outros ingredientes, sendo o símbolo do sustento e do crescimento da nova vida espiritual. A oferta mais elevada, porém, dessas era a oferta queimada, que se consumia inteiramente sobre o altar. De maneira peculiar, essa oferta simbolizava a devoção plena a Deus da nova vida espiritual, estando especialmente associada ao louvor”.<sup>30</sup>

l) O v.17 faz referência à obediência aos homens que foram colocados pelo Senhor, para serem os guias (pastores) do rebanho de Cristo. O foco da responsabilidade desses homens aqui é destacado pela palavra: “velam’ que significa aquele que perde o sono”. A responsabilidade que existe sobre os ombros daqueles que foram responsabilizados em estar cuidando, alimentando, protegendo, conduzindo de forma segura o rebanho do Senhor, é exemplificado pelo autor de Aos Hebreus, em analogia aos pastores de ovelhas que, por uma questão de zelo, de responsabilidade, de amor e lealdade ao Senhor das ovelhas, perdiam o sono durante a noite, somente para proteger o rebanho. Este é o comportamento que se via nos pastores da antiguidade.

---

30 WILEY, Orton H. *A excelência da Nova Aliança em Cristo...* Op. cit., p. 554.

m) Os vers.18-19 o autor está solicitando que os irmãos estejam em constante oração pelas vidas daqueles obreiros que entregaram sem reservas, para apascentarem a Igreja do Senhor e levar a mensagem do Evangelho onde quer que o Senhor lhes ordenassem. Aprendemos aqui que não existe ministério forte, se a oração não for a matriz que alimenta este ministério. E todos são convidados a atuarem juntos neste campo de batalha.

n) Os vers.20-21, é uma forma de benção apostólica que possuía como objetivo, impetrar toda sorte de bênçãos espirituais para a vida seletiva e coletiva da Igreja do Senhor.

o) Os vers.22-25, são exortações que não poderiam faltar na conclusão deste documento. Lembrando que, tudo o que foi estudado aqui, só será possível se cumprir na vida de cada cristão, mediante a graça do Senhor Jesus Cristo. Sem esta graça, nada seria possível ser realizado em bem-aventurança ao homem que está em estado de queda pecaminosa.

## Conclusão

Assim como o autor de Aos Hebreus buscou exortar os cristãos judeus convertidos a Cristo, que estavam sendo persuadidos a voltarem às práticas dos rituais das leis judaicas, negando a eficácia do sacrifício de Cristo, a permanecerem firmes e constantes na fé. Eu desejo que você, aluno ETEB, esteja firme e constante na busca pelo conhecimento da Palavra do Senhor. Sempre lembrando que, o conhecimento é o resultado da intimidade de alguém com outro ou com algo. Amém.



## Referências:

- BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985.
- CONNER, Kevin J. *Os segredos do Tabernáculo de Moisés: série segredos bíblicos*. 1 Ed. Belo Horizonte: Editora Atos Ltda. 2004.
- DOCKERY, David S. *Manual Bíblico Vida Nova*. 1 Ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2001.
- HORTON, Stanley M. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*. 1 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.
- KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Exposição de Hebreus*. 1 Ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.
- LIMA, Josadak. *Teologia Sistemática I: Deus, Soteriologia, Pneumatologia*. 1 Ed. UNIASSELV, 2009.
- LOPES, Hernandez Dias. *HEBREUS - a supremacia de Cristo*. 1 Ed. São Paulo: Hagnos, 2018.
- ROBINSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento*. 1 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- SILVA, Severino Pedro da. *Epístola aos Hebreus. As coisas novas e grandes que Deus preparou para você*. 6 Ed. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2013.
- STRONG, James. *Dicionário STRONG*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. [On-line, cód. 4152].
- PATRÍSTICA. *Justino de Roma - I e II Apologias Diálogo com Tristão*. 2 Ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- WILEY, Orton H. *A excelência da Nova Aliança em Cristo: Comentário Exaustivo da Carta aos Hebreus*. 1 Ed. Editora Central Gospel: Rio de Janeiro, 2008.

 (27) 3376-0363

 [facebook.com/EditoraMilfontes](https://facebook.com/EditoraMilfontes)

 [@espacomilfontes](https://instagram.com/espacomilfontes)

Conheça mais sobre a Editora Milfontes.  
Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.  
Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas  
Cormorant Garamon, Bebas Neue e Playlist Script.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada  
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



---

M I L F O N T E S